

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ANTOLOGIA GREGA

EPIGRAMAS VOTIVOS E MORAIS (LIVROS VI E X)

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO
CARLOS A. MARTINS DE JESUS

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

Apresentação: Esta série procura apresentar em língua portuguesa obras de autores gregos, latinos e neolatinos, em tradução feita diretamente a partir da língua original. Além da tradução, todos os volumes são também caracterizados por conterem estudos introdutórios, bibliografia crítica e notas. Reforça-se, assim, a originalidade científica e o alcance da série, cumprindo o duplo objetivo de tornar acessíveis textos clássicos, medievais e renascentistas a leitores que não dominam as línguas antigas em que foram escritos. Também do ponto de vista da reflexão académica, a coleção se reveste no panorama lusófono de particular importância, pois proporciona contributos originais numa área de investigação científica fundamental no universo geral do conhecimento e divulgação do património literário da Humanidade.

Breve nota curricular sobre o autor da obra

Carlos A. Martins de Jesus é doutorado em Estudos Clássicos (especialidade de Literatura Grega) pela Universidade de Coimbra, desenvolvendo à data uma investigação de Pós-doutoramento financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia sobre a *Antologia Grega* (transmissão e tradução). Tem publicado um conjunto amplo de trabalhos, entre livros e artigos em revistas da especialidade, a maior parte dos quais dedicados à poesia grega e à sua tradução para português. Assinou a tradução das obras de diversos autores gregos (Arquíloco, Baquírides, Ésquilo, Aristófanes, Plutarco, entre outros), além de trabalhar continuamente na direção de teatro de tema clássico, em Portugal e Espanha.

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ESTRUTURAS EDITORIAIS
SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ISSN: 2183-220X

DIRETORAS PRINCIPAIS
MAIN EDITORS

Carmen Leal Soares
Universidade de Coimbra

Maria de Fátima Silva
Universidade de Coimbra

Maria do Céu Fialho
Universidade de Coimbra

ASSISTENTES EDITORIAIS
EDITORIAL ASSISTANTS

Nelson Ferreira
Universidade de Coimbra

COMISSÃO CIENTÍFICA
EDITORIAL BOARD

Adriane Duarte
Universidade de São Paulo

Frederico Lourenço
Universidade de Coimbra

Aurelio Pérez Jiménez
Universidad de Málaga

Joaquim Pinheiro
Universidade da Madeira

Graciela Zeccin
Universidade de La Plata

Lucía Rodríguez-Noriega Guillen
Universidade de Oviedo

Fernanda Brasete
Universidade de Aveiro

Jorge Deserto
Universidade do Porto

Fernando Brandão dos Santos
UNESP, Campus de Araraquara

Maria José García Soler
Universidade do País Basco

Francesc Casadesús Bordoy
Universitat de les Illes Balears

Susana Marques Pereira
Universidade de Coimbra

TODOS OS VOLUMES DESTA SÉRIE SÃO SUBMETIDOS
A ARBITRAGEM CIENTÍFICA INDEPENDENTE.

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ANTOLOGIA GREGA

EPIGRAMAS VOTIVOS E MORAIS (LIVROS VI E X)

TRADUÇÃO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO

CARLOS A. MARTINS DE JESUS

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

TÍTULO TITLE

Antologia Grega. Epigramas votivos e morais (livros VI e X)
Greek Anthology. Votive and ethical epigrams (book VI and X)

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO

TRANSLATION FROM THE GREEK, INTRODUCTION AND COMMENTARY

Carlos A. Martins de Jesus

ORCID

0000-0002-8723-690X

EDITORES PUBLISHERS

Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra University Press
www.uc.pt/imprensa_uc

Contacto Contact

imprensa@uc.pt
Vendas online Online Sales
http://livrariadaimprensa.uc.pt

Coordenação Editorial Editorial Coordination

Imprensa da Universidade de Coimbra

Conceção Gráfica Graphics

Rodolfo Lopes, Nelson Ferreira

Infografia Infographics

Nelson Ferreira

Impressão e Acabamento Printed by
KDP

ISSN

2183-220X

ISBN

978-989-26-1629-2

ISBN Digital

978-989-26-1630-8

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-1630-8>

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, DA TECNOLOGIA
E DA ALTA EDUCAÇÃO
POCI/2010



Obra publicada no âmbito do projeto
- UID/ELT/00196/2013.

© novembro 2018

Imprensa da Universidade de Coimbra
Classica Digitalia Vniversitatis
Conimbrigensis
<http://classicadigitalia.uc.pt>
Centro de Estudos Clássicos e
Humanísticos da Universidade de
Coimbra

ANTOLOGIA GREGA.
EPIGRAMAS VOTIVOS E MORAIS (LIVROS VI E X)
GREEK ANTHOLOGY. VOTIVE AND ETHICAL
EPIGRAMS (BOOK VI AND X)

TRADUÇÃO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO POR
TRANSLATION, INTRODUCTION AND COMMENTARY BY
Carlos A. Martins de Jesus

FILIAÇÃO AFFILIATION
Universidade de Coimbra University of Coimbra

RESUMO

O livro VI da *Antologia Grega* inclui 358 epigramas votivos, peças pouco extensas que, destinadas a ser gravadas ou exercícios poéticos sobre um modelo mais antigo, expressam as razões da oferenda a uma divindade de objetos do dia-a-dia do indivíduo que os dedica. Simplicidade e sinceridade são os termos que melhor resumem a maioria destes textos.

Quanto ao livro X, já apelidado *livro de Páladas* pelo elevado número de composições desse poeta nele incluídas, contempla 126 epigramas que devem ler-se como ponto de chegada de uma tradição antiquíssima de poesia gnómica e moralizante. Oscilam estas composições entre o mais luminoso dos otimismo e o mais extremo pessimismo, pesando o prato da balança, com distinção, para o último.

PALAVRAS-CHAVE

Antologia Grega, Epigrama, poesia votiva, poesia moral

ABSTRACT

Book five of the *Greek Anthology* gathers 358 votive epigrams, usually short pieces that, rather intended to be engraved or exercises upon an older model, inform about the reasons for the dedication of everyday-life objects of those who dedicate them. Simplicity and honesty are the words that better resume most of these texts.

As for book X, already called *Book of Palladas* given the large number of poems by him that it includes, it gathers 126 epigrams that are to be read as the result of a very old tradition of gnomic and moralizing poetry. Shining optimism and obscure pessimism are the two poles one can find in these texts, with a clear preference for the last one.

KEYWORDS

Greek Anthology, Epigram, votive poetry, ethic poetry

AUTOR

Carlos A. Martins de Jesus é doutorado em Estudos Clássicos (especialidade de Literatura Grega) pela Universidade de Coimbra, desenvolvendo à data uma investigação de Pós-doutoramento financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia sobre a *Antologia Grega* (transmissão e tradução). Tem publicado um conjunto amplo de trabalhos, entre livros e artigos em revistas da especialidade, a maior parte dos quais dedicados à poesia grega e à sua tradução para português. Assinou a tradução das obras de diversos autores gregos (Arquíloco, Baquilides, Ésquilo, Aristófanes, Plutarco, entre outros), além de trabalhar continuamente na direção de teatro de tema clássico, em Portugal e Espanha.

AUTHOR

Carlos A. Martins de Jesus has a PhD in Classical Studies (speciality of Greek Literature) by the University of Coimbra, and is currently working on a postdoctoral research founded by the Fundação para a Ciência e Tecnologia, on the *Greek Anthology* (transmission and translation). He has a large record of published works, both books and papers in periodical publications, mostly devoted to Greek poetry and its translation into Portuguese. He is the author of the Portuguese translation of several Greek authors' works (Archilochus, Bacchylides, Aeschylus, and Plutarch, among others), besides working continuously on classical theatre direction, both in Portugal and Spain.

Volume editado no âmbito do Pós-doutoramento em Estudos Literários financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, IP e pelo POPH.

(Página deixada propositadamente em branco)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	
1. A <i>Antologia Grega</i>	11
2. Epigramas votivos (livro VI)	14
3. Epigramas morais (livro X)	17
BIBLIOGRAFIA	20
EPIGRAMAS VOTIVOS (LIVRO VI)	23
EPIGRAMAS MORAIS (LIVRO X)	151
ÍNDICE DE EPIGRAMATISTAS	187

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO

1. A *ANTOLOGIA GREGA*

Parece remontar ao século IV a.C. o hábito de organizar antologias poéticas de um só autor – de que são exemplo as diversas *Simonidea* de que há notícia, com um conjunto de inscrições atribuídas ao poeta de Ceos, não necessariamente da sua lavra, muitas delas sequer suas contemporâneas. A prática ganharia um desenvolvimento mais evidente durante o século III a.C., quando os próprios poetas terão passado a organizar coletâneas das suas composições, que assim conseguiam maior divulgação – Ânite, Asclepiades, Calímaco ou Posidipo são disso exemplos. A verdade é que o epigrama deixara, há um século pelo menos, de ter como funcionalidade exclusiva a sua inscrição na pedra. Chegados ao século III a.C., a sua vertente ficcional, com os mais diversos temas e propósitos, tinha já ascendido à categoria de género literário, cedo se transformando na forma poética de eleição para a maioria dos autores. Tanto que a reunião antológica de epigramas de diversos autores, como bem explica Alan Cameron (1993: 4), mais do que uma opção, terá sido uma consequência inevitável.

A *Antologia Grega*, vulgarmente conhecida como *Antologia Palatina* devido ao principal manuscrito que no-la transmitiu, consiste, nas edições modernas, num vasto conjunto de epigramas em diversos metros, ainda que maioritariamente em dísticos elegíacos, organizado em dezasseis livros, e que perfaz a impressionante soma de mais de quatro mil componentes poéticos. Trata-se, inegavelmente, do maior florilégio poético em língua

grega conservado, recolhendo poemas de um vastíssimo lapso temporal, que na realidade cobre todos os períodos tradicionais da cultura Grega (arcaico, clássico, helenístico e bizantino). Transmitida essencialmente por dois códices, o chamado *Palatinus* (*Palatinus Graecus* 23 + *Parisinus Graecus Suppl.* 384 = **P**) de finais do século X e o autógrafo do século XIV de Máximo Planudes (*Marcianus Graecus* 481 = **PI**), depende maioritariamente de uma antologia epigramática que não conservamos, organizada por Constantino Céfalas nos inícios do século X, a qual terá reproduzido, sem muitas alterações (tal qual uma edição revista e aumentada), o anónimo copista de **P**. Céfalas, que provavelmente foi protopapa de Constantinopla, teria recuperado um conjunto de florilégios anteriores do epigrama grego, recorrendo sobretudo aos que organizara Meleagro (inícios do século I a.C.), Filipo (século I) e Agátias (século VI), aos quais acrescentou epigramas de outras fontes¹, organizados temática e alfabeticamente.

Dizíamos antes que não é por acaso que mais comumente se conhece a *Antologia Grega* como *Antologia Palatina*. Se é certo que, desde o século XVIII, com as edições de Reiske (1754), Brunck (1772-1776) e Jacobs (1794-1814), é **P** a principal fonte de organização e edição da *Antologia Grega*, durante mais de três séculos e desde a sua *editio princeps*, pela mão de Láscares (1494), foi a recensão de Planudes a única conhecida e divulgada. Apenas em 1606 Saumaise, que teria descoberto uma cópia do *Palatinus* num códice do séc. XI, começa a copiar os epigramas

¹ Além dos três florilégios principais, que desde logo nos permitem a transmissão de epigramas de um vastíssimo lapso temporal, tem-se como muito provável o uso direto de antologias pessoais de poetas com ampla presença na Antologia, como já referíamos, como sejam Estratão (livro XII), Páladas, Rufino ou Leónidas, além de recolhas autorais como os Simonidea, os Anacreontea ou coletâneas sobre Homero, por exemplo.

que faltavam à já conhecida *Antologia de Planudes*, não levando no entanto a bom porto o projeto da sua edição completa. A atual organização em dezasseis livros tematicamente organizados de epigramas depende da edição de Dübner (1846-1877)², que pela primeira vez incluía num 16º livro os componentes apenas colacionados por Planudes, ausentes de toda a tradição manuscrita de **P**.

No que a traduções completas e sistemáticas diz respeito, até à data contamos com as seguintes edições bilíngues: a francesa da coleção Budé (1929-1980, 13 vols., Paris, Les Belles Lettres), a inglesa de R. Patton (1916-1918, 5 vols., London, William Heinemann Lda.), a alemã de H. Beckby (1957-1965, 4 vols., München) e as duas italianas de F. M. Pontani (1978-1981, 4 vols., Torino, Einaudi) e M. Marzi (2005-2011, 3 vols., Torino, UTET). Se, por um lado, são de grande utilidade os volumes da *Antologia* da coleção Budé sobretudo pela extensão dos seus aparatos e das notas de pé de página e complementares – além de ter em marcha um processo de atualização de alguns livros pela inclusão sistemática da lição de algumas *syllogae minores* –, o texto-base da nossa tradução é o que consta dos dois volumes da edição de Beckby (1957-1965), sempre que possível confrontado com as edições (por autores) de Gow-Page (1965, 1968) e Page (1981). É propósito da presente série lograr, a médio-prazo, uma tradução completa em Português da *Antologia*, acompanhada das explicações mínimas necessárias a um leitor não familiarizado com a língua grega, sob a forma de introduções e notas de rodapé.

² À segunda edição da *Anthologia Graeca* de Jacobs (2^a1813-1817) se deve, na realidade, a primeira numeração dos poemas exclusivos da tradição Planudea, editados em apêndice à referida edição, pelo que é sua, em rigor, a *editio princeps* desses textos enquanto livro autónomo.

2. EPIGRAMAS VOTIVOS (LIVRO VI)

Os 358 epigramas do livro que o anónimo compilador de **P** (fólios 141-206) quis dedicar à poesia votiva constituem, na sua maioria, peças pouco extensas que, destinadas a ser gravadas ou exercícios poéticos sobre um modelo mais antigo, expressam as razões da oferenda a uma divindade de objetos essencialmente corriqueiros, do dia-a-dia do indivíduo que os dedica.

Foge à regra um conjunto de componentes, copiados sobretudo na parte final do livro, entre os quais se contam epigramas amorosos (núms. 88, 133), satíricos (núms. 283, 291), descritivos de objetos que não parecem ter sido alvo de qualquer dedicatória (núms. 61, 113, 126, 241, 257, 337, 348), a celebração de uma vitória (núm. 350) e, caso muito especial mas de nenhuma forma votivo, os dísticos anacíclicos de Nicodemo de Heracleia (núms. 314-320, 323)³. À lista das exceções devem ainda acrescentar-se aqueles epigramas que, não constituindo na realidade a *legenda* de uma oferenda, se relacionam mais ou menos diretamente com o género votivo, como sejam os poemas que acompanhariam o envio de um presente ou a dedicatória de obras a qualquer alta personagem (núms. 227, 229, 249, 250, 261, 321, 322, 325, 327-329, 335, 345) – e, nestes casos, o certo é que o essencial da estrutura votiva se mantém, com a única diferença de o destinatário ser um mortal e não uma divindade –, ou as celebrações de aniversário (núms. 226, 227, 235), entre outros.

Alguns dos componentes deste livro, sobretudo os mais antigos, deveriam ser realmente famosos, a avaliar pela quantidade

³ Vd. nota ao núm. 6.314. O facto de alguns destes epigramas procederem à descrição de obras de arte (núms. 6.315-317) pode explicar a sua inclusão equivocada neste livro, se de alguma forma o copista as considerou ex-votos.

de fontes que os refere. Desde logo, a *Suda* cita passos de 225 composições; e autores como Heródoto, Plutarco, Pausânias, Diodoro, Tucídides, Demóstenes ou Ateneu, além de testemunharem a circulação que conheceram estes poemas, são fundamentais para o seu estabelecimento textual, porquanto permitem a confrontação com a tradição antológica⁴. Esta questão prende-se com outra, a saber, a das fontes manuscritas que teria utilizado Céfalas, como se disse a principal fonte de **P**. À parte as séries epigramáticas que parecem colhidas das grinaldas de Meleagro (núms. 109-157, 210-226, 262-313, 351-358), de Filipo (núms. 88-108, 227-261) e de Agátias (núms. 25-30, 54-59, 63-86)⁵, peças como os referidos epigramas anacíclicos de Nicodemo ou as atribuídas a poetas como Leónidas (núms. 321-322, 324-329), Anacreonte (núms. 134-143), Calímaco (núms. 146-150) ou Simónides (núms. 212-216), seguidas em **P**, podem ter sido copiadas de florilégios desses autores que por certo circulariam ao tempo de Céfalas.

No global, porém, a organização preferida é temática e não autoral. Em mais do que uma ocasião, uma mesma oferenda votiva é assunto de um grupo de epigramas, como exemplificam as 20 peças (núms. 11-16 e 179-187) que reescrevem o epigrama de Leónidas (núm. 13) sobre a oferenda de três irmãos pescadores a Pã⁶. No caso, dois poetas como Árquias (núms. 16, 179-181) e Zózimo (15, 183-185) compõem quatro epigramas cada um sobre o mesmo episódio, prova mais do que evidente da sua fama e, a outro nível, da composição de epigramas votivos como exercício poético, não com vista à sua inscrição. Se, por um lado, sabemos que a partir da época helenística o epigrama

⁴ Apenas o núm. 6.138 se conserva numa inscrição, com não mais que pequenas variantes textuais. Vd. *infra*, nota ad loc.

⁵ O elenco pertence a Waltz (1931 repr. 2002: 13).

⁶ Vd. nota ao núm. 6.13 e Ypsilanti (2006).

deixou de ter como finalidade única a sua inscrição material, tampouco é inequívoco considerar, por outro, que apenas as peças mais antigas do livro terão conhecido a forma inscrita. Outros aspetos, porém, parecem invalidar a materialidade de alguns componentes, como sejam a natureza paródica de alguns componentes (e.g. núms. 254, 293, 305) ou a atribuição do ato votivo a um personagem lendário ou mesmo a uma divindade (e.g. núms. 49, 58, 73, 76, 78, 83, 87, 88, 77, 358).

Seja como for, simplicidade e sinceridade são os termos que melhor resumem a maioria dos epigramas do livro VI. Na maior parte dos casos, trata-se de elencos desprovidos de grandes comentários ou artifícios além de epítetos ou metáforas do(s) objeto(s) consagrado(s) por um ou vários donatários. Por via de regra, primeiro se identifica(m) esse(s) objeto(s) e, só ao final, quem o(s) ofertou, a sua origem, ascendência e profissão – cujo abandono, por velhice ou mudança deliberada de vida, é o motivo principal da dedicatória à divindade que sempre esteve ao lado desse(s) indivíduo(s). Reflexo, uma vez mais, da mudança de foco da poesia helenística – mas que era já preconizada em poetas arcaicos ou clássicos como Arquíloco, Anacreonte ou Safo –, os poetas olham agora com mais atenção para o quotidiano do grego comum, o grego trabalhador das classes mais desfavorecidas.

Com as dificuldades lexicais de tradução que isso tantas vezes implica, o que estes epigramas oferecem é um retrato fiel e pormenorizado da vida privada desses gregos e gregas – lavradores, pescadores, caçadores, padeiros, mestres de escola, tecedeiras, jovens casadoiras, esposas, viúvas e prostitutas – e das suas vivências pessoais da religiosidade. “Não é grande a oferta, mas é sentida” (núm. 190.4) é a afirmação lapidar de Antífilo de Bizâncio, poeta sensivelmente contemporâneo de Augusto, que melhor resume o sentido básico destes poemas.

Textos votivos que, na forma e na intenção, não mudaram afinal muito, se comparados com os ex-votos que, ainda atualmente, se oferecem a deuses e santos um pouco por todo o mundo.

3. EPIGRAMAS MORAIS (LIVRO X)

Com os seus 126 epigramas – na realidade 128, contando com os núms. 107b e 124b – o livro X é um dos mais curtos da ordenação tradicional da *Antologia*. Vencem-no, a esse nível, apenas os livros III (os 19 epigramas que estariam gravados nos pilares de Cízico), XIII (31 componentes de vários metros) e XV (os 51 *varia* da *Antologia*). Não obstante, está repleto de verdadeiras pérolas poéticas e, regra geral, falam alto a universalidade e a atualidade das suas mensagens, razão pela qual, desde logo, não dão aso a uma multiplicação de notas à tradução.

Um primeiro grupo de componentes (núms. 1-25) não constitui, em rigor, epigramas morais ou de exortação ética; são como muito exortativos, devendo talvez ter sido copiados no livro IX da *Antologia*. Esse o caso dos núms. 1-16, convites e incentivos aos marinheiros, caçadores e viajantes para retomar os seus ofícios, agora que a primavera regressou, mas também dos núms. 17-25, ainda de tema diverso e apenas indiretamente possíveis de qualificar como epigramas éticos, imediatamente antes de uma primeira série autoral de Luciano (núms. 26-29, [30], 31) que abre, definitivamente, o rol de componentes de intuito moralizante do livro. A partir daqui, e além do já referido Luciano, destacam-se pela quantidade e valor dos componentes deles incluídos nomes como os de Páldas de Alexandria (núms. 34, 44-63, 65, 72, 73, 75, 77-99) e, do grupo dos poetas bizantinos do ciclo de Agátias, Justiniano, o próprio Agátias, Macedónio, Paulo Silenciário e Teeteto (núms. 64, 66-71, 74,

76), na antecâmara de um grupo final de componentes maioritariamente anónimos ou de autores de épocas diversas (núms. 100-126).

A constituição do livro VI, como o conhecemos, tem de ser entendida como ponto de chegada de uma tradição antiquíssima de poesia gnómica e moralizante que remonta a Homero e Hesíodo, se fez parte integrante dos líricos e elegíacos gregos – e o caso de Teógnis, já no séc. VI a.C., é de facto especial –, mas também dos trágicos e, no geral, marca presença em todos os períodos da literatura grega e latina. Cedo, aliás, se constituíram florilégios que recolhiam as pérolas morais destes e outros autores, de que o *Anthologium* de Estobeu (séc. VI da era cristã) é talvez o melhor exemplo, ele que foi, junto com outros compêndios de máximas, sentenças, aforismos, provérbios e *apophthegmata*, fonte manuscrita segura para este livro⁷. Sobre tudo para os epigramas mais breves, em concreto os compostos apenas por um dístico elegíaco, nos quais é possível detetar as principais categorias retóricas da sentença como já as definira Aristóteles (*Retórica* II.21.1394a 21 sqq.)⁸, mas também o recurso a provérbios cuja origem se perde na tradição da literatura sapiencial (e.g. núms. 31, 38, 39, 67, 116), o uso do jogo verbal (núms. 43, 44), entre outros recursos formais que apostam na brevidade os seus intuitos moralizantes.

Tematicamente, estes epigramas oscilam entre o mais luminoso dos otimismo e mais extremo pessimismo, pesando o prato da balança, com distinção, para o último. A tónica predominante é, neste caso, de matriz estoica – o conhecimento

⁷ Para uma análise da tradição da literatura ética e gnómica, com as suas implicações para o livro X, vd. Irigoien-Maltomini-Laurens (2011: XI-XXIV).

⁸ O seu elenco e classificação pode ler-se em Irigoien-Maltomini-Laurens (2011: XXV-XVI).

das leis da vida e a aceitação da inevitabilidade da morte como libertação –, como para os epigramas mais *luminosos* se deteta a base filosófica do epicurismo – que assenta, contudo, no mesmo pessimismo de que a existência escapa completamente ao controle humano. A Sorte, única divindade que controla o destino dos mortais, ou bem atua ao acaso e é de todo impossível de controlar, ou bem parece mesmo reger-se por um princípio de injustiça que traz felicidade (seja lá isso o que for) aos injustos e desgraça aos que procuram seguir os trilhos da justiça. Consequentemente, são duas as posturas legítimas do homem: a da justa-medida (a *aurea mediocritas* da famosa formulação horaciana), única forma de evitar preocupações e desenganos em excesso, ou a mais pura e descomprometida fruição dos prazeres efémeros que (ainda assim) há na vida.

Entre os muitos poetas que integram o livro destaca-se Páladas de Alexandria, ele que, pelo elevado número de epigramas que aí lhe são atribuídos (os que acima se enumeraram) e por ter ao certo influenciado outros poetas, valeu já ao livro VI a designação de “livro de Páladas”. Motivo de extensa bibliografia, o seu *floruit* costumava datar-se entre 360-450, sendo consecutivamente rebaixado no tempo até à datação atualmente aceite, entre a segunda metade do séc. III e a primeira do séc. IV (Wilkinson 2009). Os seus epigramas terão por certo sido copiados a partir de uma antologia pessoal da sua poesia, cuja existência, há muito suspeitada, parece ter ficado demonstrada pelo estudo de Lauxtermann (1997). Poeta “entre dois mundos”, como bem o designou Baldwin (1985), cedo se instaurou a polémica acerca da sua conversão ou não ao Cristianismo⁹, assunto que, na realidade, pouca influência tem no tocante aos seus epigramas éticos.

⁹ Vd. infra, nota ao núm. 10.82 para a principal bibliografia.

BIBLIOGRAFIA

- Baldwin, B. (1985), "Palladas of Alexandria: a poet between two worlds", *Ant. Class.* 54: 267-273.
- Beckby, H. (1957-1965), *Anthologia Graeca*. Band 1, Buch I-VI, 1957; Band 2, Buch VII-VIII, 1957; Band 3, Buch IX-XI, 1958; Band 4, Buch XII-XVI, 1965. München.
- Bowra, C. M. (1959), "Palladas and Christianity", *Proceedings of the British Academy* 14: 255-267.
- Brunck, R. F. Ph. (1772-1776), *Analecta Veterum Poetarum Graecorum*. 3 vols. Strasburgo.
- Cameron, A. (1965), "Paladas and Christian Polemic", *JRS* 55: 17-30.
- Cameron, A. (1993), *The Greek Anthology. From Meleager to Planudes*. Oxford.
- Dübner, F. (1846-1877), *Epigrammatum Anthologia Palatina cum Planudeis et appendice nova epigrammatum veterum ex libris et marmoribus ductorum*. Paris.
- Falivene, M. R. (1983), "Per l'interpretazione di AP X,21 (Filodemo): storia (parziale) di una metáfora", *QUCC* 42: 129-142.
- Giangrande, G. (1963), "Konjekturen zur *Anthologia Palatina*", *Rhein. Mus.* 106: 255-256
- Gow, A. S. F., Page, D. L. (1965), *The Greek Anthology. Hellenistic Epigrams*. Vol. I Introduction, text, and indexes o sources and epigrammatists; Vol. II Commentary and indexes. Cambridge.
- Gow, A. S. F., Page, D. L. (1968), *The Greek Anthology: the Garland of Philip*. 2 vols.
- Irigoin, J., Maltomini, F., Laurens, P. (2011), *Anthologie Grecque. Première partie. Anthologie Palatine. Tome IX. Livre X*. Paris, Les Belles Lettres.

- Jacobs, Fr. (1794-1814), *Anthologia graeca sive poetarum graecorum lusus ex recensione Brunckii*. 5 vols. (+ 7 comm.), Leipzig.
- Jacobs, Fr. (1813-1817), *Anthologia graeca ad fidem codicis olim Palatini, nunc Parisini ex apographo gothano edita*. 3 vols., Leipzig.
- Láscaaris, J. (1494), *Anthologia graeca Planudea*. Florença.
- Lauxtermann, M. D. (1997), "The Palladas Sylloge", *Mnemosyne* 4.50: 329-337.
- Marzi, M., Conca, F., Zanetto, G. (2005-2011), *Antologia Palatina*. Vol. 1, libri I-VII, 2005; vol. 2, libri VIII-XI, 2009; vol. 3, libri XII-XVI, 2011. Torino.
- McCail, R. C. (1971), "The Erotic and Ascetic Poetry of Agathias Scholasticus", *Byzantium* 41: 205-267.
- Page, D. L. (1981), *Further Greek Epigrams. Epigrams before A.D. 50 from the Greek Anthology and other sources, not included in 'Hellenistic Epigrams' or 'The Garland of Philip'*. Cambridge.
- Patton, W. R. (1916-1918), *The Greek Anthology* (5 vols.). London.
- Pontani, F. M. (1978-1981), *Antologia Palatina*. Vol. 1, libri I-VI, 1978; vol. 2, libri VII-VIII, 1979; vol. 3, libri IX-XI, 1980; vol. 4, libri XII-XVI, 1981. Torino.
- Reinach, T. (1903), "Les trépieds de Gélon et de ses frères", *REG* 16.68-69: 18-24.
- Reiske, J. J. (1754), *Anthologiae graecae a Constantino Cephalatae libri tres...* 3 vols. Leipzig.
- Sider, D. (1987), "The Love Poetry of Philodemus", *AJPh* 108: 316-317.
- Waltz, P. (1925), "BOOKTASIA (*Anthologie Palatine*, VI, 263.)", *REA* 27.1: 41-46.
- Waltz, P. (1931, repr. 2002), *Anthologie Grecque. Tome III. Anthologie Palatine. Livre VI*. Paris: Les Belles Lettres.

BIBLIOGRAFIA

- Wilkinson, K. W. (2009), "Paladas and the age of Constantinus", *JRS* 99: 36-60.
- Ypsilanti, M. (2006), "An Aspect of Leonidas' Reception in Later Epigrammatists and the Art of Variation: The Case of Fishermen's Epitaphs". *Classical Philology* 101.1: 67-73.

EPIGRAMAS VOTIVOS

ANTOLOGIA GREGA VI

(Página deixada propositadamente em branco)

1. DE PLATÃO

Sobre um espelho dedicado por Laís

Eu, a que com altivez me ria da Grécia, Laís,
e um enxame de rapazes tinha à porta,
à Páfia¹ dedico o meu espelho, pois como sou agora
não quero ver-me, e como era já não posso.

2. DE SIMÓNIDES

Sobre umas flechas dedicadas ao templo de Atena

Estas flechas, tendo renunciado à guerra de muitas lágrimas,
repousam agora baixo-teto no templo de Atena,
as que muitas vezes, no tumulto cruento, no sangue dos Persas
belicosos que combatem a cavalo se banharam.

3. DE DIONÍSIO²

Sobre uma maçã dedicada a Hércules

Hércules, que partilhas a bem rochosa Tráquis, o Eta
e o alto promontório de Fóloe³ rica em bosques!
Esta maçã te oferece Dionísio, ainda verde, que o próprio
cortou com uma serra de uma oliveira silvestre.

¹ Afrodite. A oferenda de Laís é também assunto dos núms. 618-620.

² Deve tratar-se do nome do indivíduo que fez a dedicatória, não do poeta, dada a ausência de qualquer gentílico ou toponímico a acompanhar o seu nome.

³ As três regiões estão intimamente associadas ao mito de Hércules. Em Tráquis viveu grande parte da vida, ao lado de Dejanira e do filho Hilo; para o Eta ascendeu, saindo vivo ainda da pira onde era imolado; e em Fóloe vivia Folo, o centauro filho de Sileno que hospedou o herói.

4. DE LEÓNIDAS

Dedicatória a Posídon de uns pescadores

O arpão arredondado, as canas bem alongadas,
uma linha, as cestas para guardar os peixes,
esta nassa⁴ que captura os peixes que ainda nadam,
invento dos que percorrem o mar com redes,
mais ainda o rude tridente, a arma de Posídon,
e o par de remos arrancados do seu barco,
o pescador Diofanto dedicou ao patrono da sua arte,
como é justo, as relíquias do ofício de antes.

5. DE FILIPO DE TESSALÓNICA

Sobre o mesmo assunto

As estacas atadas na ponta, os remos que fendiam o mar,
os anzóis de ponta arredondada que feriam a garganta,
a rede com pesos de chumbo, a boia que revela o sítio
da nassa⁵, um par de cestas entrelaçadas de vime,
a pedra incandescente e prenhe de fogo que acende a tocha
e uma âncora, segurança dos barcos à deriva,
o pescador Píson ofereceu a Hermes, quando sentiu
tremor a mão direita, ao cabo de tantas fadigas.

⁴ Também designada de covão, a nassa era um artefacto de boca afunilada, feita de vimes ou fios entrelaçados, usada para apanhar peixes e crustáceos. Cf. núms. 6, 5, 28, 38, 90, 192.

⁵ Tratava-se afinal de uma caixa que era submergida com isco dentro e, após atrair os peixes, elevada à superfície.

6.

*Num vaso em Delfos*⁶Anfitrião me dedicou, pilhando-me da terra dos Teléboas⁷.

7.

*Sobre o mesmo, do mesmo (vaso)*⁸Escaio⁹, vencendo no pugilato, a Apolo que atira longe me dedicou, para ti um magnífico presente.

8.

*Sobre o mesmo*Laodamas¹⁰, reinando sozinho, esta trípole te consagrou, Apolo, infalível arqueiro, para ti um magnífico presente.

9. DE MNASALCAS

*Sobre um arco e uma aljava dedicados*O arco recurvado e a aljava dispensadora de flechas, Febo¹¹,
eis os presentes que para ti pendurou Prómaco.

⁶ Este verso, como os dois epigramas seguintes, estariam gravados numa *lebes* (o vaso em causa) no templo de Apolo Isménio em Tebas, como confirma Heródoto (5.59), e não em Delfos, como assegura o lema.

⁷ Povo da Acarnânia, região montanhosa e arborizada do nordeste da Grécia. Contra este povo estava Anfitrião, o pai mortal de Hércules, em guerra aquando da gestação e nascimento do herói, como consta, entre outras fontes, do *Anfitrião* de Plauto.

⁸ Uma vez mais o lema é impreciso, porquanto Heródoto confirma tratar-se de um epigrama gravado noutro vaso.

⁹ Heródoto (5.60) diz que podia tratar-se do filho de Hipocoonte, um contemporâneo de Édipo, mas também de qualquer outro atleta homónimo, desde logo esse outro, natural de Samos, que menciona Pausânias (5.13.5).

¹⁰ Um desconhecido, que partilha o nome com um dos filhos de Etéocles, o filho de Édipo.

¹¹ Apolo.

As flechas aladas, no campo de batalha guardam-nas no peito
os homens, terríveis presentes dos inimigos.

10. DE ANTÍPATRO

Sobre um altar dedicado a Atena por Seleuco

Tritogeneia¹², Protetora, filha por casar de Zeus,
Palas, patrona da jovem que não foi mãe,
para ti construiu Seleuco este altar de chifres¹³,
com a boca entoando uma prece a Febo.

11. DE SÁTRIO

Dedicatória a Pá de três irmãos caçadores

O caçador Dâmis consagrou a sua rede extensa,
Pigres a nuvem de fina malha para aves
e o noturno Cleitor ofereceu as malhas apanha-peixes;
os três para ti, Pá, instrumentos do seu ofício!
Sê propício a estes irmãos benevolentes, concede-lhes
os seres alados, o proveito da caça e dos peixes.

12. DE JULIANO, PREFEITO DO EGITO

Sobre o mesmo, uma variação

De três irmãos recebe as redes de três modalidades

¹² Epíteto de Atena na *Iliada* (4.514), na *Odisseia* (3.378) e em Hesíodo (*Teogonia*, 924), por vezes abreviado em “Trite” (cf. 6.194). Pode a designação derivar do lago Tritónis, na Líbia, perto do qual terá nascido, ou da fonte Trítion, na Beócia, onde era cultuada. Finalmente, pode também estar em causa o termo *trito* que, no dialeto Atamaniano, significa “cabeça” – aludindo assim ao nascimento de Atena diretamente da cabeça de Zeus, a versão mais tradicional do mito.

¹³ Chama-se “de chifres” ao tipo de altar cujas extremidades das volutas faziam lembrar essa forma.

de caça, Pá: Pigres a dos seres alados
 te oferece, Dâmis a das feras, Cleitor a do mar.
 Dá-lhes a fortuna no ar, na terra e na água!

13. DE LEÓNIDAS¹⁴

Sobre o mesmo

Os três irmãos dedicaram-te, ó Pá caçador,
 estas redes, cada um a do seu ofício:
 a das aves Pigres; a outra Dâmis, a dos quadrúpedes;
 e Cleitor a terceira, a dos seres marinhos.
 Concede-lhes em troca boa caça, um pelo ar,
 outro nos bosques, o último nas praias.

14. DE ANTÍPATRO DE SÍDON

Sobre o mesmo

A Pá, três irmãos dedicaram os instrumentos do seu ofício:
 Dâmis uma rede para as feras das montanhas,
 Cleitor as suas malhas para peixes, e Pigres a rede
 que não se rompe para os seres alados.
 Porque no bosque um, outro no ar, nas ondas o outro,
 jamais voltaram para casa de redes vazias.

15. DO MESMO ou DE SÓZIMO

Sobre o mesmo

Cleitor consagrou as suas redes para apanhar peixes,
 Dâmis as de quadrúpedes e Pigres as de aves

¹⁴ Foi este epigrama de Leónidas o modelo dos núms. 6.11-16, 179-187. A história devia ser famosa, desde logo porque ilustrava uma parede de Pompeia, na qual se veem restos de uma inscrição epigramática. Sobre este ciclo epigramático e a fortuna do poema de Leónidas, vd. Ypsilanti (2006).

a Pã, trio ilustre de irmãos. Concede-lhes agora tu
uma farta caçada no ar, no mar e na terra.

16. DE ÁRQUIAS

Sobre o mesmo

A ti, Pã das montanhas, três irmãos dedicaram presentes
variados, primícias de três modalidades de caça:
Dâmis as redes das bestas, Pigres as teias para prender
as aves, e Cleitor as malhas para os seres marinhos.
Em troca, concede-lhes que sigam afortunados, um no ar,
outro no mar, e o último por entre os bosques.

17. DE LUCIANO

Dedicatória a Afrodite de três prostitutas

Três prostitutas ofereceram-te estes três joguetes¹⁵,
feliz Cípris, um pelo ofício de cada uma:
Eufro o lucro do seu rabo, Clio o obtido naturalmente,
e Átis, a terceira, o esforço do seu palato¹⁶.
Concede-lhes, senhora, a uma o prazer dos rapazes,
a outra o das mulheres, e à última o de ambos¹⁷.

18. DE JULIANO, PREFEITO DO EGITO

Laís dedica o seu espelho a Afrodite

Laís, reduzida pelo tempo a uma forma bem digna,
maldiz o que lhe mostre as rugas e a velhice;

¹⁵ Trata-se de estatuetas ou miniaturas de teor sexual, frequentemente oferecidas com ex-votos.

¹⁶ Por ordem, sexo anal, sexo vaginal e sexo oral.

¹⁷ Literalmente, “o [prazer] que não é por um nem por outro [género]”, i.e., agradar tanto a homens como a mulheres. O epigrama, difícil de atribuir a Luciano como pretende P, deve ser uma paródia do núm. 13, de Leónidas.

por isso, detestando a cruel evidência do seu espelho,
 dedicou-o à senhora da sua beleza de outrora.
 “Recebe tu, Citereia, este disco, da juventude de antes
 parceiro, já que o tempo não te abala a aparência.”

19 [18b]. DO MESMO

Sobre o mesmo

“Da beleza, Citereia, concedes a graça, mas o tempo
 rastejante, soberana, a tua graça faz murchar!
 Já que para longe de mim o teu dom esvoaçou, Citereia,
 recebe, senhora, o testemunho desse dom.”¹⁸

20. DO MESMO

Sobre o mesmo

Venceu a Hélade o escudo insolente dos Medos¹⁹,
 mas Laís, foi por sua beleza que fez butim.
 A velhice apenas a venceu, e o que a denunciou
 ela te oferece, Páfia, o seu amigo da juventude.
 Detesta contemplar a forma real da sua branca cabeça,
 dela não suporta sequer a mais pálida imagem.

21. ANÓNIMO

Dedicatória a Pã de um jardineiro

O ancinho para sachar o seu jardim bem regado,
 a foice de cortar os caules das plantas,
 a casaca já gasta que o protegia das chuvas,
 as botas nunca rotas de couro de boi,

¹⁸ Deve tratar-se da continuação (original ou escrita *a posteriori*) do voto de Laís do epigrama anterior.

¹⁹ Os Persas.

a enxada de plantar couves, a que cavava
 certa uma terra fácil de perfurar,
 e o tanque, que das fontes nunca deixava de regar
 o jardim sedento durante o verão ardente,
 isso te dedica Pótamon, Priapo, senhor dos jardins²⁰,
 por ter alcançado bonança no seu ofício.

22. DE ZONAS

Dedicatória a Pã de outro jardineiro

Uma romã recém-aberta, um marmelo só há pouco peludo²¹,
 um figo umbilical de textura enrugada,
 um cacho purpúreo de uvas maduras, fonte de vinho,
 e uma noz, destapada já da sua casca verde,
 a este Priapo rústico que num tronco único foi esculpido
 dedicou o jardineiro, oferenda das suas árvores.

23. ANÓNIMO

Dedicatória a Hermes de um pescador

Hermes, que desde a caverna que as ondas açoitam habitas
 este rochedo, repouso dos barcos que buscam peixe,
 recebe o que sobra desta rede de arrastro lançada às ondas,
 já seca e estirada no areal das costas,
 os cestos, a armadilha arredondada apanha-peixes,
 a boia que marca onde se ocultam as redes,
 e a grande estaca entrelaçada de crina de cavalo,
 filha do pântano, sem esquecer os anzóis.

²⁰ Como Pã, Priapo é símbolo da fecundidade dos campos e dos rebanhos, e estátuas suas costumavam ser colocadas nos jardins, porquanto a obscenidade das suas representações (com falo ereto) era considerada talismã contra toda a espécie de má sorte. Cf. núms. 6.22, 102, 232.

²¹ Queremos dizer “com a primeira pele aveludada”. Cf. núm. 6.102.3.

24. ANÓNIMO

Dedicatória de outro pescador

À deusa síria²² Heliodoro dedicou, no vestíbulo
do seu templo, esta rede gasta em vão.
Embora virgem em apanhar peixe, com ela apanhou
muitas algas nas costas de boa ancoragem.

25. DE JULIANO, PREFEITO DO EGITO

Dedicatória de outro pescador

Cansado pelos anos de pesca, esta rede usada
dedicou às Ninfas o velho Cineres,
pois com a mão que já tremia não mais podia
lançá-la em círculo para estirar os nós.
Se a oferta é humilde, não é culpa sua, Ninfas:
era esse o único ganha-pão de Cineres!

26. DO MESMO

Sobre o mesmo

Às Ninfas, esta rede de Cineres! Velho, não pode
já lançá-la ao longe como um dardo.
Peixes, vivei agora tranquilos! Pois a velhice
de Cineres devolveu ao mar a liberdade.

27. DE TEETETO, O ESCOLASTA

Dedicatória do pescador Bítón às Ninfas

A rede de muitas malhas que tanto peixe apanhou,
um par de estacas com os seus arpões,
a boia, marca fiel das armadilhas das profundezas,

²² Atargátis, deusa da fecundidade, cuja invocação no epigrama deve ter um sentido irónico.

a pedra que produz fogo quando golpeada,
a âncora que freia os barcos e acalma a tempestade,
e os dentes dos curvos anzóis de apanhar peixes,
eis o que às divindades que aumentam a pesca Bítón
dedicou, fraca a sua mão de velhice enfermeira.

28. DE JULIANO, PREFEITO DO EGITO

Dedicatória do mesmo pescador a Hermes

As estacas flexíveis e um remo, chicote do seu barco,
a ponta afiada dos anzóis bem arredondados,
o amplo círculo da sua rede bem atada ao chumbo,
as boias que revelam as nassas no mar,
um par de cestos bem entrançados, esta pedra aqui,
mãe do fogo, e uma âncora, sustém dos barcos
à deriva – estas oferendas te traz, Benfeitor, o pescador
Bítón, tendo atingido os tremores da velhice.

29. DO MESMO

Sobre o mesmo

A Hermes, Bítón dedicou os instrumentos do seu ofício
marítimo, receoso da moléstia da velhice:
uma âncora, uma pedra arredondada, as nassas com boia,
um anzol, um remo, uma redes e umas estacas.

30. DO CÔNSUL MACEDÓNIO

Sobre o mesmo

O velho Amíntico amarrou a sua rede pesada de chumbo
à estaca de pescar, terminadas as labutas marinhas,
e disse voltado para Posídon e para a vaga salgada do mar,
enquanto derramava lágrimas das suas pálpebras:

“Sabes, soberano, que estou cansado; condenado pela velhice
terrível, floresce a pobreza que consome os membros.
Alimenta este velho que ainda respira, mas com produtos
[da terra,
tu que velas a teu bel-prazer sobre a terra e o mar²³.”

31. ANÓNIMO, OU DE NICARCO

Dedicatória de um agricultor a Dioniso, Pã e Deméter

A Pã que habita as montanhas, a Dioniso da boa colheita
e a Deo²⁴, deusa da Terra, dediquei comum oferenda.
Em troca lhes suplico bons rebanhos, bom vinho
e boa colheita do fruto das espigas.

32. DE AGÁTIAS, O ESCOLASTA

Dedicatória de Cáricles a Pã

Para o deus chifrudo uma fera de dois cornos, hirsuta para
[o deus peludo,
saltitante para o ágil, das matas para o senhor da floresta:
a Pã que ama cumes rochosos, pela planície coberta de árvores,
[ao surgir
da primeira barba²⁵ Cáricles dedicou este bode amarelado.

²³ Posídon é considerado tutelar da terra na medida em que são as águas, o reino que primeiramente tutela, que a fecundam e lhe permitem gerar vida.

²⁴ Deméter.

²⁵ Um sacrifício pela chegada idade adulta, simbolizada nas primeiras barbas. Cf. núm. 6.161, 198, etc.

33. DE MÉCIO

*Dedicatória de uns pescadores a Pã (sic)*²⁶

Priapo, deus das praias! Os pescadores dedicaram-te estes presentes pelo auxílio costeiro prestado a capturar, com a rede de firme malha, um cardume de atuns²⁷ pelas passagens azuladas do pélagos: um *krater*²⁸ de carvalho, um banco que as próprias mãos teceram em urze e uma taça de vinho de barro, para que possas dar descanso ao pé, fatigado da dança, e afastar para longe deles a sede ardorosa.

34. DE RIANO

Dedicatória do caçador Polieno a Pã

A maça e o arco lança-flechas Polieno amarrou aqui para Pã, mais estas patas de javali, e com esta aljava e esta coleira do seu cão dedicou ao senhor dos montes os dons da caça ao javali. E que tu, Pã montanhês, envies de novo a Polieno, o filho de Sémiles, a sorte de bela caçada.

35. DE LEÓNIDAS

Dedicatória de Téleson a Pã

Para Pã que habita as montanhas, o de pés de bode, Téleson pendurou esta pele num plátano silvestre, mais esta estaca de ponta arredondada e bem afiada

²⁶ O lema está incorreto, como se prova logo no v. 1. Com efeito, Priapo era venerado como protetor da navegação e da pesca em algumas cidades costeiras da Propôntida, antigo nome do Mar de Mármara.

²⁷ Alusão à técnica da almadrava, ainda hoje usada na Andaluzia e no sul de Portugal, que consiste em primeiro aprisionar o cardume entre redes para só depois matar os atuns com arpões.

²⁸ Onde se misturava o vinho com água.

com que antes abatia lobos de mirada de fogo,
os baldes onde coalhava o leite, a corrente para os guiar
e a coleira dos seus cachorros de apurado olfato.

36. DE FILIPO DE TESSALÓNICA

Dedicatória do agricultor Sósicles a Deméter

Estes feixes do seu pequeno campo, Deo²⁹ que amas
o trigo, o trabalhador Sósicles tos dedicou,
tendo logrado boa colheita de espigas. Possa ele
aqui voltar e trazer a foice amolgada da safra.

37. ANÓNIMO

Dedicatória de uns pastores a Pã

Este ramo de carvalho já curvado por efeito da velhice
cortaram-no uns pastores rústicos nos montes;
polindo-o bem, ergueram na estrada este rico adorno³⁰
para Pã, o condutor dos melhores rebanhos.

38. DE FILIPO [DE TESSALÓNICA]

Dedicatória a Posídon do pescador Amíntico

As redes que, coroadas de chumbo, mergulham no mar,
o remo ainda ébrio de água salgada,
o tridente que mata monstros marinhos, arma poderosa na água,
a nassa sempre revelada pela sua cortiça³¹,
a âncora, braço firme dos barcos e, cara ao marinheiro,

²⁹ Deméter.

³⁰ À letra, “brinquedo” (*athyrma*), e não “ex-voto” (*agalma*), o que leva a supor que se trate de um falo de madeira, colocado à beira de um caminho.

³¹ O material de que eram feitas as boias que à superfície localizavam a posição das nassas, referidas nos núms. 6.5, 27, 28, 29.

a pedra capaz de conservar a origem do fogo:
eis, Posídon, senhor dos mares, os dons finais que Amíntico
te dedica, renunciando à dura labuta dos mares³².

39. DE ÁRQUIAS

Dedicatória a Atena de três irmãs

As três de Samos, Sátira, Heracleia e Êufron,
as filhas de Xuto e Mélite, dedicaram-te
uma o fuso, rodopiante artífice da sua teia igual
à da aranha, não sem a longa roca;
outra a lançadeira sonora, cuidadosa artífice dos peplos
de fina trama; a terceira, a cesta amante da lã.
Com eles, soberana Atena, demorada vida de miséria
suportaram estas tuas trabalhadoras.

40. DE MACEDÓNIO

Dedicatória a Atena de um agricultor

São meus estes dois bois³³, e cultivam o trigo. Digna-te, Deo³⁴,
aceitá-los, embora de massapão³⁵ e não dos estábulos!
Concede que vivam os meus bois reais e enche-me os campos
de espigas, devolvendo-me assim melhor recompensa.
Pois para o teu Filaletes³⁶, homem do campo, chegou já o quarto
ano daquela que é a sua nona década de vida;

³² O núm. 6.30, de Macedónio, é uma reescrita, parcialmente em discurso direto, deste epigrama.

³³ Traduzimos, neste ponto, a versão dada por **P**.

³⁴ Deméter.

³⁵ A simplicidade da estatueta mede-se pela matéria de que é feita, embora esta seja também símbolo do ofício de quem a oferece – o cultivo de trigo.

³⁶ Nome fictício, significando à letra “amante da verdade”.

e, se nunca logrou colheita Coríntia³⁷, tampouco provou a aguda miséria, adversa a espigas de milho.

41. DE AGÁTIAS, O ESCOLASTA

Dedicatória de Calímeno [a Deméter]

A relha de bronze que sulcava a terra e fendia o pousio,
a correia de couro que prendia os bois pelo pescoço,
o aguilhão com que os espicaçava e a cavilha da charrua,
eis o que a Deo dedicou Calímeno, o lavrador,
após lavar o dorso de terreno bem arado. “Concede-me
colher a espiga, e uma foice hei de trazer-te ainda!”

42. ANÓNIMO

Dedicatória do jardineiro Alcímenes

Alcímenes, o humilde, tendo gozado, em pequeno
jardim, as benesses deste verão frutífero,
deu em oblação um figo, uma maçã e água a Pã,
dizendo: “Tu, que me dispensas estes bens de vida,
os que vêm do meu jardim e os desta nossa rocha³⁸
aceita agora, e devolve mais do que recibes!”

43. DE PLATÃO

Sobre uma rã de bronze³⁹ dedicada às Ninfas por um caminhante

Servidora das Ninfas, amiga da chuva, cantora aquática,
esta rã que se deleita em fontes escondidas,
forjada em bronze este caminhante a dedicou em ex-voto,

³⁷ I.e. extremamente abundante, aludindo à fertilidade proverbial dos campos de Corinto.

³⁸ De onde brotaria a fonte que produzira a água da oferenda.

³⁹ Conservamos espécimes de artefactos semelhantes.

pois salvou-o, em dia ardente, da sede odiosa.
Mostrou-lhe a água que buscava, cantando oportuna
desde um vale húmido com a sua boca anfíbia.
[Não se desviando desta voz que o guiava, o caminhante
encontrou a bebida das doces fontes que desejava.]⁴⁰

44. ANÓNIMO, OU DE LEÓNIDAS DE TARENTO

Dedicatória do agricultor Herónax

Aos Sátiros que bebem vinho novo, e a Baco que planta vides,
Herónax consagrou as primícias da sua vinha,
estes três jarros cheios até cima com vinho
que produziram os seus três vinhedos.
Nós, após oferecer o devido a Baco da cor do vinho
e aos Sátiros, mais do que os Sátiros beberemos.

45. ANÓNIMO

Dedicatória a Dioniso do agricultor Comaulo

Este ouriço peludo, com pele de afiados agulhões,
o cata-uvras ladrão de vinhedos adocicados,
achando-o enrolado numa bola entre os racimos,
Camaulo o pendurou, vivo, para Brómio⁴¹.

⁴⁰ O último verso, omitido por **P**, foi acrescentado à margem por um corretor do manuscrito, e foi como tal considerado espúrio por Page (1981: 180).

⁴¹ Um dos epítetos de Dioniso. Outra versão do mesmo episódio pode ler-se no núm. 6.169, também anónimo.

46. DE ANTÍPATRO DE SÍDON

Dedicatória a Atena do soldado Ferenico

A que foi o primeiro arauto de Eniálio⁴² e da Paz,
 a que de sua boca vertia o bárbaro acento,
 esta trompeta de bronze, como oferenda Ferenico
 dedicou a Atena, renunciando à guerra e ao altar⁴³.

47. DE ANTÍPATRO [DE SÍDON]

Dedicatória a Atena de Bito

Esta lançadeira amiga de canções⁴⁴ Bito dedicou
 a Atena, instrumento de um ofício miserável,
 e disse: “Salve, deusa; aqui tens! Eu, uma viúva
 que atingiu já a quarta década de vida,
 renuncio aos teus favores e em troca apego-me às obras
 de Cípris – vejo que o desejo supera a idade!

48. ANÓNIMO

Sobre o mesmo assunto

Esta lançadeira amiga do trabalho, Bito dedicou
 a Atena, instrumento de um ofício miserável,
 mulher aborrecida de todas as penas da tecelagem
 e das terríveis preocupações dos teares.
 E disse a Atena: “Apego-me às obras de Cípris,

⁴² Epíteto de Ares. O verso deve ler-se como “arauto da guerra e da paz”, ambas deificadas.

⁴³ Por “altar” podem entender-se os vários contextos religiosos, entre os quais cabem espetáculos teatrais, nas quais a trompeta era parte integrante dos sacrifícios.

⁴⁴ Parte do tear; vd. núm. 6.39.5.

aportando contra ti o voto de Páris⁴⁵.

49. ANÓNIMO

Dedicatória para Píton⁴⁶ de Aquiles⁴⁷

Sou uma trípole de bronze, fui dedicada em oblação a Píton,
 e Aquiles me instituiu como prémio em honra de Pátroclo⁴⁸;
 mas foi Diomedes, o filho de Tideu de valente grito, que me
 [dedicou,
 ao vencer a corrida de cavalos nas margens do vasto
 [Helesponto.

50. DE SIMÓNIDES

Sobre um altar erigido para Zeus

Os Helenos, pelo poder da Vitória e com a ajuda e Ares,
 [confiantes no impulso corajoso do seu coração,]
 ao vencerem os Persas ergueram, sinal da Hélade libertada,
 este altar⁴⁹ em honra de Zeus Libertador.

⁴⁵ Páris, no Ida – quando ainda era um pastor e não o príncipe de Troia – teve que decidir a qual das três deusas (Afrodite, Atena e Hera) concedia a maçã de ouro, símbolo da beleza suprema. Optou, como se sabe, pela primeira.

⁴⁶ O santuário de Delfos, nomeado a partir do epíteto de Apolo, seu patrono.

⁴⁷ Falso. Trata-se de Diomedes, como anunciado no v. 3.

⁴⁸ I.e., como prémio pelos jogos celebrados por ocasião das suas exéquias. As corridas a que aludem os versos seguintes, das quais foi vencedor Diomedes, são contadas em *Iliada* 23.262-650.

⁴⁹ Trata-se do altar que os Gregos terão erguido a Zeus Libertador (*Eleutherios*) após a batalha de Plateias (cf. Pausânias 9.2.5; Plutarco, *Da malícia de Heródoto* 42, *Aristides* 19). O texto deve ter conhecido diferentes tradições textuais, sendo que seguimos, para a tradução, a edição de Page (1981).

51. ANÓNIMO

Dedicatória de Aléxis

Reia⁵⁰, minha mãe, tu que alimentas os leões Frígios,
 e por quem os iniciados pisam o monte Dídimo!
 O efeminado Aléxis dedicou-te a causa do seu delírio,
 tendo renunciado à loucura das forjas de bronze⁵¹:
 os címbalos de agudo som e o clamor das suas flautas
 de pesado soar, às quais deu forma o corno elítico
 do bezerro, os tambores sonoros, as espadas vermelhecidas
 de sangue⁵² e a loira cabeleira que antes agitava.
 Compadece-te, senhora, e o que em jovem se enfurecia
 cura-o agora, já velho, da selvajaria de outrora.

52. DE SIMÓNIDES

Dedicatória a Zeus de um soldado

Repousa assim, longa lança minha, encostada a alta coluna,
 e fica aí consagrada a Zeus de todos os oráculos⁵³.
 Envelheceu já o teu bronze e a tua ponta está agora gasta
 de tanto ser brandida em combates mortíferos.

53. DE BAQUÍLIDES

Dedicatória ao vento Zéfiro de um agricultor

Eudemo este altar em seu campo dedicou
 ao mais fértil dos ventos, Zéfiro⁵⁴;

⁵⁰ Ou Geia (a Terra). Na época romana, Reia, filha da Terra, tinha sido assimilada a Cibele, que tinha no monte Dídimo o seu principal centro de culto.

⁵¹ I.e. aos afazeres bélicos.

⁵² Cf. núm. 6.94.5 (com nota), 217 (nota ao lema) e 218.1.

⁵³ No original, *Panomphaios*, epíteto homérico.

⁵⁴ O Zéfiro, originalmente, é o vento do oeste, o mais ameno e propício para as distintas atividades humanas. Cedo passou a usar-se com o sentido geral de vento, surgindo mesmo no plural (cf. infra, núms. 6.290.4, 349.4; 10.1.2, 13.3, 14.5, 15.1).

pois, invocado, veio propício para que logo
pudesse debulhar o grão das maduras espigas.

54. DE PAULO SILENCIÁRIO

Dedicatória a Apolo do citaredo Eunomo

Esta cigarra de bronze pendura para o deus Licório⁵⁵ o Lócrio
Eunomo, recordação do concurso em que foi coroado.
Era uma competição de lira; por rival estava Partes⁵⁶.

Então, quando a concha⁵⁷ Lócria foi tocada pelo plectro,
uma das cordas da lira partiu-se, soltando um som rouco.

Porém, antes que a melodia coxeara do seu ritmo afinado,
cantando docemente uma cigarra veio pousar sobre a lira
e compensou a nota da corda que estava em falta,
e o som selvagem que antes costumava chilrear nos bosques
soube adaptar ao ritmo da música que eu tocava.

Por isso, feliz filho de Leto, te agracia⁵⁸ ele com esta cigarra,
uma cantora de bronze sentada sobre a lira.

55. DE JOÃO BARBÚCULO

Dedicatória a Afrodite do boieiro Hermófilo

À Persuasão e à Páfia⁵⁹, leite coalhado e favos de mel das
[colmeias

dedicou o noivo de Eurínome corada de flores em botão,
o boieiro Hermófilo. Quanto a vós, dignai-vos aceitar
o leite coalhado em nome dela, e em meu o mel.

⁵⁵ Toponímico de Apolo, a partir do nome de uma cidade próxima de Delfos.

⁵⁶ Diminutivo de Parténio.

⁵⁷ I.e. a lira.

⁵⁸ É frequente, nos epigramas votivos, esta oscilação entre a primeira e a terceira pessoa verbais.

⁵⁹ Afrodite.

56. DO CÔNSUL MACEDÓNIO

Dedicatória a Dioniso do agricultor Lenágoras

Este sátiro coroado de hera e farto de vinho, a Brómio
 dedicou o varão vinhateiro que é Lenágoras.
 Com tal cabeça pesada, a pele, a cabeleira, a hera e os frutos,
 tudo dirias que é bebedeira, tudo cambaleia.
 Pois a arte, com imagens mudas, imitou a natureza,
 incapaz que foi a madeira⁶⁰ de lhe resistir.

57. DE PAULO SILENCIÁRIO

Dedicatória a Pã de Teucro, o Árabe

Esta pele de leão, armada com as patas de cinco garras,
 pendurando-a cortada com a cabeça ensanguentada
 e boquiaberta num um pinheiro, ta dedicou, Pã de pés de bode,
 Teucro o Árabe, junto com a sua lança silvestre⁶¹.
 Visíveis são ainda os dentes na ponta meio-mordida,
 na qual a fera libertou a sua fúria rugidora.
 E as Ninfas das fontes com as dos bosques puseram-se
 a dançar, já que tantas vezes as tinha assustado.

58. DE ISIDORO, O ESCOLASTA DE BOLBÍTIA⁶²

Dedicatória à Lua de Endímion

Esta cama que em vão subsiste e o seu cobertor inútil
 te dedicou, Lua, o teu amigo Endímion,

⁶⁰ A estátua a que se refere o epigrama seria de madeira, a matéria-prima. Estamos perante uma formulação típica da epigramática efrástica, a de que a matéria (muda) se deixa contaminar pela voz e pelo aspeto vivo do seu referente natural.

⁶¹ Com a qual teria matado a fera.

⁶² Deve tratar-se da cidade também conhecida por Bolbitina, no delta do Nilo.

envergonhado; pois as brancas, cobrindo-lhe toda a cabeça,
 não conservam nem rasto do seu brilho de antes.

59. DE AGÁTIAS, O ESCOLASTA

Dedicatória a Afrodite, Atena e Ártemis de Calírroe

À Páfia as suas grinaldas, a Palas a sua trança
 e a Ártemis a sua cinta dedicou Calírroe.

Pois achou o pretendente desejado, levou uma juventude
 casta e, ao ser mãe, gerou descendência masculina.

60. DE PÁLADAS

Dedicatória a Ísis

Em lugar de um boi ou oferenda de ouro, a Ísis dedicou
 a Panfilinha⁶³ as suas tranças brilhantes de perfume.

E a deusa, essa, alegrou-se mais com elas do que Apolo
 com o ouro que dos Lídios Creso⁶⁴ enviou ao deus.

61. DO MESMO

Sobre o mesmo

Ó lâmina divina, lâmina afortunada, com que a Panfilinha,
 cortando os cabelos, dedicou as suas tranças!

Não te forjou em bronze um homem; mais, na fornalha
 de Hefesto, erguendo um martelo de ouro,
 foi a Graça de véu brilhante – como dizia Homero⁶⁵ –
 quem te fabricou com as próprias mãos.

⁶³ No original, Panfilion, diminutivo de Pânfila, a mesma mulher do epigrama seguinte.

⁶⁴ Heródoto (1.50-51) descreve ao detalhe as trípedes de ouro que Creso, monarca lídio, enviara para Delfos, as quais diz ter visto *in situ*. Esse o assunto implícito também na ode 3 de Baquilides.

⁶⁵ E.g. *Iliada* 18.382, sobre a Graça que desposou Hefesto – razão para a menção erudita de Páladas.

62. DE FILIPO DE TESSALÓNICA

Dedicatória às Musas do escriba Calímenes

O chumbo circular que marca as margens das páginas⁶⁶
 um canivete para afiar as pontas das canetas,
 a sua régua mais direita e a pedra-pomes que está à margem,
 essa pedra porosa e seca que provém do mar,
 Calímenes, tendo abandonado o seu ofício, às Musas
 os dedicou, agora que a velhice lhe tapou os olhos⁶⁷.

63. DE DAMÓCARIS

Dedicatória de Menedemo a Hermes

Um disco de chumbo coberto de negro, pai das linhas,
 uma régua, vigia rigoroso das canetas,
 os recipientes do líquido mais negro para escrever,
 as canas abertas ao meio e bem-talhadas,
 a pedra rugosa que apara e afia bem as canetas
 já gastas, com a qual a escrita se torna fina,
 e um canivete para a cana, ponta de um grande ferro,
 estes os instrumentos do seu ofício que te dedicou
 o fatigado Menedemo, nublados os seus velhos olhos, Hermes!
 E tu, em troca, alimenta sempre o teu servidor!

⁶⁶ Já usado no final da época clássica, este instrumento auxiliar de escrita voltou a estar em voga no séc. XI. Patton (1916, vol. I: 330-331) considera que seria “um disco de chumbo com ponta afiada que rodaria sobre o seu próprio eixo”.

⁶⁷ Deve este epigrama ter servido de modelo à série que encabeça, formada pelos núms. 6.62-68. Junto com esse outro grupo de dedicatórias dos caçadores Dâmis, Cleitor e Pigres (núms. 6.11-16 + 179-187), constitui a maior série epigramática subordinada a um mesmo tema. No caso, terá sido a dificuldade em nomear poeticamente os instrumentos oferecidos em dedicatória – a mesma que sente o tradutor da *Antologia* – que despertou o interesse de sucessivas gerações de epigramatistas.

64. DE PAULO SILENCIÁRIO

Dedicatória a Hermes do escriba Filodemo

O chumbo circular para marcar as linhas escuras,
 a pedra rugosa que apara as canetas foscas,
 a grande afiadeira⁶⁸ das canetas cortadas ao meio,
 a régua que garante a retidão das linhas,
 a tinta, longo tempo guardada em profundos antros,
 e os canivetes das canetas de ponta enegrecida,
 a Hermes dedica Filodemo, agora que, com a idade,
 a sobrelha enrugada lhe pende já sobre os olhos.

65. DE PAULO SILENCIÁRIO

Dedicatória a Hermes do escriba Calímenes

O chumbo circular que, acompanhando sem mácula a régua
 direita, habilmente sabe marcar o seu caminho,
 o duro aço que devora as canas de escrever, e com ele
 a própria régua, guia da linha que nunca se desvia,
 a pedra rugosa onde a cana apara a sua dupla ponta
 quando já está fosca pela escrita continuada,
 a esponja⁶⁹, que nas profundezas servia de leito a Tritão,
 viajante dos mares que agora corrige os erros da caneta,
 e a caixa de muitos buracos que, além de tinta, num só reúne
 todos os instrumentos da arte da caligrafia,
 a Hermes dedica Calímenes, entregando ao descanso a mão
 que treme de velhice após tão longos trabalhos.

⁶⁸ “Afiadeira” é uma liberdade de tradução, estando em causa, novamente, essa espécie de canivete do epigrama anterior.

⁶⁹ Esta esponja servia de borracha e era de origem marinha, o que explica a alusão a Tritão – filho de Posídon e Anfitrite, além de mensageiro de ambos.

66. DO MESMO

Dedicatória às Musas do mesmo Calímenes

O chumbo sem tinta que marca sem desvios o traçado
 sobre o qual se apoia a linearidade da escrita,
 a régua que guia o percurso deste disco de chumbo,
 a pedra rugosa, semelhante a uma esponja,
 a caixa de tinta indelével, e junto com tudo isto
 as pontas tingidas de negro das canetas de escrever,
 uma esponja, flor do mar, dos prados do oceano corrente,
 e o bronze que apara as canas delicadas,
 Calímenes aqui dedicou às Musas de doce sorriso,
 agora que a velhice lhe fatigou os olhos e a mão.

67. DE JULIANO, PREFEITO DO EGITO

Dedicatória a Hermes de Filodemo [o escriba]

O chumbo que garantia o traço regular da escritura,
 a régua, guia e companheira desse chumbo,
 a pedra arrancada de um bloco cravejado de poros
 que afiava a ponta tosca da caneta,
 a tinta junto com as próprias canetas, porta-mistérios
 da voz humana, e a lâmina afiada do canivete,
 a Hermes dedicou Filodemo, agora que a idade nublou a luz
 de seus olhos e por fim libertou a sua mão.

68. DO MESMO

Sobre o mesmo assunto

Este meu chumbo redondo, que com os seus giros marca os sulcos
 por onde corre direita a caneta eu te dedico,
 a régua que garante ao chumbo marcador reta orientação,
 a pedra que apara as canetas habilmente talhadas,

a caixa que contém a tinta e as próprias canetas, pelas quais
[o tempo
guarda para a posteridade as palavras dos que já partiram;
recebe ainda este cinzel de ferro, ao qual o corajoso Ares
e as Musas confiaram ambos o seu ofício⁷⁰,
Hermes! Teus são estes instrumentos! Tu, guia a existência
do frágil Filodemo, a quem a vida começa a deixar.

69. DO CÔNSUL MACEDÓNIO

Dedicatória a Posídon do marinheiro Crantes

O seu barco dedicou o muito viajado Crantes a Posídon,
fixando-o com firmeza ao solo do seu templo;
já não tem cuidados com o vento em terra, na qual Crantes,
amplamente recostado, goza um sono sem medos.

70. DO MESMO

Sobre o mesmo assunto

A ti, rei do mar e soberano da terra, dedico o meu navio
que as ondas já não banham, eu, Crantes;
o meu navio, ave à mercê de ventos errantes, onde, infeliz,
tantas vezes julguei ser arrastado para o Hades.
Abandonando tudo – medo, esperança, brisa e tempestade –,
sobre a terra assentei agora o passo confiante.

⁷⁰ Ares porque é o deus do ferro (a matéria), as Musas porque tutelam a poesia (tradicionalmente inscrita com este objeto sobre a pedra).

71. DE PAULO SILENCIÁRIO

*Dedicatória de [Anaxágoras para Laís]*⁷¹

Para ti mil despojos de folhas arrancadas das grinaldas,
 para ti as taças partidas da bebedeira que turva a razão,
 para ti os caracóis inundados de perfumes; neste pó aqui
 repousam todos os despojos de Anaxágoras, de amor
 ferido – para ti, Laís! Junto às tuas portas⁷², o desgraçado,
 com outros jovens viçosos muitas vezes passou a noite,
 sem que uma só palavra, promessa de felicidade ou insultuoso
 discurso de doce esperança de ti tenha arrancado.
 Ai, ai! Já sem forças, abandona aqui as insígnias da sua folia
 e repreende pela sua beleza uma mulher inflexível.

72. DE AGÁTIAS, O ESCOLASTA

Sobre uma lebre

Eu bem vi essa covarde, parada junto do fruto
 de Baco, arrancando muitas uvas.
 Chamei o encargado, que a viu; apanhando-a desprevenida,
 estourou-lhe a cabeça com uma pedra.
 Disse o lavrador todo contente: “De uma assentada
 ofereci a Baco um misto de libação e sacrifício!”

73. DO CÔNSUL MACEDÓNIO

Dedicatória a Pã do pastor Dáfnis

Eu, Dáfnis o flautista, cansado dos tremores da velhice,

⁷¹ O lema original (*Dedicatória de Laís*) está errado, como se depreende os versos 4-5. Naturalmente, tanto Anaxágoras como Laís devem ser nomes fictícios.

⁷² Dedicatória erótica de um pretendente recusado pela amada (uma meretriz), que sempre bate de cara com uma porta fechada, cena frequente da epigramática erótica dos livros 5 e 12 da *Antologia* (e.g. 5.30, 213; 12.23, 72).

já incapaz e pesado o meu braço, dediquei
 a Pã, o amigo dos campos, o meu bastão de pastor,
 deixando já velho as penas do pastoreio.
 Posso tocar a flauta, e no meu corpo tremente
 reside ainda uma voz que não treme;
 e que cabreiro algum conte aos lobos ladrões,
 nos montes, a fraqueza da minha velhice!

74. DE AGÁTIAS, O ESCOLASTA

Dedicatória a Dioniso

Eu, a bacante⁷³ Eurínome que corria pelos montes, rasgava
 outrora o peito de muitos touros de longos cornos,
 ria às gargalhadas dos leões que dominava e chacinava
 e da cabeça da fera invencível fazia um brinquedo,
 – perdoa-me, Dioniso – mas abandonei os teus coros de dança,
 e agora é de Cípris que sou forçada a ser bacante.
 Dediquei-te estes tirsos, mas agora, tendo deitado fora a hera,
 o meu braço vou rodear com um bracelete de ouro.

75. DE PAULO SILENCIÁRIO

Dedicatória a Apolo de Ândroclo

Ândrocolo, Apolo, dedica-te este arco, com que tantas vezes
 disparou contra as feras e obteve sucesso visível na caça.
 Jamais uma flecha perdida saiu deste corno recurvado
 graças à inabilidade de archeiro da sua mão!
 Quantas vezes chiava a corda que tudo ousa do seu arco,
 tantas ele caçava algo no ar ou na floresta.
 Em troca, Febo, traz agora ante ti este arco de Licto⁷⁴
 entrelaçando a oferenda com anéis de ouro.

⁷³ Em concreto, o termo *bassarís* refere uma bacante de origem trácia.

⁷⁴ Cidade de Creta, tomada por sinédoque de toda a ilha, conhecida pela qualidade dos seus archeiros.

76. DE AGÁTIAS, O ESCOLASTA

Dedicatória [de Anquises]

Anquises⁷⁵, teu esposo, por quem tantas vezes, Cípris,
 corrias outrora pelas costas do Ida,
 pôde agora a custo cortar um cabelo negro das têmporas
 e oferece-to, restolho da juventude de antes.
 E tu, deusa, que tal podes, volta a fazer de mim um jovem,
 ou a minha velhice aceita como a juventude.

77. DE ERATÓSTENES, O ESCOLASTA

Dedicatória a Baco de Xenofonte

Xenofonte, o bebedolas, dedicou-te um tonel vazio, Baco.
 Aceita-o de bom grado, pois não tem outra coisa!

78. DO MESMO

Dedicatória a Pã de Dáfnis

As canas perfuradas⁷⁶, a pele de ovelha e o teu o bastão,
 dedica-os ao amável Pã, Dáfnis amante de mulheres!
 E tu, Pã, recebe estes presentes de Dáfnis – tal como ele,
 também tu amas o canto e foste infeliz no amor⁷⁷.

79. DE AGÁTIAS, O ESCOLASTA

Dedicatória a Pã do agricultor Estratonico

Este campo virgem, Pã das colinas, o lavrador Estratonico

⁷⁵ Epigrama ficcional mitológico. Anquises era primo de Príamo e pai de Eneias, que gerou com Afrodite, quando a deusa, apaixonando-se por ele, tomou forma mortal para o seduzir.

⁷⁶ Estas canas, unidas, formam a *syrinx*, conhecida como flauta de Pã.

⁷⁷ Pã apaixonou-se pela náide Sírinx – o mesmo nome que receberia a flauta por ele inventada, a dos pastores –, que rejeitou o seu amor pelo facto de ele não ser nem homem nem bode.

te dedicou em agradecimento da tua benevolência.
 “Goza” – disse-te – “a alegria de aí pastar os teus rebanhos,
 e contempla uma terra que o arado não mais fenderá!
 Aí acharás auspiciosa recompensa; neste lugar, também Eco
 se alegra e há de consentir na vossa união⁷⁸.”

80. DO MESMO

Dedicatória de Agátias a Afrodite

Os nove livros das *Dafníacas*⁷⁹ de Agátias eu sou;
 o mesmo que me criou a ti me dedicou, Páfia.
 Pois não me amam tanto as Piérides⁸⁰ como Eros,
 por dedicar-me aos mistérios de tantos amores.
 E pede-te, em troca das suas penas, a companhia
 de mulher que ou o não ame, ou rápido lhe ceda.

81. DE PAULO SILENCIÁRIO

Dedicatória a Ares do soldado Lisímaco

O escudo de pele de boi, proteção do seu corpo, a lança
 que tantas vezes provou as entranhas dos inimigos,
 a armadura que mantinha as flechas longe do seu peito
 e o casco apetrechado de crinas de cavalos
 dedicou Lisímaco em oferenda a Ares, agora que trocou
 todas as suas armas pelo bastão de velho.

⁷⁸ Confusão de ninfas, propositada ou não, que vemos repetida no núm. 6.87. Eco foi a amada de Narciso, tendo-se suicidado por não ser correspondida pelo herói que apenas amava a sua própria imagem. Seja como for, o verso significa que, em tal ambiente bucólico, Pá deixará de ser o “infeliz no amor” do epigrama anterior.

⁷⁹ Nada se conserva desta obra em nove livros que versaria sobre os muitos amores infelizes de Dáfnis.

⁸⁰ As Musas.

Gordioprilário os dedicou a Timóteo⁸¹.

86. DE EUTÓLMIO, ILUSTRE ESCOLASTA

Sobre a mesma paródia de Páladas

As suas cnémides, a couraça, o escudo, o casco e a lança a Atena
os consagrou Rufo Gélio⁸², o filho de Mémio.

87. ANÓNIMO

Dedicatória (a Dioniso, de Pã)

Dedicou-te a sua massa e as peles de veado o nosso Pã⁸³,
deus do *evoé*, tendo deixado o teu coro pela Páfia⁸⁴.
Apaixonado que está por Eco⁸⁵, anda perdido; e tu, Baco,
tem piedade dele, já que tem sorte igual à tua!⁸⁶

88. DE ANTÍFANES DA MACEDÓNIA

Dedicatória a Ino de Afrodite

A própria Citereia, retirando dos seios o corpete
que faz nascer o desejo, Ino, to ofereceu,

⁸¹ O epigrama parodia, com linguagem homérica adulterada, o núm. seguinte. Páladas usa uma série de abreviaturas no verso 1 (cou[raça], cné[mide]s, cas[co]) e dois nomes fictícios no verso 2. Não sendo possível identificar este Gordioprilário, é mesmo possível que também na sua formação esteja um conjunto de abreviaturas; em Timóteo, por sua vez, percebe-se a palavra *theos* (deus), e de alguma divindade deve ser a paródia. Patton (1916, vol. I: 344-345) considera que o epigrama brinca com o falar dos soldados Godos, que no século V constituíam a maior parte das tropas. De qualquer forma, para os leitores coevos todas as referências deviam ser compreensíveis.

⁸² Figura desconhecida.

⁸³ Seguramente um amigo do poeta, por alguma razão assim apelidado.

⁸⁴ Como no núm. 6.74.

⁸⁵ Vd. supra, nota ao núm. 6.79.

⁸⁶ Era frequente a comparação entre as desventuras amorosas de Pã e Dioniso. Cf. Nono, *Dionisiacas* 42.190-192.

para que, com mágicos filtros, sempre subjugasses
os homens; e tu, só em mim os usaste todos.

89. DE MÉCIO QUINTO

Dedicatória a Priapo do pescador Páris

Priapo, que te deleitas nos recifes batidos pelo mar
desta ilha costeira e nos seus duros rochedos!
Páris, o pescador, consagrou-te esta lagosta de dura carapaça
que apanhou com a sua cana infalível;
levando a sua carne grelhada aos dentes meio-partidos,
ó bem-aventurado, este despojo agora te oferece.
Em troca, não lhe dês muito; tão só, divindade, da sua rede
afortunada a calma para o seu estômago aos berros.

90. DE FILIPO DE TESSALÓNICA

Dedicatória a Posídon de Árquicles. Iambos.

A âncora que frequenta as algas e segura o navio,
os dois remos que repelem as ondas,
o chumbo amarrado às redes circulares,
as boias que marcam a posição das nassas,
o barrete de lã para proteger da chuva
e a pedra que, de manhã, traz fogo aos nautas,
isso te dedicou, Posídon, senhor do mar,
Árquicles, deixando de errar longe dos rios.

91. DE TALO DE MILETO

Dedicatória a Ares de vários

Este escudo ofereceu-o Prómaco, as lanças Aconteu,
a espada Eumedes, as flechas Cídon,
Hipomedonte as rédeas, o casco dedicou-o Melantes,

as cnémides Nícon, a lança Aristómaco,
e a couraça Filínon⁸⁷. E que sempre, Ares assassino,
lhes concedas lograr os despojos dos inimigos.

92. DE FILIPO DE TESSALÓNICA

Dedicatória a Hermes do ourives Demofonte. Outros iampos

O tubo de insuflar o fogo na sua forja,
a lima penetrante que aparava o ouro,
a pinça de duas garras para mexer no fogo
e estas patas de lebre para colher detritos
dedicou o ourives Demofonte ao Cilénio,⁸⁸
quando a velhice lhe ensombrou os olhos.

93. DE ANTÍPTARO [DE SÍDON]⁸⁹

Dedicatória a Héracles de Harpálion

O velho caçador Harpálion, já uma soma de rugas,
a Héracles me dedicou, esta lança de caçar,
pois após tantos anos as suas mãos já não suportam
o meu peso e a cabeça se lhe volveu branca.

94. DE FILIPO DE TESSALÓNICA

Dedicatória a Reia de Clitóstenes. Também em iampos

Estes tambores que batia com as mãos,
os címbalos de agudo som e borda oca,
a flauta dupla que do corno ressoa, com que

⁸⁷ Os nomes são, regra geral, forjados a partir da oferenda de cada indivíduo (e.g. Aconteu, “o que arremessa a lança”).

⁸⁸ O *Hino Homérico a Hermes* abre com uma saudação ao deus, chamando-o de “Senhor do Monte Cilene e da Arcádia”.

⁸⁹ Outros autores atribuíram o epigrama ao poeta homónimo da Tessalónica.

alegre tocava agitando frenética a cabeça
 e o machado de dois gumes que o mutilou⁹⁰,
 isto, Reia do carro atrelado de leões, Clitóstenes
 te dedicou, velhos os seus pés para o frenesim.

95. DE ANTÍFILO

Dedicatória a Deo⁹¹ do agricultor Pármis

Uma espora ameaçadora de ponta de ferro para guiar os bois,
 a sacola que guarda a quantidade de cereal a semear,
 a foice arredondada, arma agrícola para cortar as espigas,
 a forquilha de três pontas, instrumento de ceifar,
 e as botas já muito furadas, isso dedicou a Deo o lavrador
 Pármis, renunciando aos seus penosos trabalhos.

96. DE ERÍCIO

Dedicatória a Pã dos pastores Gláucon e Córidon

Gláucon e Córidon, homens que nos montes pastam o gado,
 Arcádios ambos, este bezerro de belos cornos
 degolaram e ao Cilénio Pã montanhês o sacrificaram, puxando
 para trás a sua cabeça; depois, com longa cavilha,
 os cornos que mediam doze palmos fixaram a um plátano
 elevado, bela oferenda para o deus dos pastores.

97. DE ANTÍFILO DE BIZÂNCIO

Dedicatória a Ártemis do rei Alexandre

Lança de Alexandre! A inscrição que levas diz que o próprio,

⁹⁰ À letra, “que abre veias”. A comparação com os núms. 6.51.7-8 e 6.218.1 confirma que está em causa a castração, parte do culto sanguí-nário dessa deusa.

⁹¹ Deméter.

após a guerra, como símbolo te dedicou a Ártemis⁹²,
 a arma do seu braço nunca antes vencido. Ó arma magnífica,
 a quem o mar e a terra cediam quando ele a brandia!
 Sê propícia, intrépida lança! Para sempre tremerá todo aquele
 que te contemple, dessa mão poderosa recordado.

98. DE ZONAS

Dedicatória a Deo⁹³ de Héronax

A Deo, deusa das colheitas, e às Horas campestres,
 Héronax, acabando de ceifar o seu terreno pobre,
 uma parte das espigas do solo da sua eira e estes legumes
 variados ofereceu sobre uma trípode de madeira –
 de pouca safra, pouca oferenda!⁹⁴ Outra coisa não possui além
 deste lote modesto sobre esta colina miserável.

99. DE FILIPO DE TESSALÓNICA

Dedicatória a Pã do pastor Filoxénides

Talhando-te em carvalho com casca, Pã, Filoxénides
 te dedicou, o famoso pastor de cabras,
 sacrificando-te ainda um bode velho e embebendo
 de leite de uma fêmea o teu altar sagrado.
 Em troca, nos estábulos os ventres das cabras [pariram]
 gémeos, escapando à cruel mordedura do lobo.

⁹² Se de facto se trata de um epigrama mandado gravar por Alexandre, poderia ser uma dedicatória ao templo de Ártemis em Éfeso, destruído pelo fogo em 356 a.C. e posteriormente mandado restaurar pelo rei da Macedónia.

⁹³ Deméter.

⁹⁴ Nota da humildade de quem faz a oferenda, como nos núms. 6.152.3, 190.2, 238.4, 288.6, etc.

100. DE CRINÁGORAS

Dedicatória a Hermes de Antífanes

A tocha, contenda sagrada dos rapazes, que rápido portou
em memória do fogo roubado por Prometeu,
glorioso troféu de vitória aceso nas suas mãos, a Hermes
a dedicou Antífanes, de nome igual a seu pai⁹⁵.

101. DE FILIPO

Dedicatória a Hefesto do cozinheiro Timásion

As espadas que a tantas feras deram morte,
os abanicos que agitava para atizar o fogo,
a peneira de muitos buracos, a trempe de quatro
pés sobre o fogo, a grelha para a carne,
a concha para retirar a gordura excessiva,
com o garfo de dedos de ferro da carne,
a ti, Hefesto de passo lento, Timásion
dedicou, perdida a força dos membros.

102. DE FILIPO

Dedicatória a Priapo do jardineiro Lâmon

Uma romã de pele amarela, figos de casca enrugada,
um cacho fresco arrancado das uvas rosadas,
um marmelo bem-cheiroso coberto de fina pelugem,
uma noz visível debaixo da sua casca verde,
um pepino fresco, dos que repousa no chão entre folhas,
e uma azeitona de tez dourada já madura,

⁹⁵ Estas corridas de tocha acesa na mão apenas tinham lugar nas festas de Atena, Hefesto e Prometeu. Não obstante Antífanes, um atleta, dedica-a a Hermes, patrono do exercício físico em geral.

a ti, Priapo, senhor dos viajantes, te dedicou o jardineiro Lâmon,
pedindo-te o viço para as suas árvores e os seus membros.

103. DO MESMO FILIPO

Dedicatória a Atena do carpinteiro Leôntico

O seu fio-de-prumo bem alinhado pelo chumbo, um martelo
para bater a madeira, as brocas de arco com cordas à volta,
um machado forte para fender os troncos, uma serra que corta
a direito, seguindo o traçado da linha vermelha,
os trados operados pela mão, as verrumas e o fio embebido
em vermelho que vibra quando a régua o toca de raspão,
estes presentes, virgem de olhos garços⁹⁶, te dedicou Leôntico,
agora que o tempo levou todo o vigor dos seus membros.

104. DO MESMO

Dedicatória a Deo do agricultor Lisíxeno

O seu saco tiracolo para sementes, o malho para romper
torrões de terra, as foices curvas para colher o trigo,
os ancinhos aguçados para malhar o restolho, o arado
com as relhas curvas, a charrua que ama a terra,
as esporas que picam as costas dos bois, as correias de tendões
[para os guiar
e as forquilhas, mãos de madeira que trabalham a terra,
com os membros enfraquecidos por muito ter lavrado, Lisíxeno
os consagrou a Deo⁹⁷, a deusa coroada de espigas.

⁹⁶ Epíteto de Atena, como em *Iliada* 1.206.

⁹⁷ Deméter.

105. DE APOLÓNIDES

Dedicatória a Ártemis do pescador Ménis

Um salmonete grelhado e uma tainha pescada no porto
 eu te ofereço, Ártemis, eu, o pescador Ménis,
 mais um copo de vinho puro bem cheio e um pedaço de pão
 seco partido lá dentro – humilde oferenda!
 Em troca, permite que carregadas de botim estejam sempre
 as minhas redes – tuas são, deusa, todas as redes⁹⁸.

106. DE ZONAS

Dedicatória a Pã do caçador Téleson

Para ti, deus dos bosques, num plátano silvestre
 Téleson, caçador de lobos, pendurou esta pele,
 junto com o bastão de oliveira selvagem que outrora
 tantas vezes lançou da sua mão entre gritos.
 E tu, Pã das colinas, aceita estes presentes pouco ricos
 e abre-lhe a tua montanha a boas caçadas!

107. DE FILIPO

Dedicatória a Pã do caçador Gélon

A Pã, guarda das florestas, o caçador Gélon
 me dedicou, a lança a quem o tempo gastou
 a ponta pelo uso, os farrapos velhos das redes
 de muitas tranças, os nós que apertam a goela
 das feras, as armadilhas pedestres de tendões
 que rápidas as caçam pelas patas e as coleiras,
 donas dos pescoços dos cães. Lassos os membros
 pela idade, deixou-se de aventuras pela montanha.

⁹⁸ I.e., as da pesca como as da caça, ambas atividades tuteladas por Ártemis.

108. DE MIRINO

Dedicatória aos Pãs⁹⁹ de Diotimo

Guardiões dos montes elevados, cornudos dançarinos,
 Pãs, senhores da Arcádia que alimenta os bois,
 fazei com que seja rico em ovelhas e cabras Diotimo,
 pois dele recebestes presentes de rico sacrifício.

109. DE ANTÍPATRO [DE SÍDON]

Dedicatória a Pã de Cráubis

Esta rede fina¹⁰⁰ já velha, esta armadilha triplamente
 enrolada, as trampas feitas de tendões¹⁰¹,
 as gaiolas de muitos furos, as coleiras para arrastar,
 as estacas pontiagudas afiadas ao fogo¹⁰²,
 a seiva pegajosa do carvalho e esse caçador
 de aves – a cana embebida em cola¹⁰³ –,
 a corda de três fios que se puxa para fechar a rede
 oculta e o laço que apanha os groux plangentes,
 a ti, Pã montanhês, dedicou o filho de Neoladas,
 Cráubis, caçador de Orcómeno, da Arcádia.

110. DE LEÓNIDAS [DE TARENTO] OU MNASALCAS

Dedicatória de Cleolau

Esta corça, escondida que estava num matagal, Cleolau
 a matou nas margens sinuosas do Meandro

⁹⁹ No plural, refere-se aos faunos, filhos de Pã (cf. Teócrito 4.63).

¹⁰⁰ Uma rede exclusiva para apanhar aves de pequeno porte.

¹⁰¹ Cf. núm. 6.107.

¹⁰² Nas quais se penduravam as redes de caça mais resistentes para apanhar animais de algum porte.

¹⁰³ Usada para apanhar pássaros. A técnica foi usada como imagem poética do apaixonado preso na armadilha do seu amado nos epigramas homoeróticos da *Antologia* (e.g. 12.92, 132a, 142).

com a espada afiada; e os cornos de oito hastes da sua testa,
com um prego os pendurou neste pinheiro áspero.

111. DE ANTÍPATRO [DE SÍDON]

Dedicatória a Ártemis de Licormas

Esta corça, que se criava nas margens do Ládou e do Erimanto
ou nos cumes do Fóloe, morada de animais selvagens,
foi o filho de Teárides de Lásion¹⁰⁴, Licormas, quem a matou,
ferindo-a com a ponta parecida a um pião da sua lança;
esfolando-lhe a pele e os dois cornos hasteados da sua fronte,
foi depois depositá-los aos pés da virgem caçadora.

112. DE PERSES

Dedicatória a Apolo [de Daíloco e Promenes]

Estas três monstruosas cabeças de cervos de grandes cornos
do Ménalo, Apolo, pendem dos teus pórticos;
de cima dos cavalos as mataram [os corajosos]¹⁰⁵ Daíloco
e Promenes, os filhos do nobre Leontíades.

113. DE SÍMIAS, O GRAMÁTICO

Dedicatória

Outrora era um dos cornos de uma cabra selvagem, peluda
[e saltitante, e era coroado de folhagem verdejante.]¹⁰⁶
Agora, um artesão transformou-me num arco para Nicómaco,

¹⁰⁴ O Erimanto é um afluente do rio Alfeu que separa a Élide da Arcádia. No monte Fóloe (cf. 6.3) nasce o rio Seleente, que desagua em Lásion (na Élide).

¹⁰⁵ Texto corrupto, para o qual não foi conseguida solução. Traduzimos a sugestão em aparato, não mais que verosímil, de Waltz (1931, repr. 2002: 73).

¹⁰⁶ Verso considerado espúrio por Gow-Page (1965).

estirando os tendões fortes de um boi de curvos chifres¹⁰⁷.

114. DO MESMO [OU DE FILIPO DE TESSALÓNICA¹⁰⁸]

Dedicatória a Héracles de Filipo

Nós, a pele e os cornos longos de um touro, presente do rei
 para o filho de Anfitrião, neste pórtico repousamos
 os nossos catorze palmos; dando de caras um dia com Filipo¹⁰⁹,
 esse animal feroz ele deitou por terra, com golpe terrível
 da sua espada, nos pastos junto ao Orbelo¹¹⁰. Ó muito
 [afortunada
 Hemácia¹¹¹, que por tal senhor és governada!

115. DE ANTÍPATRO [DE SÍDON]

Sobre o mesmo assunto

Este touro que outrora mugia nos cumes do Orbelo,
 besta que costumava devastar a Macedónia,
 matou-o Filipo, o raio destruidor dos Dardânidas,
 atingindo-o na cabeça com a lança de caça.
 E, com a pele dura, dedicou-te, Héracles, os cornos
 que armavam a sua cabeça invencível.

¹⁰⁷ O corno, que servia a início para pendurar coisas – desde logo grinaldas de flores – foi em seguida transformado num arco, cuja corda é feita de tendões animais. É evidente a imitação da *Iliada* (4.105-106, 110).

¹⁰⁸ Atribuição de Planudes.

¹⁰⁹ Filipo V, filho de Demétrio, também celebrado nos núms. 6.115 e 116. Não pode o autor do epigrama, portanto, ser Símiás, que viveu cerca de um século antes, razão pela qual Wilamowitz o atribuiu a Samos, contemporâneo do monarca e o poeta mencionado por P como autor do núm. 6.116.

¹¹⁰ Maciço montanhoso da Trácia.

¹¹¹ Na Macedónia, a norte da Tessália.

Bem descende ele da tua raça: por isso há que imitar
as obras de seu avô, matando touros como tu¹¹².

116. DE SAMOS

Sobre o mesmo assunto

Para ti, Alcides que venceste os Míncias¹¹³, Filipo dedicou
a pele aveludada deste touro de vasto mugido
e os seus cornos, o qual, exultante de insolência,
ele matou nas ásperas colinas do Orbelo.

Que a inveja esteja longe, e a tua glória a crescente
a raça do herói de Beróia¹¹⁴, senhor da Hemácia.

117. DE PÂNCRATES

Dedicatória a Hefesto de Polícrates

Retirados do fogo, este martelo, a pinça e as tenazes
são a oferenda a Hefesto de Polícrates,
pois de tanto martelar a dura forja logrou o sustento
para os filhos e evitou a terrível miséria.

118. DE ANTÍPATRO [DE SÍDON]

Dedicatória a Apolo de uns quantos

Esta cítara, o arco e as redes intrincadas para Febo
são os presentes de Sósis, Filas e Polícrates;

¹¹² A família de Filipo (os Teménidas) considerava-se – como tantas outras, há que dizê-lo – descendente de Hércules. A alusão é à morte do touro de Creta, um dos trabalhos do ciclo do herói.

¹¹³ Alusão à disputa secular entre Tebas e Orcómeno pelo domínio da Beócia, na qual a lenda afirma que participaram Anfitrião e Hércules, tendo o último – que originalmente se chamaria Alcides – derrotado os Míncias de Orcómeno.

¹¹⁴ Cidade da Hemácia (Macedónia), terra original dos fundadores da dinastia dos Teménidas.

O arqueiro ofereceu o seu arco de corno, o músico
a sua lira, e o caçador as suas redes.
Obtenha um o poder de lançar flechas velozes, outro a técnica
perfeita da lira, e o último a palma entre os caçadores.

119. DE MERO DE BIZÂNCIO

Dedicatória a Afrodite

Eis-te suspenso sob o pórtico dourado de Afrodite,
cacho de uvas, cheio do néctar de Dioniso;
a videira, tua mãe, não mais te envolverá com a graciosa vide,
nem sobre a tua cabeça fará brotar odoríferas folhas.

120. DE LEÓNIDAS [DE TARENTO]

Dedicatória a Atena [sobre uma cigarra]

“Não sei só cantar, pousada em grandes árvores
e aquecida debaixo do sol escaldante,
bebendo gotas de orvalho delicado e com a voz
encantando a custo zero os viajantes;
igualmente me verás, a mim, uma cigarra, pousada
sobre a lança de Atena de casco brilhante.
Tanto como me amam as Musas, o mesmo amo
eu Atena, a virgem que inventou a flauta¹¹⁵.”

121. DE CALÍMACO

Dedicatória a Ártemis [sobre o arco de Equemas]

Filhas do Cinto¹¹⁶, coragem! O arco do cretense Equemas

¹¹⁵ Segundo uma tradição já presente em Píndaro (*Pítica* 12.6-12) e recuperada por Nono de Panópolis (*Dionisiacas* 24, 36), entre outros. O epigrama recorda Atena, além das suas atribuições guerreiras, também como deusa das artes.

¹¹⁶ I.e. cabras selvagens, que habitavam este monte da Arcádia, famoso na Antiguidade (e.g. Calímaco, *Hino a Apolo* 2.59-60; *AP* 15.25).

repousa agora no templo de Ártemis em Ortígia¹¹⁷,
o que livrava o grande monte da vossa raça; já não caça,
cabras, desde que a deusa estabeleceu esta trégua.

122. DE NÍCIAS

Dedicatória a Atena

- Ménade de Eniálio¹¹⁸, sustém da guerra, impetuosa lança,
quem te dedicou à deusa que incita à batalha?
– Ménio. Pois, lançada vigorosamente pela sua mão,
ao primeiro assalto matei [os Odrísios]¹¹⁹ na planície.

123. DE ÂNITE

Sobre o mesmo assunto

Fica aqui, lança homicida, e que pela tua plangente ponta
de bronze não mais corra o sangue dos inimigos!
Descansando no elevado santuário de mármore de Atena,
proclama antes a coragem do cretense Equecrátides.

124. DE HEGESIPO

Dedicatória a Atena do soldado Timanor

Eis-me aqui, o escudo dos ombros mortais de Timanor,
preso ao telhado no templo de Palas, a guerreira;
muitas vezes coberto de pó pela guerra dura como o ferro,
aquele que me portava sempre salvei da morte.

¹¹⁷ Nome antigo de Delos.

¹¹⁸ Vd. núm. 6. 46.1 e nota. As Ménades eram celebrantes de Dioniso, aqui poeticamente associadas a Ares pelo furor implícito em qualquer batalha.

¹¹⁹ Suplemento de Meineke para o texto corrupto de P. Os Odrísios eram um povo da Trácia, inimigo tradicional da Macedónia, que pouco antes do tempo de Nícias tinham sido vencidos pelo rei Lisímaco.

125. DE MNASALCAS

Sobre o mesmo assunto

Eis-me agora aqui, longe do combate, eu que tantas vezes
bem protegi com as costas o peito do meu senhor.
Apesar das flechas lançadas de longe, das pedras terríveis
aos milhares e das longas lanças que recebi,
afirmo que jamais abandonei o braço gigantesco de Cleito
nos arrepiantes estrépitos de Eniálio¹²⁰.

126. DE DIOSCÓRIDES

Dedicatória

Este emblema, não sem razão o dedicou no seu escudo
o filho de Polites, o cretense Hilo, homem valente,
gravando a Górgona que transforma em pedra e três pernas
à volta¹²¹; isto parece querer dizer aos inimigos:
“Tu que brandes a lança contra o meu escudo, não me olhes,
ou então foge *a três pernas* deste homem veloz!”

127. DE NÍCIAS

Dedicatória a Ártemis de Epixeno

Também eu, um dia, tive a sorte de deixar a confusão
terrível de Ares e escutar os coros de raparigas
junto ao templo de Ártemis, onde me dedicou Epixeno,
quando a grisalha velhice oprimiu as suas forças.

¹²⁰ Vd. núm. 6.46.1 e nota.

¹²¹ A cabeça da Górgona ocuparia a posição central, da qual sairiam as três pernas encurvadas, segundo um modelo frequente na cerâmica grega e, sobretudo, na numismática siciliana.

128. DE MNASALCAS

Dedicatória a Ártemis

Fica aqui junto a este templo venerável, brilhante escudo,
 oferenda do inimigo a Ártemis, a filha de Leto!
 Muitas vezes, combatendo na guerra nas mãos de Alexandre¹²²,
 [não se deixou cobrir de pó o teu rebordo dourado.]¹²³

129. DE LEÓNIDAS [DE TARENTO]

Dedicatória a Atena

Oito escudos¹²⁴, oito cascos, oito couraças tecidas¹²⁵,
 igual número de punhais cobertos de sangue,
 eis os despojos dos Lucanos que a Atena Corifásia¹²⁶
 dedicou o corajoso Hagnon, filho de Evantes.

130. [DO MESMO]

Dedicatória a Atena de Pirro do Epiro

Estes escudos, despojos dos valentes Gálatas, Pirro pendurou
 aqui, em oferenda, no templo de Atena Itónia¹²⁷,
 após destruir toda a armada de Antígono. Nada de admirar:

¹²² Não deve tratar-se de Alexandre Magno, mas de um guerreiro com o mesmo nome, contemporâneo do poeta e referido também no núm. 6.264.

¹²³ A segunda parte do v. 4 está corrupta, pelo que traduzimos o que pode ser o seu sentido aproximado (cf. núm. 6.124.3).

¹²⁴ No caso, *thyreos* designa um escudo retangular alongado, que podia cobrir a maior parte do corpo, e não apenas o peito, como era o caso do *aspis*.

¹²⁵ Podiam ser feitas de linho, como já nos *Poemas Homéricos*, e eram usadas também para a caça.

¹²⁶ Alusão às lutas constantes entre os locais de Corifásio, terra vizinha de Pilos, e os Lucanos da Itália meridional, a partir de 282 a.C.

¹²⁷ Atena tinha um santuário muito conhecido em Itone, na Tessália, culto que lendariamente teria sido instituído por Itono, um dos descendentes de Deucalião.

antes como agora são guerreiros os Eácidas¹²⁸.

131. [DO MESMO]

Dedicatória a Atena

Estes grandes escudos dos Lucanos¹²⁹, estas rédeas
em linha e as lanças de duas pontas polidas
jazem aqui, saudosas dos cavalos e dos cavaleiros,
para Palas – a estes, a negra morte os tragou.

132. DE NÓSSIS

Dedicatória

Os varões Brútios¹³⁰ tiraram as armas dos ombros miseráveis,
aniquilados às mãos dos Lócrios de ágil combate;
elas celebram a sua valentia, depostas nos santuários dos deuses,
sem saudades dos braços dos covardes que as deixaram.

133. DE ARQUÍLOCO¹³¹

Dedicatória a Hera de Alcíbia

Alcíbia dedicou o véu sagrado dos seus cabelos
a Hera, quando celebrou bodas legítimas.

¹²⁸ Pirro pretendia descender de Aquiles. Alusão às lutas entre Pirro (rei do Epiro) e Antígono II Gonatas (do lado Gaulês), no primeiro quartel do séc. III a.C. Vd. Pausânias 1.13.2; Plutarco, *Pirro* 26.3-8.

¹²⁹ Vd. nota ao núm. 6.129.3.

¹³⁰ Outro episódio das lutas entre as colónias da Magna Grécia e os povos indígenas, Brútios e Lucanos em especial, que estavam no seu auge no tempo da poetisa de Locros (finais do séc. IV a.C.). Esse o assunto, de resto, dos núms. 6.129-132.

¹³¹ Nada permite considerar a atribuição ao poeta de Paros da primeira metade do séc. VII a.C., embora ele tenha composto poesia no metro elegíaco.

134. DE ANACREONTE

Dedicatória

A que segura o tirso, Helicônia, a que está ao lado,
 Xantipa, e Glauce, entram as três na dança
 chegadas da montanha, e para Dioniso trazem
 hera, um cacho de uvas e um bode branco.¹³²

135. DO MESMO

Dedicatória a Zeus de Fídotas

Este cavalo, Fídotas de Corinto, terra de vastos campos,
 dedicou-o ao Crónida¹³³, celebrando o valor dos seus pés¹³⁴.

136. DO MESMO

Dedicatória

Foi Praxídice quem fez, segundo o plano de Diséris,
 esta veste¹³⁵ – obra comum da arte de ambas.

137. DO MESMO

Dedicatória a Apolo de Náucrates

Propício, deus do arco de prata, concede a graça ao filho de
 [Ésquilo,
 a Náucrates, aceitando estas oferendas.

¹³² Deve tratar-se da descrição de um quadro (ou baixo-relevo) que reproduz três bacantes fazendo as suas oferendas a Dioniso.

¹³³ Zeus.

¹³⁴ Pausânias (6.13.9) cita o epigrama e considera que estaria gravado na base da estátua não de um cavalo, mas de uma mula de nome Aura. A atribuição do texto a Anacreonte, que celebraria uma vitória em modalidade indefinida dos Jogos Olímpicos algures entre a segunda metade do séc. VI a.C. e a primeira do seguinte, tem sido aceite.

¹³⁵ Deve tratar-se de um manto bordado oferecido a uma estátua de Atena.

138. DO MESMO

Semelhante

Caliteles modelou-me no passado; esta estátua¹³⁶, os descendentes
a ergueram, e a eles deves devolver a graça.

139. DO MESMO

Dedicatória de Praxágoras

Praxágoras dedicou estas oferendas aos deuses, o filho
de Licaio; a obra, realizou-a Anaxágoras¹³⁷.

140. DO MESMO

Dedicatória de Melanto a Sémele

Ao filho de Sémele que ama as grinaldas dedicou Melanto
esta oblação pela vitória no coro¹³⁸, o filho de Arífilo.

141. DO MESMO

Dedicatória a Atena

O escudo que salvou Píton da guerra de horrível estrépito
está pendurado no recinto sagrado de Atena.

¹³⁶ A inscrição consta de uma estátua de Hermes encontrada nos arredores de Atenas – o que desde logo invalida o lema de P –, e parece datar de 460-445 a.C. Não deve, portanto, ser este Caliteles o famoso escultor homónimo de Egina (fl. c. 460), mas um dos seus descendentes. Do mesmo modo, a atribuição a Anacreonte não se sustenta, ele que, por essas datas, estaria morto há mais de meio século.

¹³⁷ Se o escultor em causa é Praxágoras de Egina, autor de uma famosa estátua de Zeus para Olímpia no rescaldo da Batalha de Plateias (post. 479 a.C.), dificilmente o epigrama foi escrito por Anacreonte.

¹³⁸ O diretor do coro (de uma obra dramática) premiado recebia de prémio, ele próprio, uma trípode, que a tradição mandava oferecer a Dioniso, patrono das competições dramáticas, o filho de Sémele do v. 1. O lema está, portanto, uma vez mais errado, resultado provável da pressa do seu redator.

142. DO MESMO

Dedicatória a Dioniso

Para te dar graças, Dioniso, como emblema esplêndido da cidade
me dedicou Equecrátides, o soberano da Tessália¹³⁹.

143. DO MESMO

Dedicatória a Hermes de Timónax

Suplica ao arauto dos deuses que seja propício a Timónax,
que como ornamento destes magníficos pórticos
e em honra do todo-poderoso Hermes aqui me pôs. Quantos
o desejem, cidadãos ou de fora, aceito-os no ginásio¹⁴⁰.

144. DO MESMO

Dedicatória a Hermes de Leócrates

Filho de Estribo, Leócrates¹⁴¹! Quando dedicaste esta estátua
a Hermes, não ignoraste nem as Graças de belos cabelos
nem a muito animada Academia¹⁴², em cuja antecâmara
proclamo a tua benevolência a todo aquele que chega.

¹³⁹ Equecrátides de Farsala, vencedor olímpico no início do século V a.C. e rei da Tessália. É de novo improvável que o epigrama seja de Anacreonte.

¹⁴⁰ Fala a estátua de Hermes, patrono dos ginásios. Cf. núm. 6.100 e nota.

¹⁴¹ Pode tratar-se do general homónimo que, em 456 a.C., venceu os Eginetas (cf. Tucídides 1.105). Não há que considerar uma estátua mais pequena colocada na mão (ou braço) de outra, como pretendia Waltz (1931 repr. 2002: 84), mas ler o termo *agostos* como metafórico. Bergk atribuiu o epigrama a Simónides (fr. 150), opinião desmerecida pelos críticos já que o poeta estaria, pela época referida, morto há décadas.

¹⁴² Um ginásio onde também haveria lugar a discussões filosóficas, que não deve confundir-se com a homónima instituição fundada por Platão, mais de meio século posterior.

145. DO MESMO

Dedicatória de Sófocles [o poeta trágico]

Estes altares, aos deuses erigiu Sófocles, o primeiro,
ele que logrou a glória maior da Musa trágica.

146. DE CALÍMACO

Dedicatória de Licínide

Vem de novo, Ilitia¹⁴³, em resposta à chamada de Licínide,
e concede-me um parto fácil e um filho saudável!
Isto¹⁴⁴, soberana, é por uma rapariga; mas, por um varão,
no futuro o teu templo perfumado terá algo mais.

147. DO MESMO

Dedicatória

O que Aquéson te devia, Asclépio, pelo voto que fez
pela mulher Demódica, tudo já recebeste,
há que dizê-lo; se te esqueces e de novo o reclamas,
este quadro declara que dará testemunho.

148. DO MESMO

Dedicatória

Ao deus de Canopo¹⁴⁵, Calístio, a filha de Crítias,
me dedicou, rica lamparina de vinte mechas,

¹⁴³ Filha de Zeus e Hera, era a deusa dos partos e das gestantes.

¹⁴⁴ I.e., estas oferendas presentes. Licínide faz oferendas pelo nascimento de uma filha, prometendo outras, mais ricas, caso tenha no futuro um varão.

¹⁴⁵ Serápis, divindade sincrética helenístico-egípcia que reunia as atribuições de Dioniso e Osíris. O seu culto terá sido introduzido em Alexandria ainda no séc. IV a.C. sob o governo dos primeiros Ptolemeus, e em Canopo tinha um dos seus mais célebres locais de culto.

fazendo um voto pelo filho Apélis¹⁴⁶. Ao veres as minhas chamadas,
hás de dizer: “Ó noite, como caíste sobre a terra?”¹⁴⁷

149. DO MESMO

Diz aquele que aqui me pôs, Evéneto – eu cá
nada sei – que pela sua vitória
me dedicou, um galo de bronze, aos Tindáridas¹⁴⁸;
creio no filho de Fedro, filho de Filóxeno!

150. DO MESMO

No templo de Ísis, filha de Ínaco¹⁴⁹, se perfila a filha de Tales,
Ésquilis, em cumprimento do voto da mãe Irene.

151. DE TIMNES

Mico de Palene esta pesada flauta de Eniálio¹⁵⁰
pendurou no templo de Atena Troiana,
obra dos Tirrénios, com a qual antes tantas vezes
ele apregoou o sinal de paz e de guerra.

¹⁴⁶ Ou “pela filha Apélides”, não é claro, dado o desconhecimento do nome por outras fontes.

¹⁴⁷ Tal o brilho da lamparina, estranho é que a noite seja noite.

¹⁴⁸ Os Tindáridas eram os Dioscuros, Castor e Pólux, filhos de Leda ambos, com Tíndaro o primeiro e com Zeus o segundo. A vitória atlética em causa pode ser numa modalidade equestre (em homenagem a Castor) ou, mais provavelmente, no pugilato, área na qual Pólux era considerado o melhor.

¹⁴⁹ Ísis, no Egito helenístico, tinha sido assimilada a Io, a filha de Ínaco da mitologia grega.

¹⁵⁰ I.e., uma trompeta, usada no campo de batalha. Sobre Eniálio, vd. nota ao núm. 6.46.1.

152. DE ÁGIS

Estas estacas¹⁵¹ e os paus alados para as lebres te dedicou
 Mídon, Febo, com as canas passarinheiras¹⁵²,
 pequena oferenda para pequeno lucro!¹⁵³ Concede-lhe mais,
 e ele te dará presentes muito mais ricos que estes.

153. DE ÂNITE

Há um boi neste caldeirão; dedicou-o o filho de Eriáspides,
 Cleoboto; a sua pátria, Tégea de vastos campos;
 para Atena é esta oferenda; Aristóteles foi quem o fez,
 o de Cleitor¹⁵⁴, que recebeu nome igual a seu pai.

154. DE LEÓNIDAS DE TARENTO OU DE GETÚLICO

Eis o que a Pã dos campos, a Lieu¹⁵⁵ que grita o *evoé*
 e às Ninfas consagrou o velho Bítton da Arcádia:
 a Pã, um bode recém-nascido que brinca com a mãe,
 a Brómio, um galho de hera vagabunda,
 e às Ninfas, a flor variegada do outono ensombrado¹⁵⁶
 e as pétalas da cor do sangue das rosas abertas.
 Em troca, Ninfas, regai sempre bem o terreno do velhote
 com água; tu, Pã, com leite; e tu, Baco, com muitas uvas.

155. DE TEODÓRIDAS

Têm a mesma idade Cróbilo e os cabelos que para Febo,
 o dançarino, cortou esse menino de quatro anos;

¹⁵¹ Para pendurar as redes de caça, como no núm. 6.109.4.

¹⁵² O mesmo que no núm. 6.109.6. Vd. nota ad loc.

¹⁵³ Cf. e.g. núms. 6.98.5, 238.5.

¹⁵⁴ Cidade da Acaia.

¹⁵⁵ Lieu e Brómio são dois epítetos de Dioniso (ou Baco).

¹⁵⁶ I.e. um cacho de uvas.

dedicou-lhe ainda um galo belicoso e um bolo generoso
 coberto de queijo esse filho de Hegesídico.
 Apolo! Permite que Cróbilo se transforme num homem,
 e estende as mãos sobre a sua casa e os seus bens.

156. DO MESMO

Esta mecha do seu cabelo jovem, com a sua bela cigarra¹⁵⁷,
 [Caristénio] dedicou às virgens Amaríntias¹⁵⁸,
 com um boi purificado em água. Qual estrela brilha o moço¹⁵⁹,
 como jovem potro que ostenta o primeiro pelo.

157. DO MESMO

Ártemis, guardiã das possessões e do terreno de Gorgo,
 fere com arco os ladrões e protege os amigos!
 Para ti, Gorgo há de imolar, às tuas portas, o sangue
 de uma cabra do seu rebanho e uns cordeiros criados.

158. DE SABINO, O GRAMÁTICO

A Pã, Bítton dedicou um bode, rosas às Ninfas, a Lieu¹⁶⁰
 tirsos – tripla oferenda sob ramos bem floridos.
 Recebei-os, divindades, com alegria, e aumentai-lhe sempre,
 Pã o rebanho, as Ninfas a fonte, e Baco a adega¹⁶¹.

¹⁵⁷ Um adorno para o cabelo com essa forma, tal como o boi do v. 3.

¹⁵⁸ Em Amarinto, na Eubeia, havia um célebre santuário de Ártemis. As “virgens Amaríntias” devem ser uma invocação, no plural, da própria deusa, protetora das raparigas e tutelar da sua transição para a idade adulta.

¹⁵⁹ O estado textual do epigrama é complexo, e não é sequer claro se quem dedica é do género masculino ou feminino (embora nos tenha parecido mais segura a primeira hipótese). Seguimos, neste como noutros casos, a edição de Gow-Page (1965).

¹⁶⁰ Dioniso (ou Baco).

¹⁶¹ Exercício poético sobre o núm. 6.154.

159. DE ANTÍPATRO DE SÍDON¹⁶²

Eu, que outrora difundia o canto sangrento da guerra
em combate e o doce acento da paz,
aqui estou pendurada, Ferenico, para a virgem Tritónida¹⁶³
o teu presente, findo o meu soar estrepitante.

160. DO MESMO

Dedicatória a Atena de Telesila

A sua lançadeira¹⁶⁴ matinal que canta a par da voz
das andorinhas, alcíone dos teares de Palas,
o seu fuso rodopiante dotado de um peso na ponta,
muito hábil tecelão dos fios que se enlaçam,
os novelos e o seu cesto de trabalho amigo da roca,
guardião dos carros de linhas e novelos de lã,
a diligente Telesila, filha do honesto Díocles,
dedicou à virgem tutelar das obreiras da lã.

161. DE CRINÁGORAS

Dedicatória [do cônsul] Marcelo

Marcelo¹⁶⁵, regressado do Ocidente carregado de despojos
de guerra para as montanhas da rochosa Itália,
por primeira vez cortou a loira barba; isso era o que desejava
a sua pátria – enviar um rapaz e receber um homem.

¹⁶² O epigrama é réplica do núm. 6.46.

¹⁶³ Originalmente uma divindade marinha, consorte de Tritão, mais tarde confundida com Atena, por via do epíteto Tritogeneia da última deusa (vd. núm. 6.10.1, com nota).

¹⁶⁴ Cf. núms. 6.39, 47, 48.

¹⁶⁵ Filho de Otávio e sobrinho de Augusto, travou e venceu em 25 a.C. uma guerra contra os Cantábrios, quando ainda não havia cumprido dezoito anos. Morreria pouco tempo depois.

eu, Lucílio, salvo das ondas, neste local cortei as tranças
do meu cabelo – nada além disso eu possuo.

165. DE FALICO

Dedicatória a Baco de Evante

Um pandeiro rodopiante, agulhão que incita o tiaso¹⁷⁰,
esta carcaça manchada de uma corça esfolada,
os címbalos dos Coribantes¹⁷¹, sonoros instrumentos de
[bronze,
o bastão verdejante de um tirso com cone de pinho,
o som pesado e oco de um tambor leve e a cesta que levava
tantas vezes sobre os cabelos presos com diadema
Evante dedicou a Baco, quando a mão já tremente para tirsos
passou dedicar ao serviço que não treme dos copos.

166. DE LUCÍLIO

Dedicatória a Dioniso de um doente de hérnia

Uma imagem da sua hérnia Dionísio aqui veio dedicar,
salvando-se, sozinho, entre quarenta náufragos;
com ela amarrada às coxas, nadou até à costa.
Em ocasiões, até ter uma hérnia é uma sorte¹⁷².

entre muitos outros lugares, na Beócia, onde se associavam ao culto de Deméter Cabíria. Cf. Pausânias 9.25.5.

¹⁷⁰ I.e., marca o ritmo do cortejo dionisíaco das bacantes com todo o seu furor.

¹⁷¹ Celebrantes da deusa Cibele, cujo ritual se assemelhava bastante ao dos celebrantes de Dioniso.

¹⁷² Epigrama que, embora de estrutura votiva, ficaria melhor no livro 11 dos epigramas satíricos.

167. DE AGÁTIAS, O ESCOLASTA

Dedicatória a Pã de Cleonico

Para ti, deus de pés de bode, para o teu monte junto ao mar
 é este bode, tu que tutelas ambos tipos de caça¹⁷³!
 Pois o latir dos cães e a estaca de três pontas tu aprecias,
 o ofício de montar caçada às lebres velozes,
 as redes que se lançam às ondas, o pescador de linha
 esforçado e o cabo dos que a custo sacam as redes¹⁷⁴.
 Quem o dedicou foi Cleonico, pois tanto pôde pescar no mar
 como, muitas vezes, pôr em debandada as lebres¹⁷⁵.

168. DE PAULO SILENCIÁRIO

Dedicatória ao mesmo de Xenófilo

Este javali, incansável destruidor das cepas das vinhas,
 habitante destemido dos canaviais de elevada copa,
 que tantas vezes rapinava as árvores com a ponta dos dentes
 afiados ou punha em fuga os cães dos pastores,
 tendo-o encontrado junto ao ribeiro, de pelo eriçado,
 acabado de chegar das profundezas da floresta,
 com o bronze lhe deu morte Xenófilo, e neste carvalho
 pendurou a pele dessa besta selvagem¹⁷⁶.

¹⁷³ A caça, em concreto, e a pesca.

¹⁷⁴ Os dois tipos de pesca: individual (com cana e linha) e com redes lançadas de um barco.

¹⁷⁵ O poeta, aqui e no v. 4, menciona a batida da lebre, ainda hoje prática corrente dos meios rurais, como mais importante do que a sua captura propriamente dita.

¹⁷⁶ Cf. o mesmo tipo de oferenda nos núms. 6.35, 57, 106, 110, 111, 112, 113, 114-116, etc.

169. ANÓNIMO

*Dedicatória a Dioniso de Comaulo*¹⁷⁷

Comaulo, ao ver este ouriço que sobre as costas
levava uvas, matou-o na eira desta vinha;
depois o secou e a Dioniso, deus do vinho, dedicou
esse ladrão dos presentes de Dioniso.

170. DE TIILLO

Dedicatória a Pã

Para Pã são estes olmos, estes salgueiros altos,
este plátano sagrado de ampla copa,
estas fontes e ainda as taças dos pastores a Pã
são dedicados, remédio para a sede.

171. [ANÓNIMO]

*Dedicatória a Hélio de alguns [habitantes vizinhos do Colosso]
de Rodes*

Só para ti elevaram ao Olimpo este Colosso¹⁷⁸
os habitantes da Dória¹⁷⁹ Rodes Hélio,
em bronze, quando, adormecendo as ondas de Énio,¹⁸⁰
coroaram a pátria com os despojos inimigos.
Não só sobre o mar, mas também na terra lançaram
a chama brilhante da liberdade que não fenece.
Pois aos descendentes de Hércules compete, herança
de seus pais, o domínio sobre o mar e a terra.

¹⁷⁷ Vd. núm. 6.45.

¹⁷⁸ Uma das sete maravilhas da Antiguidade, foi mandado construir por volta de 300 a.C. (ou nos primeiros anos do século seguinte) em comemoração da vitória sobre o exército de Demétrio I de Macedónia.

¹⁷⁹ Já na *Iliada* (2.652 sqq.) Rodes havia tido ocupação Dória, por mão de Tleptólemo, um heraclida (cf. vv. 7-8).

¹⁸⁰ Deusa da guerra, considerada mãe, esposa ou filha de Ares.

172. [ANÓNIMO]

Dedicatória a Dioniso de Pórfiris

Pórfiris de Cnidos, estas grinaldas, este tirso-lança¹⁸¹
 de dupla ponta e este enfeite para o tornozelo
 – com que desenfreada celebrava as bacanais avançando
 para Dioniso, os peitos cingidos de pele de veado e hera –
 pendurou para ti, Dioniso, à entrada do teu templo,
 os adornos da sua beleza e do seu frenesim.

173. DE RIANO

Dedicatória a Reia de Acrílis

Acrílis, a sacerdotisa Frígia que debaixo das tochas
 tantas vezes soltou os seus cabelos sagrados,
 e outras tantas proferiu da sua boca o grito profundo
 que entre os Galos por Cibele¹⁸² se faz ouvir,
 os cabelos dedicou à deusa das montanhas no seu portal,
 agora que pôs freio ao seu pé ardente de furor.

174. DE ANTÍPATRO [DE SÍDON]¹⁸³*Dedicatória a Atena*

A Palas, três jovens da mesma idade, como a aranha
 versadas em tecer a teia delicada, dedicaram:
 Demo a sua cesta bem entrelaçada, Arsínoe o fuso
 com que fabricava os fios bem retorcidos,
 e a lançadeira bem construída, rouxinol das tecedeiras,
 Báquilis, com que separava os fios bem entramados.

¹⁸¹ Os tirsos começaram realmente por ser lanças adornadas, tendo-se mantido a variedade de tirso com duas pontas, como era o caso de algumas lanças.

¹⁸² Vd. nota ao núm. 6.51.1.

¹⁸³ Cf. os núms. 6.39 (de Árquias) e 288-289 (de Leónidas).

Viver sem qualquer censura, isso quis cada uma delas,
estrangeiro¹⁸⁴, ganhando a vida com as suas mãos.

175. DO CÔNSUL MACEDÓNIO

Dedicatória de Alcímenes

Este cão, experiente em toda a espécie de caça penosa,
esculpiu-o Lêucon, e Alcímenes o dedicou.
Alcímenes não achou razão para censura; mas, ao ver
a escultura, semelhante em tudo ao modelo,
aproximou-se com uma coleira, e então disse a Lêucon
que mandasse o cão andar: “faz que ladre!”¹⁸⁵

176. DO MESMO

Sobre o mesmo assunto

Este cão, esta sacola e esta lança de caça farpada
a Pã e às Ninfas Dríades¹⁸⁶ eu dedico;
o cão, levo-o de volta, vivo, para a minha cabana,
para ter companhia para os pedaços de pão seco.

177. [ANÓNIMO]

Dedicatória a Pã de Dáfnis

Dáfnis¹⁸⁷ de tez clara, que com a sua bela flauta entoa
as músicas dos pastores, isto dedicou a Pã:

¹⁸⁴ Ele que passa, vê o ex-voto e lê a dedicatória, estrutura frequente também nos epigramas votivos, embora não tanto como nos funerários.

¹⁸⁵ Epigrama sobre o tópico efrástico da arte muda que, de tão realista, ganha voz e vida.

¹⁸⁶ Literalmente, são ninfas associadas ao carvalho – às florestas, portanto.

¹⁸⁷ Vd. os núms. 6.73 e 78.

as suas canas furadas¹⁸⁸, o seu cajado, a estaca aguçada,
uma pele de veado e o cesto onde levava maçãs.

178. DE HEGESIPO

Dedicatória a Héracles de Arquéstrato

Aceita-me, Héracles, a arma consagrada de Arquéstrato,
para que, encostada ao teu pórtico polido,
eu possa envelhecer ao som dos coros e das canções.
Já basta da terrível batalha de Eniálio¹⁸⁹.

179. DE ÁRQUIAS

*Dedicatória a Pã de três irmãos caçadores*¹⁹⁰

A Pã dos campos, três irmãos dedicaram estas oferendas,
uma pelo tipo de caça com rede que a cada um sustenta:
Pigres o nó corrediço para apanhar aves pelo pescoço,
Dâmis as redes para os quadrúpedes da floresta
e Cleitor uma rede de pesca. Tu, concede-lhes em troca
o sucesso das suas redes, as do ar, do mar e da terra.

180. DO MESMO

Sobre o mesmo assunto

Eis os símbolos dos seus ofícios da montanha, do ar
e da terra que te dedicaram, Pã, três irmãos:
Cleitor esta rede de pesca, Pigres esta outra para aves,
e Dâmis a terceira, para quadrúpedes.
Vem, agora como antes, deus caçador, em auxílio
das suas caçadas em terra, no ar e no mar!

¹⁸⁸ A *syrinx*, como no núm. 6.78.1.

¹⁸⁹ Vd. nota ao núm. 6.46.1.

¹⁹⁰ Os núms. 6.179-187 pertenceriam à mesma série original dos núms. 6.11-16.

181. DO MESMO

Sobre o mesmo assunto

Os três irmãos, Pá montanhês, as suas redes
te dedicaram, uma pelo ofício de cada um:
Pigres a das aves, as redes para as feras Dâmis,
e Cleitor as dos peixes te ofereceu.
Seja a rede de um feliz a caçar nos bosques, nos ares
a do outro, e no mar a do último.

182. DE ALEXANDRE DA MAGNÉSIA

Sobre o mesmo assunto

Pigres dedicou-te, Pá, esta rede para as aves, Dâmis a das feras
das montanhas e Cleitor a das que vivem no fundo do mar,
oferenda comum dos três irmãos pelo tipo de caça de cada um,
para ti que és versado tanto na da terra como na do mar.
Em troca, concede a um o domínio das águas, a outro dos
[ares
e ao último dos bosques, divindade, por este gesto piedoso.

183. DE ZÓSIMO DE TASOS

Sobre o mesmo assunto

Para ti, Pá, três irmãos caçadores suspenderam
as suas redes, presentes de três tipos de caça:
Pigres a das aves, Cleitor a de pesca, a da terra
Dâmis, trampa manhosa dos quadrúpedes.
E tu, nos bosques, no mar e no meio dos ares
recompensa-lhes o esforço com sucesso!

184. DO MESMO

Sobre o mesmo assunto

Estas três redes, três caçadores as dedicaram, uma

pelo ofício de cada um, no santuário de Pã:
 Pigres a rede que lançava às aves, a dos peixes
 Cleitor, a das feras selvagens Dâmis.
 Em troca, Pã, faz com que sejam melhor sucedidos,
 um no ar, outro no bosque, e outro nas águas.

185. DO MESMO

Sobre o mesmo assunto

Esta rede forte para animais selvagens dedicou-a
 Dâmis, Pigres a rede fina que mata as aves,
 e Cleitor a sua rede simples de fios entramados
 que varre o mar, suplicando a Pã, o bom caçador.
 Em troca, Pã, concede ao robusto Dâmis bom botim
 de feras, a Pigres de aves e a Cleitor de peixes.

186. DE JÚLIO DÍOCLES

Sobre o mesmo assunto

Nós, família de três irmãos, estas redes te dedicámos,
 Pã, as dos montes, as do ar e as do mar.
 Com esta, pescas nas praias humedecidas do mar;
 esta outra, lança-a nos antros onde vivem feras;
 a terceira, olha-a fixamente entre as aves. Da caça
 de cada um de nós, divindade, recibes os dons.

187. DE ALFEU DE MITILENE

Sobre o mesmo assunto

A Pã, três nobres irmãos dedicaram uma mostra
 do seu ofício, uma pelo de cada um:
 Pigres umas aves, Cleitor uma porção de peixes,
 e Dâmis do que cai entre estacas direitas¹⁹¹.

¹⁹¹ I.e., animais selvagens. Cf. núm. 6.109.4, com nota.

Em troca, concede a um boas caçadas na terra,
ao outro no mar, e ao outro bom botim no ar.

188. DE LEÓNIDAS DE TARENTO

Dedicatória a Pá de Terímaco

O cretense Terímaco pendurou estes paus para caçar lebres¹⁹²,
em honra a Pá Liceu¹⁹³, nos rochedos da Arcádia.
Tu, graças a esta oferenda, divindade campestre, a Terímaco
guia a mão quando lançar flechas na guerra;
nos antros dos bosques fica também de plantão à sua direita,
dando-lhe o melhor da caça, e o melhor contra os inimigos.

189. DE MERO DE BIZÂNCIO

Dedicatória de Cleónimo às Musas

Ninfas Hamadriades, virgens dos rios¹⁹⁴, ambrosíacos seres
que com pés de rosas sempre pisais estes antros,
saúde! E protegei Cleónimo, ele que estas belas estátuas
vos ofereceu, deusas, debaixo destes pinheiros.

190. DE GETÚLICO

Dedicatória de Leónidas

Aceita, veneranda Citereia¹⁹⁵, estes pobres
presentes do pobre Leónidas, o poeta:
um caxo com cinco belas uvas, um figo doce
como o mel há pouco colhido do ramo,

¹⁹² Como nos núms. 6.106.3, 151.1, etc.

¹⁹³ Assim designado a partir do monte homónimo na Arcádia.

¹⁹⁴ Estranha a associação das Hamadriades à água dos rios, elas que normalmente são as ninfas da vegetação em geral. Houve mesmo quem tenha corrigido o texto para ler Anigríades (ninfas do rio Anigro, na Élide), mas não é difícil aceitar que se trate de uma liberdade poética.

¹⁹⁵ Afrodite.

esta azeitona sem folhas que nada sobre o mar¹⁹⁶,
 um punhado destes bolinhos de cevada¹⁹⁷
 e uma gota em libação, par de todo o sacrifício,
 oculta no fundo estreito de uma taça.
 Se, como do mal que me oprimia os ombros¹⁹⁸ me curaste,
 me afastares da miséria, dar-te-ei gordo bode.

191. DE CORNÉLIO LONGO

Dedicatória a Afrodite de Leónidas

De miséria profunda – bem sabes – mas honesta,
 aceita, Cípris, estes presentes de Leónidas:
 este rebusco¹⁹⁹ purpúreo, esta azeitona já amadurecida²⁰⁰
 salgada, os bolos de cevada próprios dos sacrifícios,
 o vinho libado sem mexer e estes figos doces como o mel.
 E tu, como da doença, salva-me agora da miséria,
 e hás de ver-me imolar-te bois. Apressa-te então, ó deusa,
 a colher os frutos destas minhas promessas!

192. DE ÁRQUIAS

Dedicatória a Priapo de Fintilo

Estes velhos despojos de uma rede de pesca,
 e as nassas, Filinto consagrou-os a Priapo,

¹⁹⁶ I.e., conservada em salmoura.

¹⁹⁷ Um bolo corrente feito de cevada, azeite e mel, muito usados nos sacrifícios.

¹⁹⁸ A atribuição de uma ação curativa a Afrodite parece ser uma liberdade do poeta, já que, no núm. 6.300 (de Leónidas, modelo claro deste epigrama e do seguinte), tal é da responsabilidade de Ártemis.

¹⁹⁹ Cornélio leva ao limite a humildade da oferenda – nem sequer é um cacho de uvas, mas o rebusco que, ainda nos anos da infância deste tradutor, os vindimadores deixavam para gozo das crianças na manhã seguinte.

²⁰⁰ À letra, “pronta a cair da árvore”. Uma azeitona negra, portanto.

mais um anzol recurvado preso a um fio de pelo
 de cavalo, trampa invisível para peixes,
 as longas canas de pesca, a boia que nunca afunda
 na água e marca onde se ocultam as redes.²⁰¹
 Pois já não pisa com os pés os rochedos nem dorme
 à beira-mar, enfraquecido por terrível velhice.

193. DE FLACO

Dedicatória ao mesmo

Priapo, deus das praias²⁰², vizinho das algas!
 Dametas, o pescador, o explorador de abismos
 que como cera à rocha batida pelo mar se pegava,
 sanguessuga das falésias, caçador dos mares,
 estas redes nas quais costumava enredar-se²⁰³
 te consagrou, deus. Tu, conforta-lhe a velhice!

194. ANÓNIMO

Sobre uma trompete

Conserva, deusa Trité²⁰⁴, esta oferenda e quem a ofereceu!

²⁰¹ Verso praticamente inalterado no núm. 6.23.6 (Anónimo).

²⁰² Como no núm. 6.33.1 (Mécio).

²⁰³ Quando se emaranhava nas redes antes de as lançar ao mar. O termo grego (*amphiblestron*) é o mesmo que designa a rede que Clitemnestra lança a Agamémnon (Ésquilo, *Agamémnon*, 1382).

²⁰⁴ Atena, tradicionalmente dita Tritogeneia e Tritónia – termos de que *Trite* deve ser diminutivo (vd. nota ao núm. 6.159.3). A acreditar no lema, o verso poderia estar gravado na própria trompete ou mesmo identificar, na parede, uma zona que acolhia este tipo de votos, algures num templo dessa deusa.

195. ÁRQUIAS

Dedicatória a Atena de [Mico de Palene]

Para a Atena troiana Mico de Palene pendurou
esta flauta forte estrépito de Eniálio²⁰⁵,
com que antes se divertia em sacrifícios e batalhas,
sinal ora de desgraças, ora da paz.

196. DE ESTATÍLIO FLACO

Dedicatória a Pã de Cópaso

De pernas tortas, duas pinças, oculto na areia,
o anda para trás, o sem pescoço, o nadador
de oito patas, o de pele suave e casca dura,
este caranguejo a Pã o dedicou o pescador
de linha Cópaso como primícia da sua pesca.

197. DE SIMÓNIDES

Dedicatória a Apolo de Pausânias

O general dos Helenos, destruidor da armada dos Medos,
eu, Pausânias, a Febo dediquei este memorial²⁰⁶.

198. DE ANTÍPATRO DE TESSALÓNICA

Dedicatória a Apolo de Lícon

Tendo cortado os pelos que no tempo certo lhe brotaram
das têmporas, anúncio da virilidade das suas faces,
a Febo os dedicou, primeiro voto; igualmente lhe perdeu

²⁰⁵ Vd. nota ao núm. 6.46.1.

²⁰⁶ Sabemos por Tucídides (1.132) e Pausânias (3.8.2) que se trata de uma trípede realmente dedicada a Delfos por este general para comemorar ambas as vitórias, a de Salamina e a de Plateias (480 e 479 a.C.). O segundo historiador (do séc. II) é o primeiro que refere a autoria de Simónides.

vir um dia a cortar o pelo branco das faces grisalhas.
[Concede-lhe o que pede; e faz com que, como antes era,
ele seja agora, na sua velhice encanecida.]²⁰⁷

199. DE ANTÍFILO DE BIZÂNCIO

Dedicatória de Antífilo

Senhora dos caminhos²⁰⁸! Este barrete da sua amável
cabeça, símbolo do viajante, te dedicou Antífilo²⁰⁹.
Foste ouvinte das suas preces, às suas viagens foste
propícia – não é grande a oferta, mas é sentida.
E que nenhum louco, ao passar, toque a minha oferenda
com a mão: roubar é perigoso, nem que seja pouco.

200. DE LEÓNIDAS [DE TARENTO]

Dedicatória a Ilitia²¹⁰ de Ambrósia

Tendo escapado às terríveis dores do parto, Ilitia,
Ambrósia veio pôr ante os teus ilustres pés
as bandas do seu cabelo e o robe no qual, ao décimo
mês²¹¹, deu à luz o duplo fruto do seu ventre.

201. DE MARCO ARGENTÁRIO

Dedicatória a Afrodite de Eufranta

As sandálias, uma magnífica bandoleta, este cacho
frisado e perfumado dos seus belos cabelos,
uma cinta, este fino véu²¹² que usava sob a túnica

²⁰⁷ O dístico final devem ser uma interpolação tardia. Sobre o indivíduo possivelmente referido neste epigrama, vd. infra, nota ao núm. 10.19.

²⁰⁸ Ártemis.

²⁰⁹ O mesmo objeto, normalmente em lã, do núm. 6.90.6.

²¹⁰ Vd. nota ao núm. 1.146.1.

²¹¹ A contagem era feita por ciclos lunares.

²¹² A *subucula* dos Romanos, uma espécie de camisa de noite já usada no séc. III a.C.

e o elegante soutien que lhe envolvia os seios,
quando um feliz parto a livrou do peso do seu ventre,
Eufranta dedicou aqui no templo de Ártemis.

202. DE LEÓNIDAS DE TARENTO

Dedicatória a [Ártemis] de Átis

Esta cinta bem debruada, junto com esta túnica,
Átis pendurou sob os teus portais virginais,
depois do parto, filha de Leto, ao libertares-lhe o ventre
das dores do parto e ao dar à luz um bebé vivo.

203. DE LÁCON OU FILIPO DE TESSALÓNICA

Dedicatória às Ninfas de uma pobre velha

Esta pobre velha de serviço, de pés coxos,
pela bela notícia desta água curadora
veio apoiada num cajado de carvalho
que sustinha a marcha da pobre aleijada.
A pena tomou as Ninfas, as que nos flancos
do Etna rugidor habitam a morada húmida
de seu pai Simeto²¹³, o dos redemoinhos.
A sua perna coxa, totalmente firme e sã
a deixou a fonte quente do Etna.
Deixou o bastão às Ninfas, que lhe outorgaram
regressar sem suporte, alegres com a oferenda.

204. DE LEÓNIDAS DE TARENTO

Dedicatória a Atena do carpinteiro Térís

Térís, o de mão ágil, a Palas dedicou o seu metro

²¹³ Rio (ainda com o mesmo nome) que corre ao longo do monte Etna, conhecido pelas suas fontes termais.

direito, o duro serrote de dorso arredondado,
um machado plano e imaculado e a rodopiante
broca, quando deixou de exercer a sua arte.

205. DE LEÓNIDAS DE TARENTO

*Dedicatória a Atena do carpinteiro Leôntico*²¹⁴

Eis os instrumentos do carpinteiro Leôntico: as limas providas
de dentes, os aparadores que rápidos devoram a madeira,
as linhas, a caixa de tinta vermelha, ao lado os martelos que
[batem
com as duas cabeças, as régua manchadas de vermelho,
os parafusos e o raspador, este machado bem pesado
com a sua pega, o príncipe do seu ofício,
as brocas de rápido rodopio e as rápidas verrumas,
estes quatro trados para os buracos das cavilhas
e a enchó que devasta a toda a volta. Eis o que a Atena, sua
[protetora,
dedicou este homem ao abandonar o seu ofício.

206. DE ANTÍPATRO DE SÍDON

Dedicatória a Afrodite de umas mulheres

As sandálias que lhe aqueciam os pés Bitínia as dedicou,
bela obra de muito habilidosos sapateiros;
a rede que lhe prendia os cabelos entrançados Filénis,
tingida com flores da espuma do mar;
o leque, Anticleia; o véu com que tapava o rosto,
obra parecida às teias das aranhas,
a bela Heracleia; e esta serpente bem enroscada,

²¹⁴ Cf. núm. 6.103.

adorno dourado dos tornozelos delicados,
 a que com o pai Aristóteles partilha o nome²¹⁵. Eis os dons
 destas amigas da mesma idade para a celestial Afrodite²¹⁶.

207. DE ÁRQUIAS

Sobre o mesmo assunto

Estas sandálias, Bitínia a dedicou; Filénis, a rede purpúrea
 que lhe prendia o cabelo bem entrançado;
 a loira Anticleia este leque, que infla uma brisa
 artificial e protege do calor em excesso;
 Heracleia este ligeiro véu para o seu rosto,
 labor parecido às teias das aranhas;
 e os belos círculos desta serpente para o tornozelo,
 a que recebeu o nome de seu pai Aristóteles.
 Esses preciosos dons, Cípris das bodas, te ofereceram estas jovens
 da mesma idade que habitam os vales de Náucrates.

208. DE ANTÍPATRO [DE TESSALÓNICA]

Dedicatória a Afrodite de umas mulheres

A que traz as sandálias é Menécratis, a do manto
 Femónoe, e Praxo essa que enverga a taça.
 O templo e a estátua²¹⁷ são da Páfia; a dedicatória
 é das três, obra de Aristómaco do Estrímon²¹⁸.
 Eram as três cá da terra e cortesãs; mas, tendo encontrado
 amor honesto, cada uma é agora de um homem só.

²¹⁵ Aristoteleia.

²¹⁶ Distinguiam-se duas Afrodites (e consequentemente dois Eros): a popular (*Pandemos*) e a celestial (*Oourania*), na essência símbolo de dois tipos de amor, um mais vulgar e outro mais elevado ou familiar.

²¹⁷ De madeira.

²¹⁸ Autor não identificado do baixo-relevo descrito pelo epigrama.

209. DO MESMO

Dedicatória à mesma

Citere da Bitínia me dedicou a ti, Cípris, a imagem
marmórea da sua figura, como prometera.
Tu, em troca desta ninharia, concede-lhe grande favor,
como costume: ela pede harmonia com o marido.

210. DE FILITAS DE SAMOS

Dedicatória à mesma de Nicias

Já passada dos cinquenta anos, a muito dada a amores
Nicias no templo de Cípris veio pendurar
as sandálias, cachos do seu cabelo, o bronze brilhante
que não deixa de refletir a sua imagem,
uma cinta elegante e uns desses²¹⁹ que nenhum homem nomeia,
mas que podes ver em qualquer aparato de Cípris.

211. DE LEÓNIDAS DE TARENTO

Dedicatória à mesma de Calicleia. Iambos

Este Eros de prata, a banda do vestido à altura
do tornozelo, a fita purpúrea do seu cabelo
de Lesbos²²⁰, o corpete verde como a relva,
o seu espelho de bronze, este pente grande
de madeira, rede de arrasto dos seus cabelos,
logrando quanto desejava²²¹, verdadeira Cípris,
aos teus portais vem agora oferecer Calicleia.

²¹⁹ Uns falos de couro.

²²⁰ Provavelmente uma peruca.

²²¹ I.e. a sorte do casamento e o abandonar da prostituição.

212. DE SIMÓNIDES

Dedicatória

Suplica, Cíton, ao deus filho de Leto, soberano da ágora
de belos coros²²², que se alegre com os teus dons,
como pelas tuas grinaldas, senhor, também recebes graças
dos estrangeiros e dos habitantes de Corinto.

213. DO MESMO

Dedicatória

Cinquenta e seis vezes, Simónides, ganhaste tu um touro
ou trípodas²²³, antes de dedicar este quadro,
e tantas vezes treinaste um gracioso coro de homens
que subiste ao carro brilhante da gloriosa Vitória.

214. DO MESMO

Dedicatória

Proclamo que Gélon, Hierão, Polizelo e Trasíbulo,
filhos de Deinómenes, ergueram estas trípodas
de cem *litras* e cinquenta talentos²²⁴ com o ouro
[mais puro]²²⁵, a décima parte do dízimo²²⁶.

²²² Pausânias não menciona um templo de Apolo na ágora de Corinto, mas sim uma estátua desse deus (2.2.8), à qual deveriam ter sido oferecidas estas grinaldas de um vencedor atlético. O termo “senhor” (*despotes*), aplicado a um atleta vitorioso, surge já em Píndaro.

²²³ Esses os dois prémios possíveis para os concursos de coros masculinos, nos quais Simónides, mestre no ditirambo, terá vencido bastantes vezes.

²²⁴ Reinach (1903: 18-24) chegou à cifra, no mínimo impressionante, de c. 1.644 quilos, valendo a *litra* Siciliana 273 gr. e o talento vinte *litras*.

²²⁵ Texto corruuto, mas esse seria o seu sentido.

²²⁶ Entenda-se, do dízimo cobrado aos inimigos vencidos, os Cartagineses, em batalha contemporânea da Batalha de Salamina (c. 480 a.C.). Os quatro príncipes de Siracusa – dos quais Hierão seria o senhor absoluto pouco tempo depois – mandaram, segundo outras fontes, erguer estas

215. DO MESMO

Dedicatória a Leto de uns marinheiros

As armas que os nautas de Diodoro²²⁷ tomaram aos Medos,²²⁸
a Leto²²⁹ foram dedicadas em recordação da batalha naval²³⁰.

216. DO MESMO

Dedicatória a Zeus de Soso e Sosos

Soso e Sosos, Salvador, esta oferenda te dedicaram:

Soso ao ficar a salvo, e Sosos por ver salvar-se Soso²³¹.

217. [DO MESMO]

Dedicatória de um Galo²³² devoto de Cibele

Para se abrigar da queda de uma nevada de inverno,
um Galo refugiou-se numa caverna deserta,
e, mal sacudira a água dos cabelos, vindo no seu encalce
um leão devorador de bois entrou na oca vereda;
mas ele tocou o grande tambor que tinha com a mão

trípodes (de número não evidente) no santuário de Apolo em Delfos. Não é consensual a autoria de Simónides. Sobre o epigrama e a dedicatória real, vd. Page (1981.II: 247-250).

²²⁷ Os Persas.

²²⁸ Um trierarca de Corinto.

²²⁹ A deusa mãe de Apolo e Ártemis.

²³⁰ A batalha de Salamina (480 a.C.).

²³¹ O estilo quase pueril do epigrama, assente numa aliteração difícil de traduzir em -s-, foi apontado como prova da não autoria de Simónides. Nenhum dado sobre estes indivíduos ou a oferenda se sabe.

²³² O nome dado aos sacerdotes de Cibele, como nos núms. 6.220 e 237. O epigrama conta o mesmo episódio dos núms. 6.219-220 e 237. Devia ser famoso este episódio no qual um sacerdote de Cibele assusta com o tambor da deusa um leão, ele que, segundo Varrão (*Sátiras*, 11), constaria de uma pintura num santuário do monte Ida. Porque o culto de Cibele apenas foi introduzido na Grécia em finais do séc. V a.C., bastaria esse dado para invalidar a atribuição a Simónides.

estendida, e com tal ressoou a caverna inteira;
 não pôde o monstro das florestas o barulho sagrado de Cibele
 suportar e fugiu, veloz, pela montanha de bosques,
 apavorado ante o servidor meio-mulher²³³ da deusa, que a Reia²³⁴
 consagrou estas vestes e estas tranças loiras.

218. DE ALCEU

Sobre o mesmo assunto

Um sacerdote da Grande Mãe, desses que corta o órgão viril,
 percorria os promontórios do Ida coberto de árvores;
 então o enfrentou um leão gigantesco, como para devorá-lo,
 mostrando-lhe a boca esfomeada toda escancarada.
 Temendo morrer às mãos da fera selvagem, em vez de gritar
 tocou o seu tambor, obedecendo a uma voz divina.
 O bicho então fechou a boca sangrenta e, desde o seu pescoço,
 possuído, começou a dar voltas à juba como um pião.
 O homem, escapando a uma morte terrível, para Reia ergueu
 o animal²³⁵, que sozinho aprendera a dança de Cibele.

219. DE ANTÍPATRO [DE SÍDON]

Sobre o mesmo assunto

Certa vez, movido pelo aguilhão da deusa implacável,
 girando os cabelos enfurecidos como um pião,
 vestido de mulher, adornado com tranças bem enroladas²³⁶
 e com o nó delicado das redes flexíveis do cabelo,
 um eunuco entrou no buraco de uma rocha da montanha,

²³³ Alusão à castração ritual do culto da deusa. Cf. núm. 6.94.5 (com nota) e 6.218.1.

²³⁴ Sobre a assimilação de Reia e Cibele vd. nota ao núm. 6.51.1.

²³⁵ I.e., a estátua do animal. Varrão, no passo citado, menciona o *simulacrum leonis ad Idam*.

²³⁶ Estas tranças formavam, no topo da cabeça, um coque.

arrastado pela neve de Zeus que entorpecia os membros.
 Sobre ele se precipitou uma fera destemida e que mata bois,
 que ao cair da tarde estava de regresso ao seu covil;
 reparando no fulano, e com as suas narinas imensas
 tendo farejado o aroma de carne humana,
 parou-se sobre as patas fortes e, rodando os olhos,
 rugiu com toda a força da sua goela monstruosa.
 Ressoava a toda a volta a toca que era a sua casa,
 ecoava o promontório arborizado, vizinho das nuvens.
 O fulano, apavorado ante som tão terrível, sentiu rasgar-se-lhe
 o coração inteiro, aos saltos dentro do seu peito;
 contudo, da sua boca conseguiu arrancar um grito terrível
 do seu ritual²³⁷, e agitou os caracóis do cabelo;
 elevando-o com a mão, pôs-se a tocar o seu grande tambor,
 instrumento sempre a girar da Olímpica Reia.
 Salvou-lhe isso a vida: a verdade é que o leão se assustou
 com o som oco e desconhecido dessa pele de boi
 e de imediato fugiu. Eis como a muito sábia necessidade
 o fez descobrir a forma de escapar ao Hades.

220. DE DIOSCÓRIDES

Sobre o mesmo assunto

Queria chegar a Sárdis, desde Pessinunte na Frígia,
 delirava e oferecia aos ventos os cabelos soltos
 o casto Átis, o sacerdote de Cibele. Porém, sobre ele
 sopraram ventos selvagens do terrível furor divino,
 caminhando pela escuridão da tarde; abrigou-se então num covil
 pequeno, desviando-se um pouco do caminho.

²³⁷ O termo grego *ololuge* designa sobretudo os gritos femininos nos cultos às divindades.

Mas um leão veio no seu encalce, um terror para um homem corajoso, para um Galo motivo de angústia sem nome; ficou mudo de medo, mas, inspirado por uma divindade qualquer, estendeu a mão para o seu tambor; ao tocá-lo de forma grave, o mais corajoso de quantos quadrúpedes há fugiu mais veloz do que as corças, não suportando o som grave que escutava. Gritou o fulano: “Mãe, junto às margens deste rio de Sangário²³⁸ te dedico um *quarto sagrado*²³⁹, por me teres salvado a vida, e o sonoro instrumento que pôs em fuga um monstro tão feroz!”

221. DE LEÓNIDAS [DE TARENTO]²⁴⁰

Em plena noite invernal e sob o açoite do granizo, fugindo à neve e ao frio que o congelavam, um leão solitário, enfraquecido em todo o corpo, foi dar a um estábulo de cabreiros que andam por precipícios. Eles, preocupados não com as cabras, mas com eles próprios, ficaram estarecidos, fazendo súplicas a Zeus salvador. Mas a fera, esperando noite dentro o fim da tempestade, sem [fazer mal a nenhum homem ou animal foi embora, deixando o covil. Os montanheses, esses, este quadro²⁴¹ bem pintado do sucedido dedicaram a Zeus, aqui, neste carvalho de firme raiz.

²³⁸ Rio da Ásia Menor que desagua no Ponto Euxino.

²³⁹ À letra, os *thalamai* eram as salas onde estes eunucos depositavam os genitais após a castração ritual. Por isso estes sacerdotes de Cibele eram designados, em grego, *thalamepoloi*.

²⁴⁰ Não deve tratar-se da mesma história dos núms. 217-220, ou pode este epigrama de Leónidas, o mais antigo deste grupo, ter sido modelo dos restantes, quando duas tradições distintas se fundiram. A grande diferença, desde logo, é a simpatia que o poeta deste epigrama mostra pelo leão, longe do monstro sanguinário dos demais componentes referidos.

²⁴¹ Não deve este quadro ser o mesmo que menciona Varrão (cf. nota ao lema do núm. 6.217).

222. DE TEODÓRIDAS

*Sobre um monstro marinho*²⁴²

Aagitado por Oríon²⁴³, o mar cuspiu este monstro
 de mil patas para as falésias da Japígia²⁴⁴;
 esta enorme costela do monstruoso peixe²⁴⁵ dedicaram aos deuses
 os chefes dos navios de vinte remos que transportam bois.

223. DE ANTÍPATRO [DE SÍDON]

Sobre o mesmo assunto

Este despojo mutilado do monstro que corria o mar,
 mas que agora repousa na areia desta praia,
 com duas vezes quatro braças²⁴⁶, banhado de espuma
 e todo desfeito sobre as falésias batidas pelo mar,
 Hermónax o descobriu quando, ocupado com o seu ofício
 de pescador, retirava do mar a rede cheia de peixes.
 O que encontrou, pendurou-o para Ino e o filho Palémon²⁴⁷,
 aos deuses marinhos oferecendo um prodígio marinho.

²⁴² Não é claro o sentido do original *scolopendra* – palavra que em grego moderno designa a minhoca que é usada de isco –, mas parece estar implícito um monstro marinho de grandes dimensões, uma espécie de crustáceo gigantesco, ao que tudo indica desconhecido mesmo dos que o encontraram e depois o dedicaram aos deuses. O estilo do epigrama parece apontar no sentido da sua inscrição.

²⁴³ I.e., por tempestades de inverno.

²⁴⁴ Antigo nome da Apúlia.

²⁴⁵ O grego precisa que se trata de um seláquio, grupo em que cabem espécies como o tubarão ou a raia.

²⁴⁶ A braça (unidade de medida) correspondia a c. 1.776 m (seis pés), pelo que estamos a falar de um despojo animal – não do animal completo – com mais de 14 metros.

²⁴⁷ Vd. nota ao núm. 6.164.1.

224. DE TEODÓRIDAS

Sobre uma concha do mar

Búzio marinho, diz-me quem foi que te dedicou,
 butim conseguido da espuma do mar!
 “Um brinquedo às Ninfas das grutas dedicou Dioniso,
 (mas sou um presente do sagrado Pelórias²⁴⁸)
 o filho de Protarco; o estreito tortuoso me cuspiu
 para ser brinquedo das Ninfas das grutas.”

225. DE NICÉNETO

Heroínas que habitais o monte sem fim da Líbia²⁴⁹,
 cingidas com a égide e borlas entrançadas²⁵⁰,
 filhas dos deuses! Aceitai estes feixes sagrados
 de Filétis e estas grinaldas verdes de palha,
 o dízimo completo da sua colheita. Mesmo assim²⁵¹,
 heroínas, alegrai-vos, senhoras da Líbia!

226. DE LEÓNIDAS [DE TARENTO]

Eis o pequeno quintal de Clíton, o pequeno terreno
 para semear com a vinha humilde ao lado,
 e o pequeno bosque para a lenha. Porém, com eles
 Clíton pôde sobreviver por oitenta anos.

²⁴⁸ Atualmente o cabo de Messina ou Faro, na margem norte da Sicília.

²⁴⁹ Divindades de origem indígena sem personalidade ou nomes concretos, referidas também por Apolónio de Rodes (*Argonáuticas* 4.1308-1392).

²⁵⁰ A égide era, tradicionalmente, a pele de cabra que constava do escudo de Atena, a cujas borlas já Homero aludia (e.g. *Iliada* 5.738).

²⁵¹ I.e., por modesta que seja a oferenda.

227. DE CRINÁGORAS DE MITILENE

Esta caneta de prata, pelo teu aniversário, Proclo,
[com a sua pega] recentemente talhada,
com os seus dois bicos bem separados
e que fui com facilidade para a escrita rápida,
te envia Crinágoras, modesto presente, mas de coração,
concorde com a tua recente rapidez a aprender.

228. DE ADAIO DA MACEDÓNIA

Esgotado o seu boi trabalhador de lavrar e de velho,
Álcon não o entregou ao machado sangrento,
por respeito aos seus serviços²⁵²; ei-lo agora, em vasto prado,
disfrutando entre mugidos da liberdade do arado.

229. DE CRINÁGORAS

Esta pena de uma águia de bico curvo²⁵³, aguçada
pelo ferro e pintada de azul escuro brilhante,
apropriada para, com a sua ponta delicada, remover
o que possa ficar entre os dentes após a refeição,
pequena mostra de não pouco afeto, tal qual o presente
de um conviva, te envia, Lúcio²⁵⁴, o teu Crinágoras.

²⁵² Em Atenas, chegou a ser lei formal esta proibição de matar para consumo um animal de lavoura. Cf. Eliano, *História Vária* 5.14.2.

²⁵³ Como na *Iliada* 18.538.

²⁵⁴ Um dos patronos do poeta, talvez Lúcio Júlio César, filho de Agripa e Júlio (17 a.C.-2 d.C.). A referência a uma pena de águia, de resto, parece indicar como destinatário um membro da família imperial.

230. DE QUINTO [MÉCIO?]

Para ti, Febo Acritas²⁵⁵, que velas sobre esta margem
da terra da Bitínia vizinha da costa,
o pescador Dâmis, que sempre afunda na areia o seu *cornu*²⁵⁶,
este búzio naturalmente protegido por picos
te deu de presente – coisa pouca, mas sentida; o velho
suplica, livre de doenças, poder atingir o Hades.

231. DE FILIPO

Soberana do Egito de negro solo, divindade do peplo
de linho²⁵⁷, avança para os meus sacrifícios rituais!
Ante ti, num prato de madeira se apresenta um bolo achatado,
um par de gansos brancos que viviam na água,
nardo em pó à volta de uns figos de muitos grãos²⁵⁸,
um cacho de uvas velho e incenso perfumado.
Se, como do mar outrora, salvares agora Dâmis da miséria,
soberana, um cervo de cornos dourados²⁵⁹ te sacrificará.

232. DE CRINÁGORAS

Dedicatória de Filoxénides a Pã

Estes cachos de uvas vindimadas, metades de uma romã

²⁵⁵ À letra, “deus dos promontórios”, epíteto de Apolo em várias regiões, mas que, no caso concreto, significa “deus do cabo Acritas”, na Bitínia, a sudeste da Calcedónia.

²⁵⁶ Não é claro do que se trata, podendo referir-se a um pau recurvo que mantinha a nassa debaixo de água – o grego especifica que Dâmis era um “pescador [de nassas]”.

²⁵⁷ Ísis, protetora dos navegadores, cujo templo na ilha de Faros, perto de Alexandria, recebia um sem número de oferendas como as descritas neste epigrama.

²⁵⁸ I.e. figos secos.

²⁵⁹ O hábito de pintar de ouro os cornos dos animais sacrificados lê-se já na *Eneida* (5.366, 9.627).

de pele fendida, o miolo loiro de umas pinhas,
 as amêndoas que se rompem ao trincar, a ambrósia
 das abelhas, os bolos de mel e de sésamo,
 as cabeças de alho suculentas e as peras de pele fina,
 abundantes sobremesas para o estômago de quem bebe:
 eis a modesta refeição que oferece Filoxénides a Pã do cajado
 de pastor e a este Priapo esculpido num tronco.

233. DE MÉCIO

Dedicatória de Estrátio a Posídon

Os freios que tilintam sob os dentes, uma brida apertada
 e furada, a embocadura bem cosida dos maxilares,
 este chicote corretor que incita à corrida desenfreada,
 esta mordedura de outro freio oblíquo²⁶⁰,
 as pontas ensanguentadas da espora que guia os cavalos
 e o pente de ferro provido de dentes da almofaça:
 eis, Posídon Ístmico – que com ambas as margens sonoras
 da praia te deleitas – os dons que recebes de Estrátio.

234. DE ERÍCIO

Um Galo²⁶¹ de longos cabelos, castrado em novo, Lídio
 de Tmolo²⁶² que dançava ao som de altos gritos,
 nas margens do Sangário²⁶³ à augusta Mãe dedicou
 estes tamborins, o chicote cravejado de ossos²⁶⁴,

²⁶⁰ Verso de difícil tradução. Na medida em que os freios já foram referidos no v. 1, o termo *epipselion* deve definir outro acessório ou uma parte específica de dito freio.

²⁶¹ Cf. os núms. 6.217-220.

²⁶² Uma montanha da Lídia, a este de Esmirna.

²⁶³ Cf. nota ao núm. 6.220.14.

²⁶⁴ Para ferir ainda mais a pele.

os címbalos sonoros de bronze e esta trança perfumada
dos seus cabelos, agora que deixou o frenesim.

235. DE TALO

Grande alegria nos confins do Ocidente e do Oriente,
César, descendente dos invencíveis filhos de Rómulo,
cantamos o teu celestial nascimento, e à volta dos altares
vertemos alegres libações para os Imortais.
E tu, seguindo o caminho das pegadas do teu avô²⁶⁵,
fica por longo tempo connosco, que te louvamos.

236. DE FILIPO

Estes arpões de bronze, armas viajantes dos navios,
agora jazentes, testemunhas da batalha de Áccio²⁶⁶,
abrigam aqui, qual colmeia, os dons de cera das abelhas,
suportando ao redor o peso de enxame zumbidor.
Útil a graça da paz de César, que até as armas dos inimigos
ensina a produzir os frutos da paz!

237. DE ANTÍSTIO

Estas vestes e estas tranças dedicou-as um Galo à Mãe dos
[deuses,
deusa da montanha, por causa um episódio como este²⁶⁷:

²⁶⁵ Augusto, pai de Júlia, a mãe de C. Júlio César (20 a.C. – 5 d.C.), o suposto herdeiro do trono cujo nascimento o epigrama celebra.

²⁶⁶ A 2 de setembro de 31 a.C., no contexto da guerra civil romana, opôs Marco António e Otaviano, o último dos quais viria a ser o primeiro imperador romano. Dita batalha costuma ser símbolo da transição entre a República e o Império.

²⁶⁷ Cf. núms. 6.217-220.

caminhando um dia só pela floresta, enfrentou-o um leão selvagem, e a luta pela sua vida ficou eminente. Mas a deusa inspirou-lhe a ideia de tocar o seu tambor, e desse modo ele espantou a fera sanguinária, apavorada com tal som prodigioso. E é por essa razão que agora pendem tranças destes ramos sonoros.

238. DE APOLÓNIDES

Sou o velho Êuftron, de um campo sem muitos sulcos
o agricultor, e de uma vinha sem muito vinho;
com o arado que fende o solo revolvo pequena porção de terra,
e o sumo de um punhado de uvas apenas consigo.
De pequena coisa, pequena oferenda; se mais me concederes,
divindade²⁶⁸, de mais hei de consagrar-te as primícias²⁶⁹.

239. DO MESMO

Tirando-me da colmeia²⁷⁰, a mais doce colheita, em vez de
[animal
de pasto me ofereceu Clíton em libação, o velho apicultor,
porque na primavera tirou muito mel dos favos de ambrosia,
a dádiva do seu rebanho que voa longe sem pastor²⁷¹.
Oxalá faças infinito o seu coro de abelhas, e do néctar
mais doce enchas os seus antros fixados com cera.

²⁶⁸ Deve tratar-se de Deméter. São raros os epigramas que não identificam o destinatário divino da oferenda, o que costuma indicar uma composição originalmente destinada a ser gravada no templo de uma divindade. Não é esse, contudo, o caso deste poema e do seguinte.

²⁶⁹ Cf. núm. 6.152.3-4.

²⁷⁰ Não propriamente mel, mas um braço de favos.

²⁷¹ Perífrase extensa para as abelhas.

240. DE FILIPO

Filha de Zeus e Leto, vigia das feras armada de arco,
 Ártemis que tutelas os recessos das montanhas!
 A doença terrível do nosso muito ilustre imperador²⁷²,
 envia-a ainda hoje para junto dos Hiperbóreos.
 Sobre os altares, Filipo há de oferecer-te o cheiro
 do incenso, sacrificando-te um javali dos montes.

241. DE ANTÍPATRO

Sobre um elmo

Um casco de duplo privilégio eu sou – um prazer ver-me
 para os amigos, um terror para os inimigos.
 Primeiro Pilémenes, agora Pisão²⁷³ me possui; a outros cabelos
 não conviria este elmo, nem a este elmo outra cabeleira.

242. DE CRINÁGORAS

Nesta desejada manhã, este sacrifício oferecemos a Zeus
 Teleio²⁷⁴ e a Ártemis que acalma as dores dos partos.
 A eles o meu irmão, imberbe ainda, prometeu consagrar
 a que para os jovens é a primeira primavera das faces.
 Aceitai-a, deuses, e desta época em que é tenra a sua barba
 guiai Euclides até à idade dos cabelos brancos!

²⁷² Augusto, provavelmente.

²⁷³ Calpúrnio Pisão, no rescaldo da sua expedição contra os Bessos da Trácia (12-9 a.C.), vangloriava-se de ter tomado para si o elmo que teria pertencido a Pilémenes, o chefe dos Paflagónios na *Iliada*. Vd. núms. 6.249, 335 e 10.19, 25, com notas.

²⁷⁴ Com esta atribuição, Zeus tutelava os nascimentos legítimos e a inviolabilidade do leito conjugal.

243. DE DIODORO

“Guardiã de Samos e protetora do Ímbraso²⁷⁵, Hera,
 aceita, soberana, estes sacrifícios de nascimento,
estas vítimas dos bezeros, de todas as que mais aprecias,
 bem sabemos, nós os versados na lei dos imortais.”
Assim suplicava Máximo, fazendo a libação; ela consentiu,
 firme; e os fios das Moiras²⁷⁶ não se opuseram.

244. DE CRINÁGORAS

Hera, mão das Ilitias²⁷⁷, tu, Hera Teleia²⁷⁸,
 e Zeus, pai comum de todos os seres,
sede propícios em trazer a Antónia dores de parto
 suportáveis, nos braços ternos de Epíone²⁷⁹,
para alegria de seu esposo, de sua mãe e sua sogra:
 leva no ventre o sangue de grandes famílias²⁸⁰.

245. DE DIODORO

Uma noite em que a tempestade açoitava o mar Carpátio²⁸¹,

²⁷⁵ Ribeira da ilha de Samos, em cujas margens havia um famoso santuário de Hera.

²⁷⁶ As Moiras (ou Parcas) eram três deusas que fiavam o fio da vida: Cloto tecia-o, Láquesis cuidava de sua extensão, e Átropos cortava-o ao cabo da existência.

²⁷⁷ Ilitia pode tanto ser uma deusa individual (núm. 146.1, com nota) como o nome genérico de um grupo de divindades menores, algo como as “ninfas tutelares dos partos”.

²⁷⁸ Vd. nota ao núm. 242.2.

²⁷⁹ Esposa (em algumas versões filha) de Asclépio, o deus da medicina.

²⁸⁰ O menino que vai nascer pode ser tanto Germânico (n. 15 a.C.) como Cláudio (n. 11 a.C.). Antónia, a esposa de Druso Germânico, era filha de Marco António e Otávia (irmã de Augusto), e nora de T. Claudio Nero (um patricio) e Lívia Drusila.

²⁸¹ Entre Creta e Rodas.

Diógenes viu o mastro desfeito pelo sopro de Bóreas²⁸² e prometeu, se escapasse à morte, suspender-me, este pequeno manto, como oferenda no vestíbulo sagrado do teu templo, Cabiro, soberano Beócio²⁸³, em memória dessa tormentosa viagem. Tu, afasta também desse homem a miséria.

246. DE FILODEMO OU [MARCO] ARGENTÁRIO

As esporas que os guiam, a embocadura presa ao focinho, o colar de dentes que lhe adornava o peito²⁸⁴, a almofaça que penteia a crina dos cavalos, o chicote para o seu dorso, mãe austera da chibatada, e uma vara de vime – eis, Posídon, o que no teu vestíbulo dedicou Carmo após a sua vitória Ístmica. Tu, deus da cabeleira sombria, aceita-os e coroa o filho de Licínio também na grande Olimpíada²⁸⁵.

247. DE FILIPO

As lançadeiras que ressoam como andorinhas matinais²⁸⁶, dentes para alisar a urdidura da tecedeira Palas, um pente para separar a lã, o fuso usado pelos dedos que faz flutuar no ar o fio enrolado à sua volta, e uma cesta entrançada de junco, antes cheia dos novelos de lã que desemaranhava com os seus dentes,

²⁸² Contrariamente ao Zéfiro (cf. nota ao núm. 6.53.2), o Bóreas era o vento do norte que trazia o inverno, portanto o mais funesto dos quatro ventos.

²⁸³ Vd. nota ao núm. 6.164.2.

²⁸⁴ Entenda-se, do cavaleiro. Era um amuleto.

²⁸⁵ Um vencedor na corrida individual de cavalos oferece os apetrechos da sua modalidade ao deus, pedindo a vitória maior, nos Jogos Olímpicos.

²⁸⁶ Cf. núms. 6.39, 47, 49 e esp. 6.160.1-2, 174.5.

para ti pendurou, virgem Palântide²⁸⁷ que amas o tear,
a muito velha Ésione, dádiva da sua pobreza.

248. DE [MARCO] ARGENTÁRIO

Fica aqui para Cípris, ébria garrafa, como oferenda
fica agora aqui, irmã da taça de vinho,
bacante que borbulha ao servir, garante de festim ordenado,
filha de estreito gargalo do bilhete de cada um²⁸⁸,
servente autodidata dos mortais, mais doce confidente
dos amantes, arma sempre à mão dos banquetes!
Sê o esplêndido presente de Marco que, amiga do vinho,
dedicando-te te louvou como velha companhia.

249. DE ANTÍPATRO

Esta tocha vestida de cera, lamparina fumacenta de Cronos,
feita de junco entrançado com o leve papiro²⁸⁹,
Antípatro a traz de presente para Pisão²⁹⁰. Se ele me acende²⁹¹
e reza, irradiarei uma luz que os deuses ouvirão.

250. DE ANTÍFILO

Sorte modesta é a minha, senhora²⁹²! Digo, porém, que olho
de cima a fortuna de muitos, sendo teu de coração.

²⁸⁷ Atena.

²⁸⁸ À letra, algo como “do bilhete de inscrição (no banquete)”, i.e., o direito a comer e beber.

²⁸⁹ Plutarco (*Moralia* 263f), entre outros, refere o hábito de oferecer estas lamparinas ao organizador do banquete durante as *Saturnalia*.

²⁹⁰ O mesmo indivíduo dos núms. 6.241, 335 e 10.19, 25.

²⁹¹ A meio do epigrama, o sujeito é a própria vela oferecida.

²⁹² Desconhece-se o destinatário feminino da dedicatória, de quem o poeta seria cliente, mas que deve ser a mesma mulher de alta condição invocada no núm. 6.252.

Recebe, pois, esta veste, que à púrpura brilhante de um tapete
 em espessa lã tecido e de toque de musgo se assemelha,
 esta lã da cor das rosas e, para os teus cabelos escuros,
 este nardo encerrado em garrafa de vidro esverdeado;
 e que a túnica envolva o teu corpo, os trabalhos de lã avalem
 as tuas mãos e o doce perfume te inunde os cabelos.

251. DE FILIPO

Febo, senhor da falésia escarpada de Lêucade²⁹³, visível
 ao longe pelos nautas e banhada pelo mar Jónio,
 recebe uma porção deste bolo de cevada amassado à mão,
 esta libação derramada em pequena taça
 e o brilho desta lamparina de luz ténue, que pelo gargalo
 meio-aberto bebe de um frasco de azeite frugal.
 Em troca, sê propício, e à nossa frota envia um vento
 favorável que nos acompanhe ao porto de Áccio.

252. DE ANTÍFILO

Sou um marmelo da época passada, conservado
 fresco sob a minha primeira pelugem²⁹⁴,
 sem marcas ou rugas, peludo como os recém-nascidos,
 preso ainda ao meu ramo de bela folhagem,
 presente estranho em época invernal: para ti, senhora,
 mesmo o frio e a neve podem dar tal fruto.

253. DE CRINÁGORAS

Antros de muitas fontes das ninfas que tanta água

²⁹³ Estrabão (10.695) e Virgílio (*Eneida* 3.274) confirmam que Apolo tinha um templo no topo do promontório de Lêucade.

²⁹⁴ Cf. núm. 6.22.1.

derramais por esta encosta sinuosa,
 santuário ribombante de Pã coroado de pinheiro,
 o seu domínio aos pés da rochosa Bassa²⁹⁵,
 troncos sagrados para os caçadores²⁹⁶ do velho
 zimbro, e vós, montes de pedras de Hermes²⁹⁷,
 sede vós mesmos propícios, e recebi os despojos da veloz
 caça ao veado de Sosandro, feliz caçador.

254. DE MIRINO

O andrógino Estatílio²⁹⁸, esse cepto efeminado da Páfia²⁹⁹,
 quando o tempo parecia arrastá-lo para o Hades,
 as suas vestes frescas tingidas de escarlate e carmesim,
 as suas cabeleiras postiças unguidas de nardo³⁰⁰,
 as sandálias que brincam nos seus pés bem feitos,
 o cofre onde guarda os seus tecidos de seda
 e as flautas que entoam doce música nos festins de cortesãs,
 em oferenda os dedicou no vestibulo de Priapo.

²⁹⁵ Na Arcádia. Pausânias (8.41.10) menciona, nesse local, a existência de uma fonte célebre, mas não sabemos se aí existiria um santuário de Pã.

²⁹⁶ Porque aí penduravam as suas presas e as suas oferendas votivas.

²⁹⁷ As *hermaia* eram, originalmente, construções rudes sem grande definição, que marcavam os limites das propriedades e os cruzamentos.

²⁹⁸ Pode tratar-se de Estatílio Flaco, poeta autor dos núms. 6.193 e 196, contemporâneo de Mirino. Vd. Índice de epigramatistas.

²⁹⁹ Afrodite.

³⁰⁰ Preferimos a correção de C. Saumaise (*nardolipeis*) para o composto *androlipeis* transmitido por **P** (lit. “que [por si mesmas] abandonam o homem”, i.e. que não têm que ser cortadas para ser dedicadas), na medida em que é frequente os cabelos terem um adjetivo que realce o seu perfume (e.g. 6.201.2, 234.5, etc.).

255. DE ERÍCIO

Este pedaço de um corno de dois côvados, Sáon, o vaqueiro da Ambrácia³⁰¹, arrancou-o ao seu touro desviado, uma vez que, buscando-o pelas encostas e montanhas frondosas, foi achá-lo na margem de um rio a refrescar as patas e os flancos. O animal atacou o boieiro de lado; ele então, com a sua maça, arrancou um corno curvo do touro, o que agora pendurou nesta pereira, junto ao estábulo de fortes mugidos.

256. DE ANTÍPATRO [DE TESSALÓNICA]

O seu pescoço forte de touro, os ombros de ferro de um Atlas, a cabeleira e a majestosa barba de um Hércules e os olhos de leão deste gigante Milésio, nem o Olímpico Zeus sem tremer os viu, quando Nicofonte³⁰² venceu no pugilato de adultos em Olímpia.

257. DE ANTÍFILO

A mim, uma ânfora modelada pelo próprio Dioniso, a mim, vasilha para o néctar do Adriático³⁰³, quem me encheu de Deo³⁰⁴? Quem, invejasse-me Baco ou houvesse falta de recipientes para o grão,

³⁰¹ Colônia coríntia, a cerca de 12 km do golfo Ambraciano, sobre uma fértil planície coberta de bosques.

³⁰² A prova deste atleta de Mileto – que sabemos ter sido vencedor em 11-12 d.C. – não deixou indiferente sequer Zeus, acostumado aos heróis e às criaturas com os quais Nicofonte é fisicamente comparado. O epigrama devia acompanhar uma imagem votiva oferecida ao santuário de Olímpia.

³⁰³ Os vinhos das regiões da costa italiana do Adriático eram famosos.

³⁰⁴ Deméter (v. 6), i.e., de cereais.

a ambos deuses ofendeu? Baco sente-se roubado,
e Deméter recusa a companhia da bebedeira.

258. DE ADAIO

Esta ovelha, Deméter tutelar dos sulcos³⁰⁵, esta novilha
ainda sem cornos e este pão rústico num cesto,
neste terreno, o mesmo onde joeirou tantos pés de trigo
e viu as fartas colheitas, Créton sacrificou para ti,
deusa dos montes de trigo. Em troca, faz com que o campo
de Créton seja rico em cevada e trigo a cada ano.

259. DE FILIPO

– Quem te pôs, Hermes imberbe, na partida da corrida?
– Hermógenes? – O filho de quem? – Daímenes. – De onde?
– Da Antioquia. – E porque te rendeu tal homenagem? –
[Pelo auxílio
nas corridas³⁰⁶. – Quais? – As do Istmo e as de Nemeia.
– Ele corria? – E venceu. – Venceu quem? – Nove outros rapazes;
o fulano voava, como se possuísse estes meus pés³⁰⁷.

260. DE [TÚLIO] GÉMINO³⁰⁸

Frine, este Eros bem-talhado provido de asas ofereceu

³⁰⁵ Do arado, i.e., deusa da agricultura.

³⁰⁶ À letra, “nos estádios”. A prova em causa – cuja estátua ou outra oferenda comemorativa devia ser acompanhada deste epigrama inscrito – era a da corrida individual de rapazes (v. 5), modalidade que Hermógenes terá vencido nos Jogos Ístmicos e nos Nemeus (v. 4).

³⁰⁷ Na iconografia tradicional, Hermes, o mensageiro de Zeus, tem sandálias apetrechadas de asas.

³⁰⁸ Réplica de *AP* 16.205 (do mesmo autor).

aos de Téspias, paga das suas artes³⁰⁹.
 A arte de Cípris é um dom invejável, isento de culpa.
 Para ambos³¹⁰ foi Eros a melhor recompensa.
 Por dupla arte louvo o mortal que, dando aos outros
 um deus, tinha no peito um mais perfeito.

261. DE CRINÁGORAS

A mim, um galheteiro³¹¹ de bronze em tudo igual à prata,
 obra de Êndico, como presente para a casa
 do seu melhor amigo, no teu aniversário, filho de Símon,
 me envia com coração sincero Crinágoras.

262. DE LEÓNIDAS

A fera solitária que ataca os estábulos de bois e os boieiros,
 sem medo sequer dos latidos dos cães,
 Evalques de Creta a matou, quando pastava o seu rebanho
 de noite, e neste pinheiro aqui a pendurou.

³⁰⁹ Artes amorosas, porquanto era uma cortesã (cf. vv. 3-4). A história deste Eros de Téspias, recordada por Pausânias (1.20.1-2) ficou famosa: Praxíteles havia prometido oferecer a mais bela das suas obras a Frine, sua amante. Simulando a jovem um incêndio no atelier do artista, este pede que se salvem apenas um *Sátiro* e este *Eros*, terminando ela por eleger a última, só mais tarde oferecida à cidade de Téspias. Sabemos que a estátua foi trazida para Roma por Calígula e devolvida à sua cidade por Cláudio, para de novo ser trazida por Nero à capital do Império, onde teria sido destruída pelo incêndio de 80 (cf. Estrabão 9.2.25; Pausânias 9.27.3; Plínio 36.22). Acredita-se que o *Eros de Farnese*, cópia romana em mármore encontrada em Pompeia, seja próximo do modelo do original de Praxíteles.

³¹⁰ Para Frine o Eros estátua, para Praxíteles o eros (amor) dessa mulher.

³¹¹ O original refere um recipiente para guardar o azeite com que se ungiam os atletas, daí a nossa tradução.

263. DO MESMO

Soso, rico boieiro, esfolou esta pele de um leão
 cor de fogo, dando-lhe morte com a lança
 quando lhe devorou um bezerro que ainda mamava;
 do estábulo já não voltou para a floresta,
 mas a fera pagou com o seu sangue o sangue do bezerro
 ferido de morte: viu o castigo de matar um boi³¹².

264. DE MNASALCAS

Eu, o escudo de Alexandre³¹³, filho de Fileu, fui oferecido
 como sacra oferenda a Apolo de dourada cabeleira,
 já envelhecido o meu rebordo pela guerra, já envelhecido
 também o centro; brilho, contudo, com a glória que logrei
 combatendo com o melhor dos homens, que me dedicou.
 Invencível de todo fui desde o meu nascimento.

265. DE NÓSSIS

Veneranda Hera, que descendo do céu tantas vezes
 vislumbras o teu templo perfumado de Lacínio³¹⁴,
 aceita esta veste de linho, que para ti, com a filha Nóssis,
 a nobre Teófilis teceu, a filha de Cleoca.

266. DE HEGESIPO

Esta Ártemis da encruzilhada³¹⁵, Hageloqueia a vestiu,
 virgem que vive ainda em casa de seu pai,

³¹² Vd. nota ao núm. 6.228.3.

³¹³ Cf. núm. 6.128 e nota ao v. 3.

³¹⁴ No cabo Lacínio (atual Capo Colonna, na Calábria, próximo a Crotona) havia um templo de Hera.

³¹⁵ Ártemis *Trioditis* ("da encruzilhada de três caminhos"), tutelar dos caminhos seguros e dos viajantes, sobretudo à noite, quando há lua.

a filha de Damareto; pois a deusa aparecera-lhe, em pessoa,
junto à teia do seu tear, na forma de raio de fogo.

267. DE DIOTIMO

De tocha na mão, Ártemis salvadora, fica junto ao terreno
de Pólis, e a tua doce luz oferece a esse homem,
a ele e seus filhos, que lhes é tão útil – não inutilmente
se conhece a balança da reta justiça de Zeus.
E concede às Graças, Ártemis, que correndo por este bosque
pisem com as delicadas sandálias este tapete de flores.

268. DE MNASALCAS

Esta estátua, divina Ártemis, Cleónimo a erigiu para ti,
[esta aqui; e tu, guarda-lhe a vida afortunada]³¹⁶,
soberana que aos pés pisa a montanha de trémula folhagem,
incitando furiosamente os teus cães raivosos.

269. À MANEIRA DE³¹⁷ SAFO

Jovens: mesmo não tendo voz, respondo a quem pergunte,
pois esta voz incansável tenho a meus pés³¹⁸:
“À virgem Etópia³¹⁹, filha de Leto, me dedicou Arista,
a filha de Hermoclides, filho de Sauneu,³²⁰

³¹⁶ Verso espúrio, cujo menor valor poético se percebe mesmo em tradução.

³¹⁷ Cf. núm. 6.273 e AP 12.142. Este tipo de atribuições manuscritas, mais do que a autoria, são apreciações críticas dos copistas, que desta forma identificam um poema escrito como exercício de imitação do estilo de um poeta maior.

³¹⁸ Os versos 3-6 poderiam estar inscritos na base da estátua (“a meus pés”) mas também gravados numa estela colocada diante da base.

³¹⁹ Epíteto de Ártemis, a partir da localidade homónima na Eubeia.

³²⁰ Verso textualmente muito corrupto; seguimos as correções de Page (1981.I: 183).

a tua sacerdotisa, soberana das mulheres. Favorece-a,
sê-nos propícia e faz prosperar a nossa raça!”

270. DE NÍCIAS

As bandoletas e este véu transparente de Anfarete,
Ilitia³²¹, repousam sobre a tua cabeça,
pois, nas suas preces, a ti suplicava, durante as dores
do parto, evitar as tristes deusas da morte.

271. DE FÉDIMO

Ártemis! Estas sandálias te dedicou o filho de Ciquésias,
e a prega modesta das suas vestes Temistodice,
porque docemente estendeste ambas as mãos sobre ela
durante o parto, e vieste, soberana, sem o arco³²².
Ártemis! Ao filho de Leão, recém-nascido ainda,
concede que veja crescer o próprio filho.

272. DE PERSES

Para ti, filha de Leto³²³, a sua cintura, a túnica florida
e o soutien apertado que lhe envolvia os seios
dedicou Timessa, quando, ao décimo mês³²⁴, se libertou
do terrível fardo da dolorosa gravidez.

273. À MANEIRA DE NÓSSIS

Ártemis, senhora de Delos e da amável Ortígia³²⁵,

³²¹ Cf. núm. 6.146.1, com nota.

³²² I.e., com disposição amável e cuidadora, não com os atributos da deusa caçadora.

³²³ Ártemis.

³²⁴ Vd. núm. 6.200.4 e nota.

³²⁵ Nome primitivo de Delos, Ortígia designava também uma série de

depõe as flechas sagradas³²⁶ no seio das Graças,
 banha o teu corpo puro no Inopo e vem [a nossa casa]
 libertar Alcétis das terríveis dores do parto.

274. DE PERSES

Soberana protetora da infância! Este [broche nupcial]³²⁷
 e o diadema da sua cabeça de brilhantes tranças
 conserva, feliz Ilitia, os que recebeste de Tísis, muito
 agradecida por a teres livrado das dores do parto.

275. DE NÓSSIS

Com alegria, estou em crer, Afrodite recebeu esta rede
 que para lhe dedicar Samita retirou dos cabelos;
 é bem entrelaçada e tem um doce cheiro a perfume,
 como esse com que a deusa unge o belo Adónis.

276. DE ANTÍPATRO [DE SÍDON]

A jovem Hipe de farta cabeleira amarrou os seus longos
 cabelos e lavou as suas têmporas perfumadas;
 chegara-lhe o tempo de casar. Nós, os diademas no lugar
 do cabelo rapado³²⁸, reclamamos as suas graças virginais.
 Ártemis! Por tua vontade, seja o dia do casamento o da
 [maternidade

idades com culto a Ártemis instituído. No caso, deve tratar-se da pequena ilha em frente a Siracusa (terra de Nóssis), que a tradição aponta como local de nascimento da deusa – Apolo, seu irmão gémeo, teria nascido nove dias depois em Delos, nas margens do rio Inopo (v. 3).

³²⁶ Como no núm. 271.4.

³²⁷ Correção de Jacobs, adotada por Beckby, ao texto corruuto de P.

³²⁸ Antes do casamento, as jovens rapavam a parte da frente dos cabelos.

para a filha de Licomedes que ainda brinca aos ossinhos³²⁹.

277. DE DAMAGETO

Para ti, Ártemis, a quem tocaram o arco e as flechas impetuosas,
este cacho da sua cabeleira, junto ao teu templo perfumado
de incenso deixou ficar Arsínoe, a jovem filha de Ptolemeu³³⁰,
depois de o ter cortado das suas tranças sedutoras.

278. DE RIANO

O filho de Asclepiádes, Gorgo, ao belo Febo dedicou
esta oferenda da sua cabeça sedutora³³¹.
Tu, Febo Delfínio³³², sê propício, e faz com que o rapaz
seja afortunado até à idade do cabelo branco.

279. DE EUFÓRION

Quando Eudoxo primeiro cortou as suas belas madeixas,
a Febo ofereceu a glória da sua infância.
Em lugar de tranças, senhor que lanças ao longe³³³, que a hera
de Acarnas³³⁴ sempre lhe enfeite a cabeça ao crescer.

³²⁹ Ou seja, é ainda uma criança que vai casar, e para quem se pede a intervenção de Ártemis, para que de uma só vez a faça mulher e mãe.

³³⁰ Filha de Ptolemeu III Evérgeta (ca. 280 a.C.-221 a.C.), o terceiro soberano da dinastia ptolemaica que governou o Egito entre 246 e 221 a.C. A filha, Arsínoe, foi dada em casamento ao irmão, Ptolemeu IV Filópator – que governaria entre 221 a.C.-205 a.C., data da sua morte –, com quem casou em 211 a.C.

³³¹ Uma vez mais, um cacho de cabelo.

³³² A partir do nome de um templo a ele dedicado em Atenas, o *Delphinion*.

³³³ Epíteto de Apolo na *Iliada* (e.g. 1.14).

³³⁴ Acarnas era uma zona rural próxima de Atenas. O verso significa, tão só, que possa dedicar-se aos concursos musicais – tutelados por Apolo – e por isso ser coroado de hera.

280. ANÓNIMO

Timárete, antes de casar, os seus tamborins, a bola que tanto amava, a rede que lhe apanhava os cabelos e as bonecas te dedicou, Ártemis Limneia³³⁵, como convém de uma virgem a outra, mais os vestidos das bonecas. Tu, filha de Leto, estende as mãos sobre a filha de Timáretes e piedosamente conserva piedosa essa jovem.

281. DE LEÓNIDAS [DE TARENTO]

Tu que dominas Díndimo e as montanhas aquecidas pelo sol da Frígia, Mãe venerável, a pequena Aristódice, a filha de Silene, faz que amadureça até chegar ao himeneu e ao casamento, limite derradeiro da juventude! Para isso, à entrada do teu templo e em frente ao altar agitou, de um lado para o outro, os seus cabelos virginais.

282. DE TEODORO

Para ti, Hermes, Calístenes pendurou o seu chapéu de lã de ovelha apertada e bem entrançada, a pregadeira de duas pontas³³⁶, a escova³³⁷, o arco tendido, a clâmide usada ensopada em suor, uma lança e a bola sempre no ar³³⁸. Aceita os presentes, dádiva de uma juventude bem conduzida.

³³⁵ Ártemis era assim designada a partir do nome de um conjunto de localidades do Peloponeso.

³³⁶ Que, lançada atrás das costas, segurava em dois pontos o manto ou a capa.

³³⁷ Para limpar o suor e o pó dos exercícios na palestra.

³³⁸ Todas as oferendas são símbolo da efebria do jovem que as dedica (sendo o mais evidente a clâmide, v. 4), no momento em que se oficializa a transição para a idade adulta.

283. ANÓNIMO

Esta, que antes se ufanava dos amantes ricos em ouro,
nunca reverenciando a terrível Némesis³³⁹ divina,
tece agora em tear miserável³⁴⁰ roupas por encargo.
Mesmo tarde, Atena derrotou Cípris!

284. ANÓNIMO

Filénio, a que adormecia em segredo no regaço
de Agamedes, logrou esta manta cinzenta.
A própria Cípris foi a artesã. A trama bem apertada
e o fuso das mulheres, o cesto ocioso os detenha!³⁴¹

285. PARECE SER³⁴² DE NICARCO

Nicarete, outrora ao serviço das lançadeiras de Atena
e que muitas tramas tecia com o seu tear,
para Cípris, a sua cesta, as bobinas e os demais instrumentos
do seu ofício consagrou ao fogo junto ao seu templo,
dizendo “Adeus, obras famélicas de mulheres desgraçadas,
versadas em destruir a flor da juventude!”
Escolhera a moça as coroas, a harpa e, em banquetes
e outras festas, levar uma vida de prazer,
e disse: “Levar-te-ei o dízimo de todos os meus lucros, Cípris;
tu, recebe o fruto do meu trabalho e recompensa-me!”

³³⁹ Divindade personificadora da vingança.

³⁴⁰ À letra, “com lâminas miseráveis”, referindo-se às barras semelhantes a dentes do tear.

³⁴¹ Se, de facto, basta dormir com um homem para conseguir uma manta, sem necessidade de a tecer.

³⁴² A epígrafe original (*dokei*) reflete as dúvidas de atribuição do próprio copista.

286. DE LEÓNIDAS [DE TARENTO]

O remate direito desta franja bordada, no máximo
 de um palmo e meio³⁴³, é obra de Bítion;
 o outro, Antianira o acrescentou; o rio Meandro
 e as moças que há no meio, foi Bítia³⁴⁴.
 Ártemis, mais bela das virgens de Zeus! Coloca tal labor
 junto ao teu coração, obra da rivalidade de três.

287. DE ANTÍPATRO

Ártemis, virgem gloriosa, soberana das mulheres!
 Para ti tecemos, as três, esta franja bordada.
 Bítia teceu estas moças que se alegram a dançar
 e as correntes confusas do Meandro sinuoso;
 a loira Antianira imaginou, não longe, a decoração
 plasmada na margem esquerda desse rio;
 e a que está à direita do rio, medindo um palmo
 e meio, foi Bítion quem a executou.

288. DE ANTÍPATRO

Nós, as filhas de Licomedes, Ateno, Meliteia,
 Finto e Glénis, boas trabalhadoras,
 para te agradar oferecemos o dízimo dos nossos trabalhos:
 o fuso que nos ajuda, a lançadeira que separa os fios,
 cantora e dançarina do tear, as lãs que se enrolam nos fusos,
 [...] ³⁴⁵

³⁴³ Tradução inexata da medida do original.

³⁴⁴ Este epigrama e o seguinte descrevem os motivos de um tecido bordado oferecido a Ártemis.

³⁴⁵ Com este sinal se indicam os passos corrutos no manuscrito que não conseguiram correção aceitável.

e as lâminas pesadas³⁴⁶ [...],
porção pequena dos seus pequenos haveres.
E tu, Atena, de futuro, enche sempre as nossas mãos,
e faz com que seja cheio, não vazio, o nosso cesto de pão.

289. DO MESMO

Eis Autónoma, Meliteia e Bísccio, filhas de Filolades
e Nico, estrangeiro, cretenses as três:
a primeira, o fuso sempre a girar que trabalha o fio
dedicou, a segunda o seu cesto de lá noturno,
a última a lançadeira, hábil artesã das suaves tramas,
guardiã dos aposentos de Penélope.
Estes dons dedicaram a Atena Tecedeira no seu templo,
quando renunciaram aos trabalhos de Atena.

290. DE DIOSCÓRIDES

Este leque, sempre delicado com suas brisas suaves,
Parménis dedicou à dulcíssima Urânia³⁴⁷,
o dízimo da sua cama. Quanto ao duro calor do sol,
[a fulana] o desvia com os Zéfiro delicados.

291. ANÓNIMO

Báquilis, a esponja das taças de Baco, certa vez
que caiu doente a Deo³⁴⁸ disse assim:
“Se escapo à onda desta febre terrível, durante cem
sóis beberei apenas água fresca das fontes,

³⁴⁶ Vd. núm. 6.283.3 com nota.

³⁴⁷ A Afrodite celestial, tutelar do casamento e da família. Cf. nota ao núm. 6.206.10.

³⁴⁸ Deméter.

sem Brómio³⁴⁹ e sem vinho.” Livre enfim da doença,
 no mesmo dia pensou neste estratagema:
 tomou nas mãos uma peneira e, por entre os fios de vime
 apertados, vislumbrou muito mais que cem sóis.

292. DE HÉDILO

As suas bandoletas³⁵⁰, a roupa interior cor de púrpura, os peplos
 Lacónios³⁵¹ e os tubos de ouro das suas bugigangas³⁵²,
 Nicónoe [ganhou] tudo de uma vez – é que essa moça
 era um rebento divino dos Amores e das Graças.
 Por isso a Priapo, que lhe outorgou o prémio da beleza,
 dedicou ela esta pele de veado e este jarro de ouro.

293. DE LEÓNIDAS

Este bastão e estas sandálias, Cípris soberana, são-te
 dedicados, despojos de Socares, o cínico,
 mais este frasco de óleo gorduroso e o resto da sua pasta
 toda furada, cheia da sabedoria dos antigos³⁵³.
 Foi o bom Ródon, quando a muito sábia velhice
 o atingiu, que os dedicou nos teus pórticos³⁵⁴.

³⁴⁹ Epíteto de Dioniso (ou Baco).

³⁵⁰ Ou “soutiens”, a palavra em grego é a mesma.

³⁵¹ De uma só peça, amarrados no ombro ou atrás da cabeça.

³⁵² Ornamentos em ouro (ou simplesmente dourados), em forma de tubos (no original “canas”) que se cosiam à roupa feminina.

³⁵³ Pelos livros que este cínico (filósofo) nela costumava transportar.

³⁵⁴ Cf. núm. 6.298, onde o mesmo Socares é referido. Trata-se de um antigo filósofo cínico, provavelmente inimigo do poeta, que ao cabo da sua vida trocara a filosofia pela pederastia. Mais do que epigramas votivos, género de que têm apenas a estrutura, ambos são exemplos de poesia satírica.

294. DE FÂNIAS

O bastão que lhe guiava os passos, as correias, a férula
 sempre pronta a golpear a cara dos pequenos,
 a vara [com azeite] e flexível, a sandália de uma sola
 só e a boina que lhe cobria a cabeça careca,
 Cálon dedicou ao poderoso Hermes, símbolos da sua carreira
 de mestre, cansados os seus membros de senil fadiga.

295. DO MESMO³⁵⁵

O canivete para afiar as canetas, a esponja com que, mediante
 pagamento, apagava os traços das plumas de Cnidos³⁵⁶,
 a régua para marcar a direito as páginas, o peso para o papel
 que marca o local³⁵⁷, o recipiente de tinta negra,
 os compassos que traçam círculos, a pedra pomes para polir
 e o monóculo esverdeado que traz doce luz³⁵⁸,
 agora que conseguiu uma fatia do bolo das finanças públicas³⁵⁹,
 Ascetondas consagrou às Piérides os instrumentos da sua
 [miséria.

³⁵⁵ Cf. os núms. 6.62-68.

³⁵⁶ As plumas de Cnidos eram famosas. Cf. Plínio, *História Natural* 16.157.

³⁵⁷ Este objeto, como o epigrama em geral, tem sentido pouco claro e difícil tradução, ao ponto de Waltz (1925: 45) o ter considerado “Une des épigrammes votives les plus obscures de l’ *Anthologie Palatine*”.

Talvez esteja em casa um peso que, além de segurar a página, marca à margem o local (a linha) onde se está a escrever.

³⁵⁸ Tradução completamente hipotética. Os críticos têm pensado noutra tipo de peso de papel, mais pequeno que o do v. 3, mas o adjetivo *aduphaos* (lit. “que traz doce luz”) sugeriu esta tradução a Patton, que adotamos simplesmente para não repetir um objeto já mencionado no epigrama.

³⁵⁹ I.e., conseguiu um emprego como escriba público dos impostos, trabalho mais bem pago.

296. DE LEÓNIDAS [DE TARENTO]

Esta armadilha resistente, as estacas [de suporte]³⁶⁰,
 as redes, os paus arredondados para as lebres³⁶¹,
 a aljava, esta flauta perfurada para as codornizes
 e a rede bem entretecida para apanhar peixes,
 a Hermes Sosipo dedicou, agora que há muito passou
 a juventude e o limita a fraqueza da velhice.

297. DE FÂNIAS

Este ancinho já sem dentes, um pedaço da sua barulhenta
 pá, viúva da sua pega em madeira de oliveira,
 [...], o malho para romper torrões de terra³⁶²,
 o picão de um só dente que cava o terreno
 e a enxada que nele abre sulcos, Alcimo dedicou ao pórtico
 de Atena, mais os cestos remendados de levar a terra,
 ao encontrar um tesouro; de outra forma, de costas curvadas
 teria chegado ao Hades todo agachado.

298. DE LEÓNIDAS [DE TARENTO]

A sua pasta a tiracolo, uma pele de cabra dura
 e por curtir, o seu cajado de caminhante,
 um frasco de óleo nunca limpo, a carteira sem dinheiro
 e o chapéu que lhe cobria a cabeça ímpia,
 estes despojos de Socares, ao morrer, a Fome
 pendurou num arbusto de tamarisco³⁶³.

³⁶⁰ Texto e sentido muito obscuros. Pode tratar-se das estacas nas quais se penduravam as redes de caça, como nos núms. 6.109 e 152, mas tal leitura não é inequívoca.

³⁶¹ Cf. núms. 6.152 e 188.

³⁶² Cf. 6.104.1-2.

³⁶³ Segundo epigrama de Leónidas para este Socares, seu inimigo. No caso, fantasia o seu final de vida, faminto e sem recursos.

299. DE FÂNIAS

Ante ti, Hermes dos caminhos, esta amostra de um cacho
 de uvas magnífico, esta fatia de bolo feito no forno,
 este figo que se revela negro ao comer³⁶⁴, uma azeitona
 [...], cascas de queijos de bola,
 farinha de Creta, um punhado de [gravações] moídos
 e uma taça de Baco para depois de comer.
 Deles disfrute também Cípris, a minha deusa, e a ambos³⁶⁵ digo
 que sacrificarei, à beira mar, um cabrito de brancas patas.

300. DE LEÓNIDAS [DE TARENTO]

Láfria³⁶⁶! Aceita esta oferenda do viajante,
 pobre e sempre faminto³⁶⁷ Leónidas:
 gordos bolos de cevada, uma azeitona em conserva,
 este figo verde que acaba de colher,
 mais estas cinco uvas de um cacho rico em vinho,
 soberana, e esta libação da borra do jarro.
 Como me salvaste da doença³⁶⁸, salva-me agora da penosa
 miséria, e ganharás quem te sacrifique uma cabra.

301. DE CALÍMACO

Esta saleira – por cujo sal, que comia sem mais, escapou
 às grandes tormentas das dívidas – Eudemo

³⁶⁴ I.e. maduro.

³⁶⁵ Afrodite, que devia ter um altar próximo ao de Hermes, é aqui tomada como deusa marinha, sobretudo pelo detalhe do seu nascimento da espuma do mar. Também Hermes o é, enquanto tutelar dos rios.

³⁶⁶ Cognome de Ártemis em terras do Peloponeso.

³⁶⁷ Lit. “com pouco trigo”.

³⁶⁸ C.f. e.g. núm. 6.240.

dedicou-a aos deuses da Samotrácia³⁶⁹, dizendo, como prometera, amigos, que o pôs aqui por se ter salvado do mar.³⁷⁰

302. DE LEÓNIDAS [DE TARENTO]

Fora da minha choupana, ratos da escuridão! A pobre
 dispensa de Leónidas não tem comida para ratos!
 O velhote contenta-se em ter sal e dois pães de cevada:
 dos meus pais aprendi a aceitar uma vida assim.
 Então porque exploras esse canto, grandessíssimo glutão,
 se não hás de provar nem os restos do meu jantar?
 Fora, vai para as casas de outros – a minha é modesta –,
 que delas hás de conseguir mais farta refeição!

303. DE ARÍSTON

Ratos! Se viestes em busca de pão, para outro canto
 deveis ir, pois moro em modesta choupana;
 da casa deles podereis sacar queijo gordo, figos
 secos e jantar farto só dos desperdícios.
 Porém, se voltais a afiar os dentes nos meus livros,
 sofrereis por ter vindo a festim de poucos amigos³⁷¹.

304. DE FÂNIAS

Pescador de linha da costa, desce desse rochedo a terra firme
 e toma-me como primeiro bom cliente da manhã!
 Se levas no teu cesto algumas dobradas, ou uma cavala,

³⁶⁹ Os Cabiros. Vd. núm. 6.245.5 e nota.

³⁷⁰ O original mantém a ambiguidade entre ser salvo “do mar” e “pelo sal”.

³⁷¹ Lit. “festim não bom”, i.e., que não tem muita comida nem é agradável para estes invasores.

um bodião, uma dourada ou uma anchova³⁷²,
 dirás que te venho mesmo a calhar, eu que à carne prefiro
 o peixe para enganar um pedaço de pão seco.
 Mas se trazes sardinhas cheias de espinhas ou um arenque,
 então boa pesca! A minha garganta não é de pedra.

305. DE LEÓNIDAS [DE TARENTO]

À Gulodice e à Voracidade dada a guloseimas estas oferendas
 dedicou o imundo Dorieu [...]:
 estes caldeirões de barriga arredondada de Larissa,
 estas marmitas, esta taça de boca larga,
 este garfo curvo de bronze maciço para a carne³⁷³,
 a faca do queijo e a colher de mexer a sopa.
 Gulodice! Aceita estes presentes malvados de malvado
 donatário, e consente que nunca conheça a temperança³⁷⁴!

306. DE ARÍSTON

Uma marmita, este gancho para a carne, o espeto
 curvo para os porcos, a colher para a sopa,
 o abanico para atiçar o fogo, um caldeirão de bronze batido,
 um machado, uma faca de talhar a carne,
 a concha para o molho das carnes no espeto, a esponja
 para limpar, pousada sobre o pesado cutelo,
 o pilão de duas cabeças com o almofariz de boa pedra
 e, finalmente, a travessa para servir a carne,

³⁷² Tentámos conciliar, na tradução, os nomes científicos dos peixes com as suas designações comuns. Na maior parte dos casos, estas identifi-
 cações não são inequívocas.

³⁷³ Cf. núm. 6.101.6 (no caso, de ferro).

³⁷⁴ O epigrama é, claramente, satírico do próprio género votivo, pa-
 rodiando, no último dístico, a nota comum da humildade das oferendas
 e de quem as oferece (e.g. núm. 6.98.5 e *passim*).

esses símbolos do seu ofício o cozinheiro Espíntaro dedicou a Hermes, quando se livrou do peso da escravatura.

307. DE FÂNIAS

Eugates de Lápíte³⁷⁵ o seu espelho, a toalha do cabelo, o pedaço de feltro para limpar as lâminas e o pente de cana deitou fora, mais as lâminas sem pega e os canivetes para as unhas; deitou fora as tesouras, as navalhas e a cadeira; abandonando a barbearia, saltou para a colheita do jardim de Epicuro³⁷⁶, onde era como um burro a ouvir a lira. De fome teria morrido, não tivesse ele reconsiderado e regressado a casa.

308. DE ASCLEPÍADES

Vencendo os outros rapazes pela beleza da sua caligrafia, Conaros ganhou como prémio oitenta ossinhos; em agradecimento às Musas, dedicou-me aqui, a máscara cómica de Cares, um velho, entre o aplauso das crianças.

309. DE LEÓNIDAS [DE TARENTO]

A sua bola [bem revestida] e o chocalho barulhento de madeira Filocles dedicou a Hermes, mais os ossinhos por que era louco e o seu pião rodopiante, brinquedos da sua meninice.

³⁷⁵ Na Tessália.

³⁷⁶ I.e., e como se depreende o verso seguinte, deixou a sua profissão para se dedicar à filosofia. Epicuro fundara o Jardim – considerada a primeira escola de filosofia helenística – c. 306 a.C. em Atenas, onde vivia com alguns discípulos.

310. DE CALÍMACO

O dom de aprender pedia Simo, filho de Mico, ao oferecer-me
 às Musas; e elas, como Glauco³⁷⁷, por pequeno presente
 um grande lhe deram. Eu repouso aqui, de boca escancarada,
 um Dioniso trágico, duas vezes maior que o de Samos³⁷⁸,
 escutando a récita dos rapazes, eles que não deixam de repetir
 “o meu cabelo é sagrado”³⁷⁹ – o que escuto a sonhar.

311. DO MESMO

Diz, estrangeiro, que estou aqui como testemunho
 cómico da vitória de Agoránax, o Ródio,
 eu, Pânfilo³⁸⁰, não mordido pelo amor, parecido
 a um figo meio seco ou às lamparinas de Ísis³⁸¹.

³⁷⁷ Glauco trocara as suas armas com Diomedes, que valiam dez vezes mais (*Iliada* 6.234 sqq.).

³⁷⁸ Deve tratar-se de uma máscara trágica do deus, tradicionalmente – e por razões práticas, para que a voz do ator fosse melhor propagada – de boca bem aberta. Em Samos, importante centro de culto a Dioniso, o deus era venerado como “o de boca escancarada”, o que justifica a alusão do epigrama.

³⁷⁹ O próprio Dioniso pronuncia estas palavras nas *Bacantes* de Eurípides (v. 494), ante a ameaça de Penteu em cortar os cabelos. A cena do epigrama deve passar-se numa escola, onde os alunos estudam a tragédia euripídiana.

³⁸⁰ Personagem da *Sogra* de Apolodoro, imitada na peça homónima de Terêncio, pela qual Agoránax teria ficado famoso. Quem fala é, uma vez mais, uma máscara teatral.

³⁸¹ Lamparinas em terracota com aspeto grosseiro, não polido. Não há que considerar uma máscara de dupla face, antes duas comparações para uma mesma máscara talhada sem rigor.

312. DE ÂNITE

As crianças, bode, tendo-te posto rédeas tingidas
 de púrpura e um bocal na cara barbuda,
 brincam às corridas de cavalos ante o templo do deus³⁸²,
 para que vigie as suas brincadeiras infantis.

313. DE BAQUÍLIDES

Filha muito reputada de Palante, soberana Vitória,
 com benevolência o delicioso coro dos Craneus (?)³⁸³
 oxalá sempre contemples, e nos folguedos das Musas
 muitas grinaldas deponhas sobre Baquílides de Ceos.

314. DE NICODEMO DE HERACLEIA³⁸⁴

Penélope! Este manto e esta capa Ulisses
 te trouxe ao cabo de longa errância.

315. DO MESMO

Sou Pá de pés-de-bode, amigo de Brómio³⁸⁵ e filho
 do Arcádio³⁸⁶; pela minha ajuda Ofélio me pintou.

³⁸² Posídon ou Atena podem estar em causa (*theou*, em genitivo, não tem artigo). Mas o epigrama deve fazer a descrição de um quadro ou alto-relevo.

³⁸³ I.e. Atenienses. Segundo outra variante textual lê-se “dos habitantes de Carteia” (cidade da ilha de Ceos).

³⁸⁴ Os epigramas 314-320 e 323 são o que em grego se chama anaclicos, i.e., podem ler-se inversamente, da última para a primeira palavra – ainda que, na realidade, a ordem de algumas palavras não possa ser alterada – sem mudarem o seu sentido e sem comprometerem a métrica. Tal efeito, naturalmente, perde-se por completo em tradução.

³⁸⁵ Baco.

³⁸⁶ Dioniso.

316. DO MESMO

A lágrima que cai do rosto de Aérope, os restos ímpios
dos banquetes e a Vingança³⁸⁷, Ofélio os pintou.

317. DO MESMO

Praxíteles plasmou Dânae, os mantos de mármore branco
das Ninfas e a mim, Pá, em mármore Pentélico³⁸⁸.

318. DO MESMO

Sacrificada uma vitela a Afrodite, protetora da juventude, nós,
os jovens, com alegria levamos as noivas dos seus tálamos.

319. DO MESMO

À luz de tochas acesas, na casa espaçosa de seu pai
recebo a rapariga das mãos de Cípris.

320. DO MESMO

Adeus, bela Ascânia, orgias douradas de Baco
e iniciados prediletos do deus do Evoe³⁸⁹!

³⁸⁷ O epigrama refere uma pintura cíclica do mito dos Atridas. Aérope era esposa de Atreu, que a castigou atirando-a ao mar por ter roubado o cordeiro de ouro para dar ao irmão, Tiestes. O festim ímpio é esse em que Atreu oferece ao irmão a carne dos filhos mortos deste, e a Vingança todos os acontecimentos da linha trágica posterior, desde a morte de Atreu às mãos de Egisto à própria morte de Agamémnon, filho do primeiro casal.

³⁸⁸ De uma região a norte de Atenas.

³⁸⁹ Dioniso (ou Baco), que nessa região da Bitínia, sobretudo na cidade de Niceia, tinha um importante centro de culto.

321. DE LEÓNIDAS DE ALEXANDRIA³⁹⁰

Estas linhas, pelo dia do teu aniversário, César³⁹¹,
 te oferece a Musa do Nilo de Leónidas;
 o sacrifício de Calíope³⁹² nunca deita fumo! Para o ano,
 assim o desejes, há de oferecer-te algo mais valioso.

322. DO MESMO

Recebe de novo a Musa florescente de Leónidas,
 este dístico inteligente, jogo de eloquência.
 Ele será, para Marco, um belíssimo folguedo nas Saturnálias³⁹³,
 nos banquetes e entre os servidores das Musas.

323. DO MESMO³⁹⁴

Édipo era irmão dos filhos, esposo da mãe,
 e pela própria mão ficou cego.

³⁹⁰ Os epigramas 321-322 e 324-329 são isopséficos, i.e., somando o valor numérico de todas as letras, resultam num mesmo valor por cada dístico (ou verso, no caso de um só dístico). Há, no entanto, problemas na contabilidade, que podem ser o resultado de falhas na transmissão textual. Para uma explicação do género poético de Leónidas de Alexandria, bem assim a tentativa de correção dos epigramas, vd. Page (1981: 503-519).

³⁹¹ Nero ou Vespasiano, não é certo.

³⁹² I.e. dos poetas.

³⁹³ Festividade romana em honra ao deus Saturno, originalmente a 17 de dezembro no Calendário juliano e mais tarde com festividades que se prolongavam até 23 de dezembro. O feriado era celebrado com um sacrifício no Templo de Saturno, no Fórum Romano, com um banquete público seguido de troca de presentes em privado, num ambiente de festa contínua que derrubava as normas sociais.

³⁹⁴ Erro do copista. Trata-se de outro epigrama anacílico de Nicodemo, a acrescentar aos núms. 314-320.

324. DO MESMO

Estes bolos gordos, quem mos ofereceu, a mim, Ares destruidor
de cidades, mais este cacho de uvas e estes botões de rosa?
Às Ninfas levai tais oferendas! Sacrifícios sem sangue
não aceito em meus altares, eu, o audacioso Ares.

325. DO MESMO

Um da sua caça, outro do ar, outro do mar te envia,
Êupolis, presentes pelo teu aniversário.
De mim, recebe este verso das Musas, que para sempre
fica como monumento de amizade e talento.

326. DO MESMO

Esta aljava de Licto e este arco flexível, Ártemis,
Nícis, o líbio filho de Lisímaco te dedicou.
As flechas que sempre enchiam o interior da sua aljava,
gastou-as ele com veados e corças pintalgadas.

327. DO MESMO

Um a um estes versos valem o mesmo, não dois a dois;
é que eu não sou dado à escrita prolixa!

328. DO MESMO

Recebe agora o terceiro livro das minhas Graças,
César³⁹⁵, mostra do meu talento na isometria.
[O Nilo há de, de qualquer forma, através da Hélade
enviar para a tua terra este presente muito musical.]³⁹⁶

³⁹⁵ Vd. nota ao núm. 6.321.1.

³⁹⁶ O texto do último dístico está bastante corrompido. O sentido deve, no entanto, aproximar-se ao que demos em tradução.

329. DO MESMO

Um enviará cristal, outro prata, um terceiro topázio
 – presentes de rico – pelo teu aniversário.
 Eu cá, em enviar a Agripina dois dísticos de igual valor
 me contento, presente que a inveja não maculará.

330. DE ÉSQUINES O ORADOR

Desanimado com as artes mortais, pus na divindade
 toda a esperança, deixei Atenas de belos rapazes
 e em três meses fui curado, vindo para o teu bosque,
 Asclépio³⁹⁷, de um tumor que há um ano tinha na cabeça.

331. DE GETÚLICO

O pai Álcon, vendo o filho enredado por uma serpente
 assassina, estirou o arco com mão a tremer;
 e não falhou a fera, mas a seta atingiu-lhe a goela
 um pouco abaixo de onde estava a criança.
 Abandonando a matança, neste carvalho pendurou
 a aljava, símbolo de boa sorte e boa pontaria.

332. DE ADRIANO

Para Zeus Cássio³⁹⁸ Trajano, descendente de Eneas,
 – do soberano dos homens para o soberano dos deuses –
 dedicou esta oferenda, duas taças bem cinzeladas e um corno
 de touro selvagem³⁹⁹ incrustado de ouro brilhante,

³⁹⁷ Deus da medicina.

³⁹⁸ Do monte Cássio (atual El-Kas), próximo de Pelusa. Em 114, desembarcando na Antióquia para iniciar uma expedição contra os Partos, Trajano venceu os Getas, que habitavam a parte ocidental da Dácia, o motivo desta dedicatória.

³⁹⁹ O auroque, antepassado do boi doméstico, extinto no século XVII.

primícias do seu botim recente, quando, destemido,
 venceu com a lança os Getas muito insolentes.
 Tu, senhora das negras nuvens, concede-lhe concluir
 com sucesso a batalha contra os Aqueménidas⁴⁰⁰,
 para que o teu coração se alegre por ver duplo troféu,
 os despojos de ambos, Getas e Arsácidas⁴⁰¹.

333. DE MARCO ARGENTÁRIO

Espirraste já três vezes, bem-amada lamparina! Estás a querer
 dizer-me que a doce Antígona está a vir para o quarto?
 Se isso acaso é verdade, soberana⁴⁰², como Apolo devias
 ficar junto da trípole a dar oráculos aos mortais.

334. DE LEÓNIDAS [DE TARENTO]

*Dedicatória de Pirro sobre o sacrifício de Neoptólemo⁴⁰³, filho
 de Aquiles*

Cavernas, colina sagrada das Ninfas, fontes que brotais
 da pedra, pinheiro vizinho das ondas,
 Hermes quadrangular⁴⁰⁴, filho de Maia protetor dos rebanhos,
 e tu, Pã, senhor deste rochedo onde pastam as cabras!
 Estes bolos e esta taça cheia de vinho dignai-vos
 aceitar, oferendas do Eácida Neoptólemo.

⁴⁰⁰ Os Partos.

⁴⁰¹ Outro nome para os Partos.

⁴⁰² O texto é incerto, mas o termo faz sentido se entendermos o epigrama como uma paródia amorosa a uma prece divina, que faria muito mais sentido se copiada no livro V dos epigramas eróticos.

⁴⁰³ Deve tratar-se antes de outro Neoptólemo, rei do Epiro, que se considerava descendente os Eácidas.

⁴⁰⁴ Referência aos *hermaia*, na sua forma mais tradicional um busto sobre uma base quadrada de pedra.

335. DE ANTÍPATRO

Eu, um gorro, antes confortável indumentária dos Macedónios,
 abrigo em tempo de neve e elmo durante a guerra,
 tive sede de beber o teu suor, corajoso Pisão⁴⁰⁵,
 e vim da Hemácia para a tua testa Ausónia⁴⁰⁶.
 E tu, recebe-me como amigo. Talvez esta trama⁴⁰⁷, que outrora
 pôs os Persas em fuga, te ajude a dominar os Trácios.

336. DE TEÓCRITO

Estas rosas orvalhadas e este tomilho espesso
 estão aqui para as Musas Helicónias⁴⁰⁸;
 e este louro de negras folhas, Pítio Péan⁴⁰⁹, é para ti,
 pois o rochedo Déléfco o gerou para te honrar;
 o altar receberá o sangue deste bode cornudo, bode
 branco que comeu o seu último galho de terebinto.

337. DO MESMO

O filho do Péan⁴¹⁰ em pessoa quis deslocar-se a Mileto
 para visitar um homem que cura as doenças,
 Nícias, que a cada dia lhe suplicava com sacrifícios
 e mandara fazer esta estátua em cedro perfumado,

⁴⁰⁵ Calpúrnio Pisão, a cujos filhos Horácio dedicou a *Arte Poética*. Cf. o mesmo contexto militar no núm. 6.241, com nota.

⁴⁰⁶ A Hemácia é a Macedónia (cf. nota ao núm. 6.114.6), e a Ausónia a península itálica. O gorro – tipo de chapéu específico da realeza macedónia – foi tomado pelo exército romano vitorioso e, na primeira pessoa, submetete-se agora ao seu vencedor.

⁴⁰⁷ I.e. o chapéu.

⁴⁰⁸ As Musas, associadas ao monte Hélicon, na Beócia.

⁴⁰⁹ Apolo, deus do péan.

⁴¹⁰ Asclépio.

prometendo a Eécion maior recompensa pelo labor delicado da sua mão; e o artista pôs na obra todo o seu talento.

338. DO MESMO

A todas vós deusas, as nove, Xenocles dedicou, agradecido, esta oferenda marmórea⁴¹¹, ele, servidor das Musas⁴¹². Ninguém duvida! Pela sua arte merecedor de elogio, não se esquece das Musas.

339. DO MESMO

O coreuta Damógenes, o que te dedicou, Dioniso, esta trípode e esta estátua de ti mesmo, o mais doce dos deuses, era em tudo comedido. Venceu com o seu coro de homens, sabendo sempre distinguir o bom do conveniente.

340. DO MESMO

Esta não é a Cípris popular. Para poder agradecer à deusa, chamai Urânia⁴¹³ à estátua da casta Crisógena na casa de Ânfcles, com cujo auxílio ela teve em comum os filhos e a vida. Cada ano a sua sorte era melhor, pois a ti suplicavam primeiro, soberana! Mais conseguem para si os mortais que prestam culto aos imortais.

⁴¹¹ Deve tratar-se de um alto-relevo ou grupo escultórico em mármore representando as nove Musas.

⁴¹² Não um poeta, mas o próprio escultor, desconhecido.

⁴¹³ Cf. 6.206.10 (com nota) e 6.290.2.

341. ANÓNIMO

Dedicatória de Mândrocles para o santuário de Hera

Tendo lançado uma ponte sobre o Bósforo rico em peixes,
 Mândrocles⁴¹⁴ dedicou a Hera este memorial dessa ponte,
 coroando-se a si com uma grinalda, e aos Sâmios de glória,
 [ao concretizar o projeto que no espírito tinha o rei Dario].

342. ANÓNIMO

Contemplai, neste pórtico das Graças, este mastro da proa
 de uma trirreme, exemplar dos primórdios dessa arte.
 Foi esta de facto a primeira que Palas Atena imaginou⁴¹⁵,
 conferindo grande recompensa a esta cidade
 de Cízico por ter sido a primeira a erguer um templo
 à soberana Tritónida⁴¹⁶ na terra sagrada da Ásia.
 Uma réplica (?) e uma carga de lingotes de ouro enviou para
 [a terra
 de Delfos, proclamando a sua gratidão a Febo⁴¹⁷.

⁴¹⁴ O arquiteto que teria projetado a ponte sobre o Bósforo, pela qual os Persas conseguiram chegar à Cítia. Heródoto (4.87-88), que transmite o epigrama, confirma que o quadro votivo de que o texto seria a dedicatória estava exposto no santuário de Hera em Samos.

⁴¹⁵ Atena passava por inventora da arte da navegação.

⁴¹⁶ Tritónida era epíteto de Atena (cf. nota ao núm. 6.10.1), e também o nome de outra divindade, filha de Tritão, senhor dos mares (a referida no núm. 6.159.3).

⁴¹⁷ O texto e o sentido do último dístico são bastante incertos.

343. ANÓNIMO⁴¹⁸

Tendo vencido as gentes da Beócia e de Cálcis⁴¹⁹
 nos assuntos da guerra, os filhos dos Atenienses
 travaram a sua insolência com cruéis correntes de ferro;
 e, como dízimo, estes cavalos dedicam a Palas⁴²⁰.

344. ANÓNIMO

Num altar em Téspias

A espaçosa Téspias outrora enviou estes homens armados
 para a bárbara Ásia, para vingar os seus antepassados⁴²¹.
 E quando, com Alexandre, saquearam a cidadela dos Persas,
 ao Senhor do Trovão⁴²² dedicaram esta trípede bem forjada.

345. DE CRINÁGORAS

Na primavera costumávamos florir, nós as rosas, mas agora,
 em pleno inverno abrimos os botões purpúreos
 para docemente sorrir à aurora do teu dia de anos,
 já tão próxima do dia do teu casamento⁴²³.
 Que possamos ser vistas na testa de tão formosa mulher
 é para nós melhor que esperar o sol primaveril.

⁴¹⁸ O epigrama surge em duas inscrições encontradas em Atenas, trocando de lugar os versos 1 e 3.

⁴¹⁹ Segundo Heródoto (5.77), num mesmo dia a armada ateniense teria derrotado ambos os exércitos da Beócia e de Cálcis. Conta ainda que, com o dinheiro cobrado pelo resgate de 700 prisioneiros beócios, os Atenienses mandaram fazer uma quadriga em ouro, os cavalos oferecidos a Atena que comemora o epigrama.

⁴²⁰ Atena.

⁴²¹ Os que Leónidas matara nas Termópilas.

⁴²² Zeus.

⁴²³ Lit. “dos teus leitos nupciais”. Falam as rosas.

346. DE ANACREONTE

A Télias concede vida agradável, filho de Maia⁴²⁴,
 por estas belas oferendas concede-lhe tal graça!
 E permite que no demo dos justos Evonimitas⁴²⁵
 ele viva, gozando sempre de boa fortuna.

347. DE CALÍMACO

Ártemis! Para ti ergueu aqui Filératis esta estátua.
 Tu, soberana, aceita-a, e sê a sua protetora!

348. DE DIODORO

Diz esta inscrição plangente, fruto da arte de Diodoro,
 que fui talhado para uma jovem que morreu cedo,
 morta depois de dar à luz um rapaz. Melas recebeu
 o rapaz, mas lamenta a morte da bela Atenais,
 que deixou em pranto as de Lesbos e o pai Jasão.
 Ártemis, só dos teus cães assassinos de feras cuidas!⁴²⁶

349. DE FILODEMO

Melicertes, filho de Ino, e tu, Leucótea⁴²⁷, brilhante
 rainha do mar, deusa sanadora,
 e vós, coros de Nereides, ondas, e tu, Posídon,

⁴²⁴ Apolo.

⁴²⁵ Demo da tribo dos Erectidas, no sul de Atenas.

⁴²⁶ I.e., não socorreu a jovem no momento do parto, como seria de esperar dessa deusa tutelar dos partos (cf. núm. 6.242.2.), antes cuidou apenas da sua outra atribuição, a da caça.

⁴²⁷ Para que a viagem seja segura, a invocação é exclusivamente a divindades marítimas. Além de Posídon e das Nereides, Leucótea – o nome pelo qual Ino, a filha de Cadmo, fora divinizada – e o seu filho Melicertes (ou Palémon). Vd. nota ao núm. 6.164.1.

Zéfiro da Trácia, o mais doce dos ventos⁴²⁸!
Sede propícios e levai-me, escapando pela vaga imensa,
são e salvo até à doce praia do Pireu.

350. DE CRINÁGORAS

O som impetuoso da trompete Tirrénia⁴²⁹
muitas vezes ressoou nas planuras
de Pisa, no passado, celebrando dupla vitória;
Mas quando trouxeste três grinaldas⁴³⁰
aos cidadãos de Mileto, Demóstenes, jamais
tuba de bronze tocou de boca mais cheia.

351. DE CALÍMACO

Um galho de carvalho, a ti, senhor que mataste o leão e o
[javali, me dedicou...⁴³¹
– Quem? – Arcino. – Qual? – O Cretense. – Aceito!

352. DE ERINA⁴³²

Esta é pintura de mãos jovens. Querido Prometeu,
há de facto homens com talento igual ao teu!

⁴²⁸ Cf. núm. 6.53.2. A Trácia era, desde Homero, a pátria de todos os ventos.

⁴²⁹ I.e. da guerra, como a “flauta de Eniálio” dos núms. 6.46 e 6.151.

⁴³⁰ Fala-se da celebração de vitórias atléticas. Demóstenes teria sido o primeiro a conseguir três vitórias nas mesma Olimpíada, pelo que a sua celebração foi mais visível (e sonora) do que qualquer outra.

⁴³¹ Hércules, aqui invocado por dois dos seus trabalhos: a morte do leão de Nemeia e do javali de Erimanto.

⁴³² Os núms. 6.252-254 são descrições de pinturas, não epigramas votivos.

Quem quer que pintou esta jovem com tal verdade,
a tê-la dotado de voz, ela seria a própria Agatárquis.

353. DE NÓSSIS

É a própria Melina! Vede como o seu amável rosto
parece contemplar-me com delicadeza;
como de verdade a filha em tudo à mãe se parece.
Uma felicidade quando os filhos são como seus pais!

354. DA MESMA

Mesmo de longe, percebe-se bem que este retrato
é de Sabétis, pela sua beleza e majestade.
Reparai: é essa prudente mulher e a sua graciosidade
que imagino ver. Salve, salve mulher afortunada!

355. DE LEÓNIDAS [DE TARENTO]

A sua mãe, pobre como é, o retrato ao natural
de Micito oferece a Baco, pintura pobre.
Tu, Baco, faz crescer Micito⁴³³! Se o presente
é pobre, é a pura miséria que to oferece.

356. DE PÂNCRATES

As duas filhas de Clio, Aristódice e Ameino, cretenses
de quatro anos, a tua sacerdotisa e mãe delas
tas consagra, soberana Ártemis. Vê, senhora, a descendência
bela que tem, e recebe, em vez de uma, duas sacerdotisas⁴³⁴.

⁴³³ Jogo de palavras, porquanto, em grego, o nome da criança é um diminutivo do termo que significa “pequeno” (“o Pequenino”).

⁴³⁴ Pode o epigrama referir-se à oferenda de uma pintura, como, mais concretamente, à consagração de duas crianças do género feminino ao culto de Ártemis.

357. DE TEETETO

- Crianças, sede felizes! Quem são vossos pais? Que belo nome vos foi dado, a vós que sois tão belos?
- Eu sou Nicanor, o meu pai é Epioreto,
e a minha mãe Hégeso, e sou macedónio.
- Eu sou a Fila, e este aqui é o meu irmão.
Por um voto de nossos pais estamos aqui os dois⁴³⁵.

358. DE DIOTIMO

Salve, túnica delicada, que outrora a lídia Ônfale⁴³⁶
despiu para penetrar na cama de Hércules!
Eras feliz, túnica, mas ainda agora o és, agora
que entraste no templo dourado de Ártemis⁴³⁷.

⁴³⁵ Entenda-se, “os nossos retratos”, com quem o primeiro interlocutor dialoga.

⁴³⁶ Viúva de Tmolo, passou a governar a Lídia após a morte do marido. Após matar Ífitio, Hércules foi-lhe vendido como escravo, estando ao seu serviço durante três anos, durante os quais cumpriu a maior parte dos seus trabalhos canónicos.

⁴³⁷ Provavelmente o templo de Ártemis em Éfeso, cuja fundação estava ligada aos episódios do mito de Hércules. Cf. Tácito, *Anais* 3.61.

EPIGRAMAS MORAIS

ANTOLOGIA GREGA X

(Página deixada propositadamente em branco)

1. DE LEÓNIDAS [DE TARENTO]

De navegar é o momento. Já a andorinha tagarela
está de volta, e com ela o agradável Zéfiro;
os prados estão em flor e enfim silenciado mar,
antes com vagas agitadas pelo açoite do vento.
Por isso, recolhe as âncoras e liberta as amarras,
marinheiro, e navega com a vela toda içada.
Sou eu, Priapo, o guardião dos portos¹, quem te ordena,
meu caro, a navegar por todos os mercados.

2. DE ANTÍPATRO DE SÍDON

Chegou o momento de viajar para o navio veloz; o mar já não
se veste de púrpura, sulcado por tremente ondulação²;
a andorinha já vai fazendo os seus ninhos debaixo dos beirais
arredondados, e sorri a vegetação delicada dos prados.
Por isso, enrolai as amarras humedecidas, marinheiros,
soltaí as âncoras dos seus esconderijos dos portos
e hasteai as velas bem tecidas. Sou eu, Priapo em pessoa,
o deus dos portos filho de Brómio³, quem vo-lo diz.

3. ANÓNIMO

Para o Hades a descida é a pique, seja a partida de Atenas
ou, depois de morto, para lá vás desde Méroe⁴.

¹ Os epigramas 10.1-9 e 10.14-16 constituem exortações do deus Priapo – a quem Leónidas parece ter sido o primeiro a atribuir essa função – à navegação e ao comércio. Sobre Priapo como patrono dos marinheiros vd. também 6.33, 89, 192, 193 e 196.

² Cf. o símile de *Iliada* 7.63.

³ Dioniso, de quem Priapo era considerado filho em Lâmpsaco (cf. Pausânias 9.31.2; Estrabão 13.587c). Outros mitógrafos, como Higino (*Fábula* 160), consideram-no filho de Hermes.

⁴ Nome de um lago e da capital da Etiópia, significando aqui

Não te aflijas, por isso, em poder morrer longe da pátria:
seja onde for, um mesmo vento leva ao Hades.

4. DE MARCO ARGENTÁRIO

Solta as longas amarras dos navios bem ancorados,
hasteia as velas de fácil içar e lança-te ao mar,
comerciante! Já se foram as tempestades, as vagas
de cor garça o Zéfiro de doce sorrir as acalma;
a andorinha, boa progenitora, com o bico chilreante
constrói já o seu ninho com lama e palha,
e as flores elevam a cabeça da terra. Tu, confiado
em Priapo, lança-te a toda e qualquer viagem.

5. DE TIILLO

Já as andorinhas fazem de lama os ninhos, já o Zéfiro
insufila de vento suave as velas delicadas,
já os prados se enchem de flores sobre as suas folhas
e o estreito agitado murmura silencioso.
Enrolai as amarras, puxai as âncoras para dentro
dos navios e hasteai a vela por completo.
Isto vos aconselho, eu, Priapo, o deus dos portos,
a vós que navegais por razões de negócio.

6. DE SÁTIRO

Já a húmida brisa do Zéfiro que cria a relva
cai gentil sobre os prados floridos
e as filhas de Cécrops⁵ cantam; o mar calmo

simplesmente o limite do mundo.

⁵ I.e. “atenienses”, referindo-se a Procne e Filomela, as filhas de Pandión (e netas de Ericciónio, rei lendário de Atenas). Segundo a versão mais divulgada do mito, Filomela foi violada por Tereu, seu cunhado e rei da

sorri, sem medo dos ventos gelados.
 Ide pois, corajosos marinheiros, soltai as amarras
 e hasteai bem as pregas das vossas asas⁶.
 Ide onde o negócio chama, confiados no amável Priapo,
 ide pois, obedientes ao deus dos portos!

7. DE ÁRQUIAS

Sobre este rochedo batido pelas ondas me colocaram, a mim,
 Priapo, os marinheiros, como guarda do estreito da Trácia,
 os que, chamando-me, muitas vezes voei a socorrer,
 estrangeiro, levando à sua popa um Zéfiro delicado.
 Por isso – é de justiça – nunca háis de ver o meu altar falho
 de gordura dos sacrifícios nem de coroas de primavera,
 mas sempre perfumado e fumegante – nem uma hecatombe⁷
 agrada mais aos deuses que a honra que lhes é devida.

8. DO MESMO

Eu, um Priapo de aspeto humilde, habito este paredão
 à beira-mar, sem causar medo sequer às gaivotas,
 cabeça aguçada e sem pés, como num promontório deserto
 me podiam ter talhado os filhos de pescadores pobres.

Trácia, casado com a sua irmã Procne. Para impedir Filomela de denunciar a violência sofrida, Tereu cortou-lhe a língua. Ainda assim, Filomela conseguiu informar a irmã do sucedido, bordando uma mensagem numa tela. Ao saber do crime do marido, Procne matou o filho do casal, Ítis, e serviu a sua carne a Tereu. Para escapar à perseguição de Tereu, as duas pediram ajuda aos deuses, que as transformaram em pássaros: Filomela em rouxinol, Procne em andorinha (em alguns autores o inverso), e Tereu em poupa. Cf. Apolodoro 3.14.8, Ovídio, *Metamorfoses* 4.424-674.

⁶ As velas do navio, como em Hesíodo, *Trabalhos e Dias* 628, entre outros.

⁷ Um sacrifício de 100 reses.

Porém, se algum pescador de linha ou de rede me suplica
por auxílio, acorro mais rápido do que o vento.
E vigio tudo quanto corre sobre as ondas – pelas obras e não
pelas formas se conhece o carácter dos deuses.

9. ANÓNIMO

Este pequeno Priapo escondido que sob um lentisco se oculta,
equipando o vosso pequeno batel com estes ramos
(vamos, lançai as vossas redes!) e apanhando bastantes
bogas e peixes-papagaio, já sem contar os sáveis⁸,
honrai com pequena parte do vosso vasto butim o deus glauco
que se ergue neste matagal e vos assinala a presa.

10. DE ÁRQUIAS, O JOVEM

A mim, Pá, sim, a Pá, o protetor destes portos de firme
ancoragem, nesta falésia sagrada me colocaram
os pescadores – preocupo-me umas vezes com as redes,
outras com os que as lançam ao longo da praia.
Navega ao largo, estrangeiro! Em troca desse favor⁹,
à tua popa enviarei um vento do sul¹⁰ propício.

11. DE SÁTIRO

Quer percorras as montanhas com cola espalhada
nas canas para apanhar aves¹¹ ou mates lebres,

⁸ Não é fácil a correspondência das espécies de peixes referidas no texto grego.

⁹ I.e., o de não profanar a estátua.

¹⁰ O vento do sul, menos frequentemente personificado, era o Noto.

¹¹ Vd. nota a 6.109.6. O último verso do epigrama parece sugerir que estas canas embebidas em cola eram montadas em altura para formar uma espécie de pirâmide.

invoca Pã. Pã mostra ao cão as pegadas do pé peludo¹²;
 Pã eleva o andaime das canas em equilíbrio.

12. ANÓNIMO

Debaixo deste zimbro vinde, caminhantes, descansar um pouco
 as pernas, junto a este Hermes que guarda o caminho;
 não qualquer um, mas quantos têm os joelhos cansados por duro
 trabalho ou têm sede ao cabo de uma longa caminhada.
 Há aqui uma brisa, um assento à sombra e, debaixo do rochedo,
 uma fonte adormecerá o cansaço que dos vossos membros.
 Então, escapando ao meio-dia ao sopro da canícula estival¹³,
 como é justo honrai a Hermes, senhor dos caminhos.

13. DE SÁTIRO

Que beleza estes loureiros, que beleza a água que jorra
 a seus pés e o bosque cerrado que dá sombra,
 frondoso, atravessado pelos Zéfiro, refúgio dos caminhantes
 contra a sede, o cansaço e as labaredas do sol.

14. DE AGÁTIAS O ESCOLASTA

A maré está calma e azulada; o vento não branqueia
 as ondas, sulcadas por tremente ondulação¹⁴,
 as ondas já não rebentam sobre as rochas, remetindo
 de novo para ser engolidas pelo mar alto.
 Os Zéfiro sopram, anda a andorinha a chilrear
 enquanto faz o ninho com palha colada.

¹² Perífrase para designar uma espécie de lebre com essa característica.

¹³ Constelação do pico do verão, o período de máximo calor.

¹⁴ Empréstimo do núm. 10.2.2 (de Antípatro). O epigrama retoma o tema inicial do livro, desta feita com os componentes retirados do ciclo de Agátias (núms. 6.14-16).

Coragem, experimentado marinheiro, viajes tu
 ao longo de Sirtes ou das costas da Sicília!
 Tão só, nos altares de Priapo, deus dos portos,
 queima uns bogas ou peixes-papagaio¹⁵.

15. DE PAULO SILENCIÁRIO

Já abre aos Zéfiro o seu seio oculto a graça dos belos
 prados da primavera que encanta o coração;
 os barcos já rolaram sobre cilindros de madeira,
 assim arrastados da praia para o mar alto.
 Inflai as velas e parti sem medo, marinheiros, a trocar
 as mercadorias do vosso comércio pacífico.
 Sou fiel aos navios, eu, Priapo, orgulhoso de Tétis
 ter sido outrora hospedeira de meu pai Brómio¹⁶.

16. DE TEETEO O ESCOLASTA

Já o prado verdejante em fecunda gestação
 floresce cravejado de botões de rosa;
 sobre os ramos dos ciprestes alinhados a cigarra,
 ébria de música, encanta o ceifeiro,
 e a andorinha, devota mãe que constrói a casa sob as cornijas,
 acolhe os seus filhotes em ninhos feitos de barro.
 O mar dorme, espalhando a tranquilidade da bonança cara
 aos Zéfiro pelo seu dorso que transporta os navios;
 já não se abate violentamente sobre a extremidade da popa,
 nem vomita a espuma das ondas ao rebentar na praia.
 Marinheiro! Para Priapo, senhor dos mares e garante de bom porto,

¹⁵ As mesmas espécies do núm. 10.9.4.

¹⁶ Cf. supra. núm. 6.2.8, com nota. O último dístico alude ao asilo que Tétis teria oferecido a Dioniso quando este fugia de Licurgo (cf. *Iliada* 5.135-137).

queima nos seus altares um prato florido de calamares
ou salmonetes, ou então uma boga dotada de voz¹⁷,
e atravessa sem medo os limites do mar Iónio.

17. DE ANTÍFILO

Afortunado deus do porto! Com brisa favorável envia a vela
de Arquelau que vai partir sobre um mar calmo
até aos domínios de Tritão¹⁸. E tu, senhor dos promontórios
da costa¹⁹, guia a minha expedição até à Pítia²⁰;
daí – se nós, todos os poetas, de facto importamos a Febo –
hei de navegar confiado no sopro favorável do Zéfiro.

18. DE [MARCO] ARGENTÁRIO

Góbris²¹! Oxalá Dioniso, a amável Cípris
e as doces Musas das letras te deleitem!
Das últimas colhe a sabedoria; da segunda, avança rumo
aos amores; do primeiro, bebe as taças que ele ama.

19. DE APOLÓNIDES

A primeira doce colheita das tuas faces, corta-a hoje
mesmo, e os jovens caracóis do teu queixo,

¹⁷ Opiano (*Haliêuticas* 1.134-135) mencionava o som que produzia esta espécie.

¹⁸ I.e. o mar alto.

¹⁹ Mantém-se o tema da invocação a divindades marinhas – também nos núms. 10.21, 24 e 25 – da série anterior. No caso concreto do epigrama, são referidos o mesmo Priapo (“deus do porto”) e outra divindade não identificada no v. 3.

²⁰ Até Delfos.

²¹ Nome masculino de origem persa.

Gaio! O teu pai Lúcio²² receberá nas mãos esse buço
 que dedicou, que há de crescer por muitos sóis.
 Oferendas de ouro hão de fazer-te, e eu, elegias alegres:
 mas a Musa em nada é inferior à riqueza!

20. DE ADAIO²³

Se calhas de ver um jeitoso, não estejas com meias medidas:
 diz o que pensas, e colhe-lhe nas mãos os testículos.
 É que se lhe dizes “Estimo-te muito, serei um irmão para ti!”,
 a tua vergonha fechará o caminho que leva ao sucesso.

21. DE FILODEMO

Cípris tranquila, protetora das noivas, Cípris aliada
 dos justos, Cípris mãe dos Desejos de pés velozes,
 Cípris! Salva-me, meio-arrancado aos leitos nupciais
 cor de açafraão, de alma gelada pelas neves da Gália²⁴,
 a mim, Cípris, o pacífico que a ninguém diz disparates,
 agora arrastado pelo teu mar cor de púrpura;
 Cípris, senhora dos desembarques e dos ritos amorosos,
 salva-me, Cípris, para o porto da minha Náíade²⁵.

²² O mesmo tema e provavelmente o mesmo protagonista dos núms. 6.198 (de Antípatro de Tessalónica), 241, 249, 335 e 10.25. O indivíduo referido no v. 4 deve ser Lúcio Calpúrnio Pisão Frugo, cônsul em 15 a.C. e mecenas de ambos, Apolónides e Antípatro.

²³ Variação de *AP* 12.42 (de Dioscórides).

²⁴ A viagem, e detalhes como estas “neves da Gália”, devem ser metafóricos do afastamento do sujeito da sua amada, provavelmente uma cortesã. Sobre este epigrama, muito comentado, vd. Falivene (1983: 129-142) e Sider (1987: 316-317).

²⁵ O poeta considera a amada a sua Náíade, uma ninfa aquática, ou por esse nome podia dita cortesã ser conhecida.

22. DE BIANOR

Não caminhes de pés descalços pela vereda da floresta
do Egito; evita as serpentes de olhar penetrante,
caçador em busca de canas²⁶! E tem cuidado com a seta²⁷
que vem da terra, na pressa de caçar aves com o arco.

23. DE AUTOMEDONTE

Nicetas²⁸, qual brisa ligeira sobre as adriças,
começa a falar com tom comedido.
Mas quando sopra forte e as velas se abrem todas,
com a tela apertada corre pelo meio do mar,
qual navio carregado, até chegar ao termo do discurso,
abordando facilmente os portos sem ondas.

24. DE CRINÁGORAS

Espírito sagrado do grande Agitador da Terra²⁹, sê propício
também aos outros que cruzam o mar Egeu!
Tal como a mim, quando o vento me arrastou à Trácia,
gentilmente me concedeste o porto ansiado.

²⁶ Para fazer flechas, armadilhas ou mesmo flautas.

²⁷ A palavra significa “seta” e “veneno”. O poeta faz uma advertência aos perigos terrestres (de outros caçadores, dos inimigos em geral), ignorados por andar com o olhar nas aves do céu.

²⁸ Provavelmente Nicetas de Esmirna, orador do final do século I d.C. A metáfora náutica é a única explicação para a inclusão do epigrama neste ponto.

²⁹ Posídon.

25. DE ANTÍPATRO [DE TESSALÓNICA]

Febo³⁰, guardião do porto da Cefalónia, habitante da praia
de Panormo, de frente para a rochosa Ítaca³¹!
Concede-me chegar à Ásia nos braços de maré propícia
no barco longo em que acompanho Pisão³²,
e que o nosso bravo imperador³³ o favoreça,
tal qual favorece estes meus versos.

26. DE LUCIANO

Goza das tuas possessões como se estivesses para morrer,
mas poupa o que tens como se vivesses para sempre!
Sábio é o homem que, consciente de ambos princípios,
entre a poupança e o esbanjamento encontrou a medida.

27. DO MESMO

Aos homens poderás até escapar caso faças algo errado,
mas aos deuses não escaparás, nem que só o penses.

28. DO MESMO

Para os afortunados, uma vida inteira sabe a pouco;
para os infelizes, uma só noite é tempo sem fim.

³⁰ Apolo.

³¹ Segundo Artemidoro de Éfeso, Ítaca estaria a doze estádios a sul do porto de Panormo, na Cefalónia.

³² O mesmo indivíduo referido nos núms. 6.198, 241, 249, 335 e 10.19. Díon Cássio (54.34.6) conta como, numa viagem a Panfília, província da Ásia, uma tempestade o fez fazer escala na Cefalónia.

³³ Augusto.

29. DO MESMO

Não é Eros quem engana a raça dos mortais. Ao invés,
para as almas dos depravados Eros é desculpa.

30. ANÓNIMO³⁴

A gratidão rápida é sempre mais doce; mas se tarda,
toda a gratidão é vazia, e já nem dá pelo nome de gratidão.

31. DE LUCIANO

Mortal é tudo quanto é dos mortais, e tudo nos passa ao lado;
de contrário, somos nós que lhes passamos ao lado.

32. [DE PÁLADAS]

Há muita coisa entre a taça e a ponta dos lábios³⁵.

33. ANÓNIMO

É nobre sempre falar bem de todos; falar mal é vergonhoso,
mesmo se eles merecem o que deles dizemos.

34. DE PÁLADAS

Se preocupar-se vale a pena, então inquieta-te e preocupa-te.
Mas se o deus³⁶ se preocupa por ti, a ti que te preocupa?
Não fosse pelo deus, não te inquietarias nem te preocuparias;

³⁴ Planudes atribui também este epigrama a Luciano.

³⁵ O provérbio é bastante antigo, citado entre outros por Ateneu (9.478e). O escoliasta à *Odisseia* (22.9) relaciona-o com a cena em que Antínoo é morto por uma flecha quando leva aos lábios uma taça de vinho.

³⁶ Ou “Deus”. Vd. Introdução.

que algo te preocupe – isso sim preocupa ao deus.

35. DE LUCIANO

Se és feliz és querido pelos mortais e querido pelos imortais,
e com facilidade escutam estes as tuas preces.
Se caís no azar, então ninguém é teu amigo, antes tudo vai
estar contra ti, oscilando ao sabor da Fortuna.

36. DO MESMO

Nada mais pernicioso entre os homens a natureza inventou
do que um homem que finge amizade verdadeira;
não nos guardamos dele como inimigo, antes o amamos
como amigo e assim conseguimos mais sofrimento³⁷.

37. DO MESMO

Resolução de pés lentos é de longe melhor; a rápida,
traz sempre de arrasto o arrependimento.

38. [DE TÍMON]

Há tempo para amar, tempo para casar e tempo para descansar³⁸.

39. ANÓNIMO

Grande tesouro é um bom amigo, Heliodoro,
para aquele que sabe conservá-lo.

³⁷ Muito semelhante ao núm. 10.121 (de Raro ou Páladas).

³⁸ Ateneu (7.281e) informa que o verso se refere a Dionísio de Heracleia, filósofo estoico que, depois de velho, se tornou epicurista.

40. [DE TEÓGNIS]

Jamais abandones amigo presente em busca de outro,
convencido pelas palavras de gente malvada.

41. DE LUCIANO

A riqueza da alma é a única riqueza verdadeira;
as restantes, mais preocupação que lucro.
É justo dizer que tem muitas riquezas e é afortunado
o homem que sabe fazer uso dos seus bens.
Já aquele que se perde com contas, desejando sempre
acumular riquezas uma sobre a outra,
como a abelha nas colmeias de muitos alvéolos,
trabalhará para que outros recolham o mel.

42. DO MESMO

Põe um selo na tua língua para as palavras indizíveis:
melhor guardar o discurso do que a riqueza!

43. ANÓNIMO

Seis horas de trabalho são mais que suficientes; as seguintes,
expressas em letras dizem aos mortais VIVE³⁹.

44. [DE PÁLADAS]

Se um amigo recebe algo, logo vos escreve *domine frater*.
Mas se não recebe nada, diz apenas *frater*.

³⁹ O imperativo “VIVE”, em grego (ZHΘI), é formado pelas letras que representam os números “que se seguem [ao seis]”, i.e., 7, 8, 9 e 10.

Mesmo estas palavras estão à venda! Pela minha parte,
dispenso o *domine*, pois nada tenho para dar⁴⁰.

45. DO MESMO

Se te lembrasses, homem, o que teve que fazer teu pai
para te engendrar, acalmarias a tua arrogância.
Foi Platão, esse sonhador, quem te encheu de fumo,
dizendo que és imortal e um rebento dos céus.
Do barro⁴¹ nasceste – porquê essa soberbia? Isso poderia
dizer-se, para embelezar um pouco a coisa.
Mas se buscas a razão verdadeira, sabe que nasceste
do deboche licencioso e de uma gota impura.

46. DE PÁLADAS

A grande sabedoria entre os homens é o silêncio;
isso testemunha o sábio Pitágoras em pessoa,
ele que, sabendo falar, ensinava os outros a calar,
encontrando o eficaz elixir da tranquilidade.

47. DO MESMO

Come e bebe, calando o sofrimento; não é correto
chorar com o estômago um morto, dizia Homero⁴².
Até Níobe, que enterrou de uma vez os doze filhos mortos,
no-la mostra ele⁴³ preocupada com o alimento.

⁴⁰ Páladas, bem ao seu estilo, joga com as palavras. Transliterando para grego a expressão latina (lit. “senhor meu irmão”), brinca com a semelhança entre “domine” e o grego *domenai* (“para dar”).

⁴¹ O termo (*pêlos*) da tradição bíblica, já frequente entre os Gregos, desde logo Platão (*Protágoras* 320A).

⁴² *Iliada* 19.225.

⁴³ O exemplo que Aquiles dá a Príamo para o incitar a comer com ele antes de recolher o cadáver de Heitor (*Iliada* 24.600 sqq.).

48. DO MESMO

Jamais mulher de servir se transforme em patroa,
 diz o provérbio. Algo parecido direi eu:
 jamais um fulano que foi advogado se torne juiz,
 nem que seja melhor orador que Isócrates⁴⁴.
 Como pode o que trabalha por dinheiro, sem mais honra
 que uma meretriz, julgar sem ser de forma vil?

49. DO MESMO

Dizem que até a formiga e o mosquito têm em si cólera.
 Se têm cólera até os mais insignificantes animais,
 como me pedes tu que suporte tudo sem ter cólera,
 que nem responda com simples palavras a quantos
 me ultrajam com seus atos? Seria preciso não respirar,
 tapando-me a boca com junco para o resto da vida.

50. DO MESMO

Não acredito que Circe, tal qual como disse Homero,
 transformasse em porcos e em lobos os homens
 que dela se acercassem; era mas é uma meretriz astuta
 que volvia miseráveis os que mordiam o isco;
 privando-os da razão que é característica dos homens,
 quando por si mesmos já nada podiam fazer
 alimentava-os em casa como aos animais sem razão.
 Mas Ulisses, esperto para evitar esse erro da juventude,
 inflado de razão pela própria natureza, não por Hermes,
 tinha o remédio para lutar contra o encantamento.

⁴⁴ Orador ateniense dos séculos V-IV a.C., considerado o pai da oratória.

51. DO MESMO

Melhor causar inveja que piedade, segundo Píndaro⁴⁵.

Os que invejamos levam uma vida brilhante,
e temos piedade dos muito miseráveis. Pela minha parte,
não seja eu nem muito feliz nem digno de pena.
O meio-termo é o melhor, já que há perigos em subir
muito alto, e vergonha em descer muito baixo.

52. DO MESMO

Bem dizias tu, Menandro, que a Ocasão era um deus⁴⁶,
como indivíduo inspirado pelas Musas e pelas Graças;
é que, muitas vezes, melhor solução que o excesso de reflexão
encontra o pensamento oportuno que chega por si.

53. DO MESMO

Quando vejo a felicidade que têm os assassinos,
não me espanto – é presente de Zeus.
Com toda a raiva que tinha por seu pai, ele próprio
o teria matado, calhasse Cronos ser mortal.
Em vez de o matar, com a mesma sorte dos Titãs o castigou,
lançando-o, acorrentado como um ladrão, para o poço⁴⁷.

54. DO MESMO

Nem só a magreza causa a morte; muitas vezes também
a obesidade em excesso tem o mesmo efeito.

⁴⁵ *Pítica* 1.85.

⁴⁶ *Sentenças* 738, cit. Cícero, *Cartas a Ático* 1.12.1.

⁴⁷ I.e. para o Tártaro. A tradição apenas atribui tal sorte aos Titãs, calando quanto aos detalhes do destino de Cronos. Cf. Hesíodo. *Teogonia* 717 sqq., 729 sqq.; Apolodoro 1.2.1-2.

Dionísio⁴⁸, o que foi tirano de Heracleia, no Ponto,
é disso testemunha, tendo dela sido vítima.

55. DO MESMO

Se te vanglorias de não estar submetido aos caprichos
da tua mulher, disparate! Não és feito de carvalho
nem de pedra, como se diz; e, como nos toca a muitos
ou quase todos, também te domina a patroa!
Se me dizes “ela não me dá com o chinelo, nem preciso
fechar os olhos a mulher desavergonhada!”,
digo que é moderada a tua servidão, pois vendeste-te
a senhora sensata e não demasiado severa.

56. DO MESMO

Não existe um sinal evidente de castidade;
isto digo eu aos maridos enganados.
Nem a feiosa está de todo livre de suspeita,
nem toda a beldade há de ser descarada.
Uma não cede aos que pela sua beleza a cobrem
de presentes, e vemos muitas das outras que,
sem ser belas, são insaciáveis no que toca a prazeres
e para os que as pretendem são só favores.
– Nem se franze as sobrancelhas, se nunca é vista
a sorrir e evita mostrar-se aos homens
é esta conduta garantia de castidade? – Ao invés,
a mais austera pode ser devassa às escondidas,

⁴⁸ Primeiro tirano da cidade, fundada em 560 a.C. pelos Megaren-
ses. A anedota é contada por Ateneu (12.549a-c) e Eliano (*História Vária*
9.13).

e as alegres e simpáticas com todos podem ser
castas, tanto quanto pode uma mulher ser casta.
– A idade, enfim, tudo resolve? – Se nem a velhice
traz consigo o acalmar das flechas de Afrodite!
– Nas juras, ao menos, podemos confiar! – Depois da jura,
ela vai em busca de doze deuses novos.

57. DO MESMO

Deus maldiga o estômago e os alimentos do estômago!
Por estas coisas se deita a perder a castidade.

58. DO MESMO

Nu pisei esta terra, e nu para debaixo dela hei de ir!
Para quê sofrer, se vejo que nu será o meu fim?

59. DO MESMO

A espera pela morte é uma agonia dolorosa,
e dela se livra um mortal quando perece.
Não chores por isso pelo que parte desta vida:
depois da morte, não há outro sofrimento.

60. DO MESMO

Tu és rico? E depois? Quando partires, acaso vais levar
contigo a riqueza, uma vez dentro da urna?
Gastas tempo para acumular riqueza, mas não consegues
aumentar a medida da vida que te foi destinada.

61. DO MESMO

Evitai os novos-ricos, desavergonhados, tiranos caseiros
que odeiam a pobreza, mãe da temperança.

62. DO MESMO

A Sorte não conhece razão nem lei, escraviza os mortais,
 arrasta sem sentido pelos seus próprios caminhos;
 Tende a favorecer os injustos e detesta os que são justos,
 como que para mostrar a cegueira do seu poder.

63. DO MESMO

Não tendo vivido nunca, um homem pobre não morre;
 fingindo que vive, o desgraçado estava já morto.
 Quanto aos que gozam de boa sorte e muitas riquezas,
 esses sim têm na morte o final da sua vida.

64. DE AGÁTIAS O ESCOLASTA

Onde está agora essa arrogância altiva? Para onde debandou,
 de repente, o enxame de aduladores que te rodeava?
 Agora partes para o exílio, longe da cidade⁴⁹; e aos que antes
 te dirigiam súplicas, a Sorte deu-lhes razão⁵⁰ contra ti.
 Muitas graças para ti, ó Sorte, gloriosa artista, que com todos
 sempre jogas de igual forma, e com isso nos divertimos.

65. DE PÁLADAS

Perigosa viagem, a vida! Suportando nela tempestades
 sem fim, caímos mais desgraçados que naufragos;
 com a Sorte como único timoneiro da nossa existência,
 navegamos à deriva como estando em alto mar,

⁴⁹ Constantinopla.

⁵⁰ Lit., “o voto”. Trata-se de um antigo juiz arruinado.

uns levados por bom vento, outros não. Porém,
chegamos todos ao mesmo ancoradouro debaixo da terra.

66. DE AGÁTIAS O ESCOLASTA

Quando alguém passa da pobreza à riqueza e ao poder,
não mais reconhece o que foi no passado.
Rejeita as amizades de antes e, em toda a sua insensatez,
não se dá conta do jogo escorregadio que é a Sorte.
Foste antes um pedinte desgraçado; tu, que mendigavas
uma côdea de pão, já não queres ajudar os outros.
Tudo muda, meu amigo, para os mortais! Tens dúvidas?
Volta a ser mendigo, e tira a prova por ti mesmo!

67. DO CÔNSUL MACEDÓNIO

Lembrança e Olvido, muito bem-vindos! A Lembrança
para as coisas boas, o outro, para as desgraças.

68. DE AGÁTIAS

O ideal é ter espírito avesso ao sexo! Mas se tiver que ser,
não deixeis que vos confunda o amor por rapazes⁵¹.
Amar mulheres é um mal menor, uma vez que a natureza
todo-poderosa as talhou para os jogos de Cípris.
Vede também a raça dos animais sem razão: nem um
só entre eles viola as leis da união das espécies,

⁵¹ A recusa total do amor homossexual chegou a ser um tópico da epigramática erótica helenística e bizantina, pelo menos desde Meleagro (*AP* 5.208). No caso de Agátias, parece evidente o teor cristão da sua postura, ele que, noutro epigrama (*AP* 5.278), além de voltar a repudiar o amor entre homens, considera a própria relação heterossexual uma “ofensa” ou “pecado” (v. 5). Vd., a propósito, McCail (1971: 205-267).

isto é, que o macho se una à fêmea. São os desgraçados dos homens que entre si fazem estranhas uniões.

69. DO MESMO

Porque temeis a morte, mãe que gera o descanso,
 cessa as doenças e as chagas da pobreza?
 Uma só vez ela visita os mortais, e jamais mortal
 algum a viu chegar por segunda vez.
 As doenças, muitas e variadas; e uma após outra
 visitam os mortais, sempre mudando.

70. DO CÔNSUL MACEDÓNIO

Se as Esperanças, companheiras da Sorte, brincam com a vida dos mortais, caprichosas em conceder todos os favores, sou seu brinquedo, humano que sou – sei que sou humano, e sou por isso mortal. Sendo brinquedo das longas esperanças, de bom grado aceito ser enganado, recuso ser, no julgamento das minhas próprias causas, um severo Aristóteles, e guardo dentro do peito aquele conselho de Anacreonte, que convém manter-se afastado da preocupação⁵².

71. DO MESMO

Rio ao ver o jarro⁵³ de Pandora, e não me atrevo a censurar

⁵² Anacreonte, *Elegias* 5A; *Anacreonteia* 38.16.

⁵³ Um “jarro” de vinho, não uma caixa, o que pode denunciar uma contaminação com o mito dos dois jarros onde Zeus guardara os bens e os males (*Iliada* 24. 517 sqq.). O poeta brinca com a versão hesiódica do mito (*Trabalhos e Dias* 90-104), considerando que foram os Bens que se libertaram, não os Males, e recusaram cair sobre os mortais. Pandora é assim ilibada – apenas teria libertado os Bens para que deles gozasse a humanidade – e, no último dístico, volve-se símbolo da humanidade inteira, que privada desses bens apenas pode envelhecer sem quaisquer esperanças.

essa mulher, mas o facto de os Bens terem asas.
Como voaram para o Olimpo após visitar os recantos
todos da terra, deviam ter caído sobre a terra.
E essa mulher, ao retirar a tampa, pálida se tornou
e perdeu o encanto das graças que tinha.
A vida sofreu duplo prejuízo: resta apenas a mulher
envelhecida, e o jarro, esse, nada contém.

72. DE PÁLADAS

A vida é um teatro e um jogo: ou bem aprendeis a jogar,
pondo a seriedade de lado, ou suportais as dores.

73. DO MESMO

Se o que te domina te leva, leva-o bem e deixa-te levar⁵⁴; se
[te enfureces
e atormentas, o que te domina leva-te mesmo!

74. DE PAULO SILENCIÁRIO

Não te iluda o brilho da sorte de muitas riquezas,
nem a preocupação vergue a tua liberdade.
Toda a vida é sacudida por ventos de inconstância,
que sempre a arrastam daqui para ali;
só a virtude é firme e constante, e apenas por ela
cruzas sem medo as vagas do mar da vida.

⁵⁴ Jogo verbal caro a Páladas, no caso com o mesmo verbo *phero* (“levar”), sobre a inevitabilidade do destino. Literalmente, o original diz “se o que te leva (i.e. te domina) te leva (i.e. arrasta), leva-o (i.e. suporta-o) e sê levado”.

75. DE PÁLADAS

Respirando pelas narinas um fio de ar delicado
 vivemos, contemplando a luz do sol,
 quantos vivemos esta vida; somos simples órgãos
 que recebem sopros de brisas vivificantes.
 Se alguém com a mão nos limita esse ar frágil,
 rouba-nos a vida e manda-nos para o Hades.
 Nada que somos, alimentamo-nos de orgulho,
 nós que de um fio de ar nos mantemos.

76. DE PAULO SILENCIÁRIO

A vida em si não é motivo de prazer, mas sim arrancar
 do peito os cuidados que branqueiam o cabelo.
 Riqueza, só desejo a necessária; o cuidado em excesso
 em conseguir ouro sempre oprime o coração.
 Por isso, vê que para os mortais muitas vezes é preferível
 a riqueza à pobreza, como a morte à vida.
 Sabedor disso, traça a direito os caminhos do teu coração,
 vislumbrando uma só esperança, a sabedoria.

77. DE PÁLADAS

Porque sofres em vão, homem, e a tudo tens que dar voltas,
 se és de nascença escravo da sorte que te tocou?
 Resigna-te, pois, às evidências, e não lutes contra esse deus;
 aceitando o teu destino, goza de tranquilidade.
 Esforça-te mas é, mesmo contra a sorte – se for possível –
 em guiar a tua alma agradada rumo à felicidade.

78. DO MESMO

Afasta queixas e inquietudes, breve que é o tempo daqui

comparado com todo aquele que há após esta vida.
Antes de seres carne para vermes e seres lançado à tumba,
não castigues uma alma já condenada por viver.

79. DO MESMO

Renascemos a cada noite que se vai, um dia atrás do outro,
nada conservando da nossa existência anterior,
e, estranhos ao caminho que percorremos no dia de ontem,
começamos hoje mesmo o resto das nossas vidas.
Não digas por isso, ancião, que já tens anos em demasia:
os que já passaram, hoje já não te pertencem.

80. DO MESMO

Um joguete da Sorte a vida dos mortais, lamentável, vagabunda,
oscilando sempre entre a riqueza e a pobreza.
Uns que tinha afundado, de novo os eleva, como uma bola,
ao passo que outros, das nuvens, os afunda no Hades.

81. DO MESMO

Ai, que curtos os prazeres da vida!
Chorai a fugacidade do tempo!
Não importa se sentados ou a dormir,
a sofrer ou alegres, o tempo corre,
corre contra nós, infelizes mortais,
trazendo o fim da vida de cada um.

82. DO MESMO

Estaremos nós já mortos, só parecendo viver,
nós, homens Helenos caídos em desgraça
tomando um sonho como sendo a vida?

Ou será que vivemos, e a vida sim já morreu?⁵⁵

83. DO MESMO

Para o rico, até a inteligência é dificuldade, problema, necessidade,
[uma cintura de muitas cores, como a falta de adutores]⁵⁶

84. DO MESMO

A chorar eu nasci, e a chorar hei de morrer;
entre muitas lágrimas levei a vida toda.
Ó muito chorosa raça humana, fraca, digna de pena,
arrastada pela terra e logo dissolvida.

85. DO MESMO

Todos estamos guardados e somos mantidos para a morte,
qual vara de porcos indistintamente degolados.

86. DO MESMO

Sem luxos, é certo, mas ainda assim até eu crio
crianças, uma esposa, um escravo, aves, um cão:
é que jamais um adutor pisou a minha casa.

⁵⁵ Pode este epigrama, junto com os núms. 10.89, 90 e 91, aludir às medidas tomadas contra os pagãos em 391, desde logo a destruição do Serapeu de Alexandria. Sobre a polémica do cristianismo em Páladas vd., dos vários estudos a propósito, Bowra 1959 e Cameron 1965. Wilkinson 2009, que rebaixou recentemente a datação do poeta – colocando o seu *floruit* entre 259-330 –, considera antes haver referência a ações de Constantino I, nomeadamente a derrota infligida a Licínio, imperador coetâneo do ocidente, na Batalha de Adrianópolis (324).

⁵⁶ O texto do segundo verso está muito corrupto, não tendo ainda conseguido correção suficientemente clara.

87. DO MESMO

Se não nos rirmos desta vida que nos escapa
e da Sorte que flui na corrente, qual prostituta,
sempre causamos a nós mesmos sofrimentos,
vendo que são indignos os mais afortunados.

88. DO MESMO

O corpo é o flagelo da alma, inferno, Moira, fardo, necessidade,
o seu poderoso grilhão e o castigo de torturas.
Mas quando se liberta do corpo, como dos grilhões
da morte, foge para o seu deus imortal.⁵⁷

89. DO MESMO

Se a Fama é uma deusa, também ela deve agora ter-se enfurecido
com os Helenos, enganando-os com palavras mentirosas.
A Fama, se algo mau sofres, num ápice se revela ser verdadeira;
muitas vezes, porém, o arrebatamento antecipa a Fama.

90. DO MESMO

Ai, maldade imensa da inveja:
odeia-se o feliz que o deus ama.
Assim, insensatos, somos arrastados pela inveja,
assim nos prestamos a ser escravos da loucura.
Nós, homens Helenos reduzidos a cinzas⁵⁸,
temos as esperanças enterradas dos mortos:
todas as nossas coisas estão agora reviradas.

⁵⁷ A noção do corpo como grilhão da alma, antes de ser cristã, é de influência pitagórica e platónica.

⁵⁸ Vd. nota ao núm. 10.82

91. DO MESMO

Quem odeie um homem que o deus ame,
 esse demonstra imensa insensatez:
 pois enfrenta claramente o próprio deus,
 recebendo cólera imensa dessa inveja.
 Sim, há que amar aquele que o deus ama.

92. DO MESMO

Já que ditas sentenças e és hábil em discursos,
 trago-te também eu este epigrama elevado
 do meu rouxinol, digno da tua franqueza:
 pois o que te canta derrama hinos da Justiça.

93. [DO MESMO]

É preferível suportar a Sorte rigorosa
 à arrogância dos ricos.

94. DO MESMO

Estou em crer que também deus é filósofo,
 pois não se irrita com as blasfêmias
 antes, com o tempo, aumenta os castigos
 dos miseráveis e desgraçados mortais.

95. DO MESMO

Detesto o indivíduo de duplo caráter,
 simpático nas palavras, hostil nos atos.

96. DO MESMO

Quando reflito e examino a realidade,
 as mudanças inesperadas da vida

e o curso enganador da Sorte inconstante,
como torna ricos os que eram pobres
e despoja de riquezas os que as tinham,
então, desconcertado com esta tolice,
odeio tudo graças à sua incerteza.
De que modo posso eu vencer a Sorte,
que da incerteza sempre surge na vida
detentora dos modos de uma prostituta⁵⁹?

97. DO MESMO

Tendo vivido um punhado⁶⁰ de anos com a laboriosa gramática,
como senador dos mortos sou enviado ao Hades.

98. [DO MESMO]

Todo o ignorante se mostra muito sábio quando fica em silêncio,
ocultando o discurso como a mais vergonhosa das doenças.

99. DO MESMO

Muitas vezes, Sexto, pesei a tua amizade e a tua insolência
e, concluindo que a tua amizade é mais leve
e que a tua grosseria pesa mais, abandonei a tua amizade,
incapaz de suportar mais a tua insolência desonrosa.

100. DE ANTÍFANES

Para nós, homens, é curto todo o tempo que vivemos, desgraçados,
mesmo que a velhice encanecida a todos nos aguarde;

⁵⁹ A mesma comparação em 10.87.2.

⁶⁰ No original, a medida *litra* dá a idade do poeta, 72 anos, a partir das 72 peças em que, na Antiguidade tardia, esse peso em ouro costumava ser dividido.

mais ainda o da juventude. Enquanto dura a primavera da vida,
 que tudo seja em excesso – canções, amores e banquetes.
 Está à porta o duro inverno da velhice! E nem por dez minas⁶¹
 ficarás ereto – de tal forma dará pena a tua impotência.

101. DE BIANOR

Vede esta vaca que puxa o instrumento de arar a terra
 enquanto conduz a sua vitela que ainda mama,
 obedecendo ao boieiro que a comanda e esperando
 pela sua cria, assim cumprindo ambos deveres.
 Tu, lavrador que revolves a terra, tem calma, não satures
 aquela que suporta o duplo peso de dupla tarefa!

102. DE BASSO

Não me arraste um mar violento de tempestade, nem receba
 a calma da bonança preguiçosa que vem a seguir.
 O meio termo é o melhor; o mesmo com as ações dos homens:
 também nisso prefiro a suficiente justa medida.
 Afeiçoa-te a ela, querido Lâmpis, e recusa funestas tempestades:
 também na vida existem Zéfiro agradáveis.

103. DE FILODEMO

Não olhes de frente nem passes ao lado de um altar,
 antes leva, por uma dracma, tripas das boas⁶².

⁶¹ Dez minas são mil dracmas, muito mais do que o preço cobrado por uma prostituta.

⁶² Os vv. 1-2 estão bastante corrotos, e não é claro o seu sentido. Vd. Sider (1997: 176-177) [epigr. 32].

Agora, um só figo vale uma dracma; se esperares,
terás mil⁶³. Para os pobres, o tempo é um deus.

104. DO FILÓSOFO CRATES

Salve, deusa soberana, delícia dos homens de bem,
Frugalidade, rebento da nobre Temperança!
A tua virtude, honram-na quantos praticam a justiça,
[...]

105. DE SIMÓNIDES⁶⁴

Alegra-se um tal Teodoro porque morri; outro, por ele
se há de alegrar – à morte todos nos devemos.

106.

Muitos portam o tirso, mas poucos são os iniciados⁶⁵.

107. DE EURÍPIDES

Sem um deus, mortal algum é feliz⁶⁶.

⁶³ Para Giangrande (1963: 255-256) e Sider (1997: 176), o epigrama teria um sentido erótico, assente na ambiguidade do termo figo que, metaforicamente, designa – sobretudo na comédia – a vagina.

⁶⁴ Planudes considerou o epigrama Anónimo, e também Page (1981: 297) recusou a atribuição a Simónides.

⁶⁵ I.e., muita aparência e pouca verdade na vivência da religião.

⁶⁶ João Lido, historiador bizantino do séc. VI, confirma que o verso fazia parte do *Pelex* de Eurípides, tragédia que não conservamos.

107b. [DE EURÍPIDES]⁶⁷

Ai! Quão desiguais são as sortes dos homens!
 Uns são prósperos, e outros, embora venerem
 os deuses, só conhecem terríveis desgraças.

108. ANÓNIMO

Zeus soberano! Concede-nos as coisas boas, por elas supliquemos
 ou não, e afasta as más, mesmo que as supliquemos.

109. ANÓNIMO

Toda a razão é vã, se a não concretiza uma ação;
 mas que todo o ato tenha por princípio a razão.

110. DE ÉSKUILO

Não deve uma cria de leão criar-se na cidade,
 muito menos se deve criar um leão na cidade;
 se algum foi criado, atém-te às consequências⁶⁸.

111.

A inveja atinge-se a si mesma com as suas flechas.

⁶⁷ Os primeiros editores de **P** consideraram este epigrama e o anterior um só componente, mas na realidade eles constituem dois poemas distintos, do mesmo autor, embora o segundo surja no manuscrito sem atribuição.

⁶⁸ Estes três versos foram editados por Radt entre os fragmentos de Ésquilo de atribuição duvidosa (fr. 452). Os versos 1 e 3 são, nas *Rãs* de Aristófanes, parte de uma resposta de Ésquilo a Dioniso (vv. 1431-1432). A “cria de leão”, nessa comédia pelo menos, simboliza Alcibíades. Mas o epigrama pode também relacionar-se com o símile do *Agamémnon* de Ésquilo (vv. 717-736) sobre a introdução de um leão em casa e as suas consequências desastrosas.

112. ANÓNIMO

O vinho, os banhos e o prazer desmedido de Cípris
enviam para o Hades pela rota mais curta.

113. [DE TEÓGNIS]

Não pretendo nem peço ser rico; pudesse eu viver
do pouco que tenho, livre de qualquer mal!

114.

Lá em baixo há o julgamento, e também Tântalo⁶⁹; não duvido,
e pela minha pobreza antevejo o castigo debaixo da terra.

115. ANÓNIMO

Vive na razão, e estarás livre de necessidade.

116. ANÓNIMO

“Não há casamento que não conheça tempestade”,
dizem todos, e conscientes disso se casam.

117. [DE FOCÍLIDES]⁷⁰

Sou um amigo de verdade e como amigo trato o meu amigo;
aos malvados, todos sem exceção, dou-lhes as costas;
não elogio ninguém com hipocrisia; aqueles que eu estimo,
esses, do princípio ao fim lhes dedico o meu afeto.

⁶⁹ I.e. os castigos no além, de que o suplício de Tântalo era modelo.

⁷⁰ Atribuição recusada, entre outros, por Page (1981) 159, desde logo por não se conservarem nem haver notícia de poemas em dístico elegíaco escritos por Focílides.

118. ANÓNIMO

Como nasci? De onde venho? Para que vim? Para partir?
 Como posso aprender algo, eu que nada sei?
 Nada era ao nascer, e de novo serei o que outrora fui;
 nada, absolutamente nada vale a raça dos mortais.
 Vamos, serve-me o delicioso licor de Baco:
 ele sim é o remédio que cura os males!

119. ANÓNIMO

Alimentar muitos corpos e construir muitas casas
 é o caminho mais acertado para a pobreza.

120. [DE NONO]⁷¹

Qualquer mulher ama mais que o homem; por vergonha,
 porém, oculta o aguilhão do amor se está apaixonada.

121. DE RARO

Não causa tanto dano o que diz na cara que nos odeia
 como aquele que finge um afeto sincero;
 sabendo à partida quem nos odeia, podemos evitá-lo,
 mas do que diz que nos ama não nos preservamos.
 Esse considero o pior inimigo, aquele que em segredo
 me injuria, eu que confiava nele como amigo.

122. DE LUCIANO

De muito é capaz a divindade, mesmo do inesperado:
 acrescenta os pequenos e faz cair os poderosos;
 a tua sobrançeria e o teu orgulho ela os há de abater,

⁷¹ Os versos são, de facto, de Nono de Panópolis (*Dionisiacas* 42.209-210).

mesmo que um rio te traga correntes de ouro.
O junco e a malva, o vento nunca pode deitá-los ao chão,
mas sim os maiores carvalhos e os plátanos.

123. [DE ESOPO]

Sem a morte, como escapar-te, ó vida? Infindáveis
as tuas misérias, difíceis de suportar e evitar.
Doces são as tuas belezas naturais – a terra, o mar,
as estrelas, os ciclos da lua e do sol;
tudo o resto é medo e sofrimento; e se algo de bom
acontece, precede-o a vingança em resposta.

124. DE GLÍCON

Tudo é irrisório, tudo é cinza, tudo é nada:
tudo o que acontece vem do sem-sentido.

124b. DE GLÍCON

Crianças são preocupações! Que desgraça se algo lhes acontece;
e, mesmo vivas, são preocupações nada pequenas.
Uma esposa que seja boa tem em si algo que nos encanta,
mas a má faz da vida do seu marido um inferno.

125.

Um amigo é um assunto muito complicado; muitos,
ou quase todos, são amigos só de nome.

126.

Para o que dele se serve, um criado dedicado é um bem;
homem autossuficiente, porém, está mais livre de males.

ÍNDICE DE EPIGRAMATISTAS

Um ponto de interrogação assinala as atribuições duvidosas ou dúplices nos códices, bem como aqueles epigramatistas desconhecidos. Esta lista não contempla as discussões de autoria dos epigramas, apenas a sua atribuição nos manuscritos da *Antologia*.

- Adaio, da Macedónia (séc. I a.C.): 6.228, 258; 10.20
Adriano (Imperador) (séc. II): 6.332
Agátias, o Escolasta (séc. VI): 6.32, 41, 59, 72, 74, 76, 79, 80, 167; 10.14, 64, 66, 68-69
Ágis (? , Grinalda de Meleagro): 6.152
Alceu, de Messene (?) (séc. II a.C.): 6.218
Alexandre, da Magnésia (?): 6.182
Alfeu, de Mitilene (séc. I a.C.): 6.187?
Anacreonte, de Teos (séc. VI a.C.): 6.134-145, 346
Ânite, de Tégea (séc. III a.C.): 6.123, 153, 312
Anónimos (ou sem indicação): 6.6-8, 21-25, 37, 42, 45, 48, 49, 51, 87, 105, 130, 169, 171, 172, 177, 194, 283, 284, 291, 309, 324, 341, 342, 343, 344; 10.3, 9, 12, 30?, 33, 39, 43, 106, 108, 109, 111, 112, 114, 115, 116, 118, 119, 125, 126
Antífanés, da Macedónia (séc. I): 6.88; 10.100
Antífilo, de Bizâncio (séc. I a.C.): 6.95, 97, 199, 250, 252, 257; 10.17
Antípatro, de Sídon (séc. II a.C.): 6.10, 14, 15, 46, 109, 111, 115, 118, 159, 160, 174, 206, 219, 223, 276, 287; 10.2
Antípatro, de Tessalónica (séc. I a.C.): 6.47, 93, 198, 208, 209, 241, 249, 256, 335; 10.25
Antístio (? , Grinalda de Filippo): 6.237
Apolónides, de Esmirna (séc. I a.C.): 6.105, 238, 239; 10.19
Ariston, de Quios (?) (séc. III a.C.): 6.303, 306
Árquias, de Antioquia (séc. I a.C.): 6.16, 39, 179-181, 192, 195, 207; 10.7-8
Árquias, o Jovem (? , Grinalda de Filippo): 10.10

- Arquíloco, de Paros (séc. VII a.C.): 6.133
- Asclepiádes, de Samos (séc. III a.C.): 6.308
- Automedonte, de Cízico (séc. I a.C.-I d.C.): 10.23
- Baquílides, de Ceos (séc. V a.C.): 6.53, 313
- Basso (séc. I): 10.102
- Bianor, o Gramático (séc. I): 10.22, 101
- Calímaco, de Cirene (séc. III a.C.): 6.121, 146-150, 301, 310, 311, 347, 351
- Cornélio Longo (?): 6.191
- Crates, o Cínico (séc. IV a.C.): 10.104
- Crinágoras, de Mitilene (séc. I a.C.): 6.100, 161, 227, 229, 232, 242, 244, 253, 261, 345, 350; 10.24
- Damageto, do Peloponeso (séc. III a.C.): 6.277
- Damócaris, de Cós (séc. VI): 6.63
- Diodoro (?): 6.243, 245, 348
- Dionísio (?): 6.3
- Dioscórides (séc. III a.C.): 6.126, 220, 290
- Diotimo, de Adramiteu (séc. III a.C.): 6.267, 358
- Eratóstenes, o Escolasta (séc. VI): 6.77, 78
- Erício, de Cízico (séc. I a.C.): 6.96, 234, 255
- Erina (séc. IV a.C.): 6.352
- Ésquilo (séc. V a.C.): 10.110
- Esopo, da Frígia (séc. VI a.C.?): 10.123
- Ésquines, o Orador (de Mileto?, séc. I): 6.330
- Estatílio Flaco (séc. I a.C.): 6.193, 196
- Eufóron, de Cálcis (séc. III a.C.): 6.279
- Eurípides (séc. V a.C.): 10.107
- Eutólmio, o Escolasta (séc. IV-III a.C.): 6.86
- Falico, da Fócida (séc. IV-III a.C.): 6.165
- Fânias (?), Grinalda de Meleagro): 6.294, 295, 297, 304, 307
- Fédimo, de Bizante/ Amástris (séc. III a.C.): 6.271
- Filipo, de Tessalónica (séc. I): 6.5, 36, 38, 62, 90, 92, 94, 99, 101-104, 107, 203?, 231, 236, 240, 247, 251, 259

- Filitas, de Samos (? , Grinalda de Meleagro): 6.210
- Filodemo, de Gádara (séc. I a.C.): 6.246?, 349; 10.21, 103
- Focílides, de Mileto (séc. VI a.C.): 10.117?
- Gémino, Túlio (séc. I): 6.260
- Getúlico (séc. I): 6.190, 331
- Glícon (?): 10.124
- Hédilo, de Samos/ Atenas (séc. III a.C.): 6.292
- Hegesipo (séc. III a.C.): 6.124, 178, 266
- Isidoro, o Escolasta (? , Ciclo de Agátias): 6.58
- João, de Barbúculo, o Gramático (séc. VI): 6.55
- Juliano, Prefeito do Egito (séc. VI): 6.12, 18-20, 25, 26, 28, 29, 67, 68
- Júlio Díocles (séc. I a.C.- I d.C.): 6.186
- Lácon (?): 6.203?
- Leónidas, de Alexandria (séc. I): 6.321, 322, 324-329
- Leónidas, de Tarento (séc. III a.C.): 6.4, 13, 35, 43, 110?, 120, 129, 130, 131, 154, 188, 200, 202, 204, 205, 211, 221, 226, 262, 263, 281, 286, 288, 289, 293, 296, 298, 300, 302, 305, 309, 334, 355; 10.1
- Luciano, de Samósata (?) (séc. II): 6.17, 164; 10.26, 29, 30?, 31, 35-37, 41-42, 122
- Lucílio (séc. I): 6.166
- Macedónio, de Tessalónica (séc. VI): 6.30, 40, 56, 69, 70, 73, 83, 175, 176; 10.67, 70, 71
- Marco Argentário (séc. I): 6.201, 246?, 248, 333; 10.4, 18
- Mécio (séc. I a.C.): 6.33, 89, 230?, 233
- Meleagro, de Gádara (séc. I a.C.): 6.162, 163
- Mero, de Bizâncio (séc. III-II a.C.): 6.119, 189
- Mirino (? , Grinalda de Filipo): 6.108, 254
- Mnasalcas (séc. III a.C.): 6.9, 110?, 125, 128, 264, 268
- Nicarco (séc. I): 6.31?, 285?
- Nicéneto, de Samos (séc. III a.C.): 6.225
- Nícias, de Mileto (séc. III a.C.): 6.122, 127, 270
- Nicodemo, de Heracleia (?): 6.314-320, 323
- Nono, de Panópolis (séc. IV-V): 10.120
- Nóssis (séc. IV-III a.C.): 6.132, 265, 273?, 275, 353, 354

- Páladas, de Alexandria (séc. IV): 6.60, 61, 85; 10.32?, 34, 44, 45-63, 65, 72-73, 75, 77-99
- Pánkrates (? , Grinalda de Meleagro): 6.117, 356
- Paulo Silenciário (séc. VI): 6.54, 57, 64-66, 71, 75, 81, 82, 84, 168; 10.15, 74, 76
- Perses, de Tebas/ Macedónia (séc. IV-III a.C.): 6.112, 272, 274
- Platão (séc. IV a.C.): 6.1, 43
- Raro (?): 10.121
- Riano, de Creta (séc. III a.C.): 6.34, 173, 278
- Sabino, o Gramático (?): 6.158
- Safo, de Lesbos (séc. VI a.C.): 6.269?
- Samos (ou Sâmio) (séc. III-II a.C.): 6.116
- Sátiro, ou Sátrio (?): 6.11; 10.6, 11, 13
- Símias, de Rodes (séc. IV-III a.C.): 6.113, 114?
- Simónides, de Ceos (séc. VI-V a.C.): 6.2, 50, 52, 197, 212-216, 217?; 10.105?
- Talo (ou Talos), de Mileto (séc. I): 6.91, 235
- Teeteto, de Cirene (? , Grinalda de Meleagro): 6.357
- Teeteto, o Escolasta (séc. VI): 6.27; 10.16
- Teócrito, de Siracusa (III a.C.): 6.336-340
- Teodóridas, de Siracusa (séc. III a.C.): 6.155-157, 222, 224
- Teodoro (? , Grinalda de Meleagro): 6.282
- Teógnis, de Mégara (séc. VI a.C.): 10.40, 113
- Tiilo (séc. I a.C.): 6.170; 10.5
- Timnes, da Cária ou de Creta (séc. III a.C.): 6.151
- Tímon, de Fliunte (?) (séc. III a.C.): 10.38
- Zonas (séc. I a.C.): 6.22, 98, 106
- Zósimo, de Tasos (?): 6.15, 183-185

VOLUMES PUBLICADOS NA COLEÇÃO AUTORES
GREGOS E LATINOS – SÉRIE TEXTOS GREGOS

1. Delfim F. Leão e Maria do Céu Fialho: *Plutarco. Vidas Paralelas – Teseu e Rómulo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
2. Delfim F. Leão: *Plutarco. Obras Morais – O banquete dos Sete Sábios*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
3. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Banquete, Apologia de Sócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
4. Carlos de Jesus, José Luís Brandão, Martinho Soares, Rodolfo Lopes: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete I – Livros I-IV*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
5. Ália Rodrigues, Ana Elias Pinheiro, Ândrea Seiça, Carlos de Jesus, José Ribeiro Ferreira: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete II – Livros V-IX*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
6. Joaquim Pinheiro: *Plutarco. Obras Morais – Da Educação das Crianças*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
7. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Memoráveis*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
8. Carlos de Jesus: *Plutarco. Obras Morais – Diálogo sobre o Amor, Relatos de Amor*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
9. Ana Maria Guedes Ferreira e Ália Rosa Conceição Rodrigues: *Plutarco. Vidas Paralelas – Péricles e Fábio Máximo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

10. Paula Barata Dias: *Plutarco. Obras Morais - Como Distinguir um Adulador de um Amigo, Como Retirar Benefício dos Inimigos, Acerca do Número Excessivo de Amigos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
11. Bernardo Mota: *Plutarco. Obras Morais - Sobre a Face Visível no Orbe da Lua*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
12. J. A. Segurado e Campos: *Licurgo. Oração Contra Leócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH /CEC, 2010).
13. Carmen Soares e Roosevelt Rocha: *Plutarco. Obras Morais - Sobre o Afecto aos Filhos, Sobre a Música*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
14. José Luís Lopes Brandão: *Plutarco. Vidas de Galba e Otão*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
15. Marta Várzeas: *Plutarco. Vidas de Demóstenes e Cícero*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
16. Maria do Céu Fialho e Nuno Simões Rodrigues: *Plutarco. Vidas de Alcibíades e Coriolano*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
17. Glória Onelley e Ana Lúcia Curado: *Apolodoro. Contra Neera. [Demóstenes] 59*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
18. Rodolfo Lopes: *Platão. Timeu-Critias*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
19. Pedro Ribeiro Martins: *Pseudo-Xenofonte. A Constituição dos Atenienses*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2011).
20. Delfim F. Leão e José Luís L. Brandão: *Plutarco. Vidas de Sólon e Públicola*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2012).

21. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata I*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
22. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata II*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
23. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata III*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
24. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IV*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
25. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata V*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
26. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VI*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
27. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VII*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
28. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VIII*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
29. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IX*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
30. Reina Marisol Troca Pereira: *Hiérocles e Filágrio. Philogelos (O Gracejador)*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
31. J. A. Segurado e Campos: *Iseu. Discursos. VI. A herança de Filoctémon*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
32. Nelson Henrique da Silva Ferreira: *Aesopica: a fábula esópica e a tradição fabular grega*. Estudo, tradução do grego e notas. (Coimbra, CECH/IUC, 2013).

33. Carlos A. Martins de Jesus: *Baquíledes. Odes e Fragmentos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
34. Alessandra Jonas Neves de Oliveira: *Eurípides. Helena*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
35. Maria de Fátima Silva: *Aristófanes. Rãs*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
36. Nuno Simões Rodrigues: *Eurípides. Ifigénia entre os tauros*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
37. Aldo Dinucci & Alfredo Julien: *Epicteto. Encheiridion*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
38. Maria de Fátima Silva: *Teofrasto. Caracteres*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
39. Maria de Fátima Silva: *Aristófanes. O Dinheiro*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
40. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega, Epigramas Efrásticos (Livros II e III)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
41. Reina Marisol Troca Pereira: *Parténio. Sofrimentos de Amor*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).

42. Marta Várzeas: *Dionísio Longino. Do Sublime*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
43. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega. A Musa dos Rapazes (livro XII)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
44. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega. Apêndice de Planudes (livro XVI)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
45. Ana Maria César Pompeu, Maria Aparecida de Oliveira Silva & Maria de Fátima Silva: *Plutarco. Epítome da Comparação de Aristófanes e Menandro*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
46. Reina Marisol Troca Pereira: *Antonino Liberal. Metamorfoses (Μεταμορφώσεων Συναγωγή)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
47. Renan Marques Liparotti: *Plutarco. A Fortuna ou a Virtude de Alexandre Magno*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
48. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas Vários (livros IV, XIII, XIV, XV)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
49. Maria de Fátima Silva: *Cáriton. Quéreas e Calírroe*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).

50. Ana Alexandra Alves de Sousa (coord.): *Juramento. Dos fetos de oito meses. Das mulheres inférteis. Das doenças das jovens. Da superfetação. Da fetotomia*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2018).
51. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas de autores cristãos (livros I e VIII)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, IUC, 2018).
52. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas eróticos (Livro V)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, IUC, 2018).
53. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas votivos e morais (livros VI e X)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, IUC, 2018).

O livro VI da *Antologia Grega* inclui 358 epigramas votivos, peças pouco extensas que, destinadas a ser gravadas ou exercícios poéticos sobre um modelo mais antigo, expressam as razões da oferenda a uma divindade de objetos do dia-a-dia do indivíduo que os dedica. Simplicidade e sinceridade são os termos que melhor resumem a maioria destes textos.

Quanto ao livro X, já apelidado *livro de Páladas* pelo elevado número de composições desse poeta nele incluídas, contempla 126 epigramas que devem ler-se como ponto de chegada de uma tradição antiquíssima de poesia gnômica e moralizante. Oscilam estas composições entre o mais luminoso dos otimismo e o mais extremo pessimismo, pesando o prato da balança, com distinção, para o último.

OBRA PUBLICADA
COM A COORDENAÇÃO
CIENTÍFICA



C
ECH

CENTRO DE ESTUDOS
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

• U



C •

I
IMPRESSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS
U